

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

**A contrafactualidade como efeito de sentido – o caso das construções
contrafactuais das condicionais com *si/se* em espanhol e em português.**

LORENA MARIEL MENÓN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

São Paulo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul, amigo e profissional que admiro, por ter acreditado no meu trabalho e ter ampliado e aprofundado a minha reflexão sempre de forma muito presente, mas me dando toda a liberdade.

À Prof. Dra. Neide Maia González, por sempre ter me impulsionado e encorajado e por ter sido uma leitora generosa de minhas reflexões.

Ao professor e amigo Enrique Melone, primeiro leitor crítico das ideias que forjaram este trabalho, por ter me incentivado de forma entusiasta.

Aos meus pais, Palmira e Edilio, por terem sido os primeiros a incentivar e festejar a curiosidade em mim.

Ao professor José De Nicola, companheiro paciente e incondicional, por ter acompanhado passo a passo a evolução deste trabalho e instigado minha curiosidade, atiçando-a.

À Amanda, por ter qualificado comigo e, hoje, festejar comigo esta realização.

Una brújula

*Todas las cosas son palabras del
idioma en que Alguien o Algo, noche y día,
escribe esa infinita algarabía
que es la historia del mundo. En su tropel*

*pasan Cartago y Roma, yo, tú, él,
mi vida que no entiendo, esta agonía
de ser enigma, azar, criptografía
y toda la discordia de Babel.*

*Detrás del nombre hay lo que no se nombra;
hoy he sentido gravitar su sombra
en esta aguja azul, lúcida y leve,*

*que hacia el confín de un mar tiende su empeño,
con algo de reloj visto en un sueño
y algo de ave dormida que se mueve.*

Jorge Luis Borges

RESUMO

Esta dissertação de mestrado pretende apresentar a contrafactualidade como um complexo de efeitos de sentido, a partir da análise da expressão da contrafactualidade nas condicionais com *si/se* em espanhol e em português. Nosso ponto de partida foram os seguintes questionamentos, embora o percurso da investigação tenha nos levado a relativizar a causatividade que encerram: Por que convivem diferentes estruturas para a expressão da contrafactualidade em espanhol e também em português? Há equivalência entre elas? Por que as línguas em estudo, apesar de possuírem recursos linguísticos análogos, apresentam configurações diferenciadas ou que, quando equiparáveis, nem sempre são equivalentes?

Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, composta de três momentos reflexivos: a) a caracterização teórica das condicionais contrafactuais, particularmente as de passado, em cada uma das línguas em estudo; b) duas análises complementares do poema “Erro de português”, de Oswald de Andrade: uma a partir da tradução do poema e da retomada de uma análise de entrevistas feitas em 2003, articulando logicidade e sentido; outra a partir da versão original do poema, sob o viés teórico da Semântica Histórica da Enunciação; c) a análise de uma amostra com exemplos de construções condicionais contrafactuais de passado, em espanhol e em português, à maneira de estudos de caso, visando evidenciar a interação de construções condicionais com outros elementos discursivos para a expressão de efeitos de sentido contrafactuais de passado.

Palavras-chave: construções condicionais, contrafactualidade, efeitos de sentido, discursividade, espanhol/português.

ABSTRACT

This master's thesis aims to present counterfactuality as a complex of effects of meaning by analyzing the expression of counterfactuality in conditionals with *si/se* in Spanish and Portuguese. The following questions were used as a starting point, although the course of investigation led us to relativize the causativity they contain: Why do different structures for the expression of counterfactuality coexist in Spanish and also in Portuguese? Is there any equivalence between them? Why do the languages under study, despite having analogous linguistic features, exhibit configurations that are different or that, even when commensurate, are not always equivalent?

Therefore we carried out a qualitative investigation consisting of three points of reflection: a) theoretical characterization of counterfactual conditionals, particularly past conditionals, in each of the languages under study; b) two complementary analyses of the poem "Erro de Português" by Oswald de Andrade: one based on a translation of the poem and on a continued analysis of interviews conducted in 2003, connecting logicity and meaning, and the other based on the original version of the poem from the theoretical viewpoint of the Historical Semantics of Enunciation; c) case study-type analysis of a sample containing examples of past counterfactual conditional constructions in Spanish and Portuguese with a view to evidencing the interaction between conditional constructions and other discursive elements for the expression of past counterfactual effects of meaning.

Keywords: conditional constructions, counterfactuality, effects of meaning, discursiveness, Spanish/Portuguese.

RESUMEN

Esta disertación de maestría se propone presentar la contrafactualidad como un complejo de efectos de sentido, a partir del análisis de la expresión de la contrafactualidad en las condicionales con *si/se* en español y en portugués. Nuestro punto de partida fueron las siguientes preguntas, si bien el recorrido de la investigación nos ha llevado a relativizar la causalidad que encierran: ¿Por qué conviven diferentes estructuras para la expresión de la contrafactualidad en español y también en portugués? ¿Hay equivalencia entre ellas? ¿Por qué las lenguas en estudio, aunque cuentan con recursos lingüísticos análogos, presentan configuraciones diferenciadas o, cuando son equiparables, no siempre resultan equivalentes?

Para este estudio, desarrollamos una investigación cualitativa, compuesta por tres momentos de reflexión: a) la caracterización teórica de las condicionales contrafactuales, particularmente las de pasado, en cada una de las lenguas en estudio; b) dos análisis complementarios del poema "*Erro de português*", de Oswald de Andrade: uno a partir de la traducción del poema y de la revisión de un análisis de entrevistas hechas en 2003, articulando lógica y sentido; el otro a partir de la versión original del poema y desde el punto de vista teórico de la Semántica Histórica de la Enunciación; c) el análisis de una muestra con ejemplos de construcciones condicionales contrafactuales de pasado, en español y en portugués, como estudios de caso, con el objetivo de poner en evidencia la interacción de las construcciones condicionales con otros elementos discursivos para la expresión de efectos de sentido contrafactuales de pasado.

Palabras llave: construcciones condicionales, contrafactualidad, efectos de sentido, discursividad, español/portugués.

SUMÁRIO

Apresentação: Do Pois não à contrafactualidade – erro do português?.....	09
Introdução	17
Primeiro capítulo:	22
As condicionais contrafactuais de passado	
1.1. Definição e descrição.....	22
1.1. 1. O papel da prótase	23
1.1. 2. O papel da apódose	25
1.1. 3. Temporalidade e modalidade	26
1.1.4. A neutralização e os usos deslocados	28
1. 2. As combinações modo-temporais segundo manuais e gramáticas	33
1. 2. 1. Em espanhol	33
1. 2. 2. Em português	37
1. 3. As variantes contrafactuais de passado segundo a amostra	40
1. 3. 1. Em espanhol	40
1. 3. 2. Em português	44
1. 4. Primeiras observações	47
Segundo capítulo:	50
Uma análise fundamental: Erro de português	
2. 1. A análise das entrevistas	53

2. 2. Logicidade e sentido nas construções contrafactuais	61
2. 3. A análise da tradução da construção contrafactual do poema	65
2. 4. A ancoragem analítica para a análise semântica histórica da enunciação	72
2.5. A análise do poema	76
2. 6. Algumas conclusões	81
Terceiro capítulo:	
Estudo de casos: A contrafactualidade como efeito de sentido	
3.1. Parâmetros para a análise	84
3.2. Seleção e análise de casos	88
3.2.1. Em Espanhol	
3.2.1.1. Caso 1. Variante: <i>Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, potencial compuesto</i>	88
3.2.1.2. Caso 2. Variante: <i>Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo</i>	96
3.2.1.3. Caso 3. Variante: <i>Si + pretérito imperfecto del indicativo, pretérito imperfecto del indicativo</i>	104
3.2.1.4. Caso 4. Variante: <i>Si + pretérito imperfecto del subjuntivo, potencial compuesto</i>	109
3.2.2. Em português	
3.2.2.1. Caso 5. Variante: <i>Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto</i>	116
3.2.2.2. Caso 6. Variante: <i>Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo</i>	120
3.2.2.3. Caso 7. Variante: <i>Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo,</i>	126

pretérito mais-que-perfeito do indicativo.....	
3.2.2.4. Caso 8. Variante: Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo.....	131
3.3. Algumas conclusões gerais e contrastivas	138
4. Conclusões, reflexões e questionamentos finais	140
5. Referências bibliográficas	144
Apêndice I – Amostra completa	148
1. Exemplos em espanhol	148
1.a. Variante: <i>Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, potencial compuesto</i>	148
1.b. Variante: <i>Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo</i>	155
1.c. Variante: <i>Si + pretérito imperfecto del indicativo, pretérito imperfecto del indicativo</i> .	165
1.d. Variante: <i>Si + pretérito imperfecto del subjuntivo, potencial compuesto</i>	167
1. Exemplos em português	172
1.a. Variante: Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto	172
1.b. Variante: Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto	173
1.c. Variante: Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo	173
1.d. Variante: Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo	176
1.e. Variante: Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo..	181
1.f. Variante: Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo	189
Apêndice II – Questionários aplicados em 2003.....	192
1. Questionário aplicado a falantes de língua espanhola	192
2. Questionário aplicado a falantes brasileiros de língua portuguesa	193

APRESENTAÇÃO: “Do *Pois não* à contrafactualidade – erro do português?”

Na aprendizagem/aquisição de línguas estrangeiras podemos distinguir três momentos que acompanham o aprendiz ao longo de todo o processo: o momento da coincidência, o momento da não coincidência e o momento da subversão. É importante fazer a ressalva de que tais momentos com seus nomes são fruto da experiência pessoal como aprendiz de língua estrangeira e estão longe de serem conceitos ou noções teoricamente comprovadas ou respaldadas. No entanto, esta apresentação à maneira de depoimento me permite tal liberdade ‘acadêmica’. Logo, leiam-se como tais.

Quando falamos de ‘coincidência’, de ‘não coincidência’ e de ‘subversão’ não estamos falando do posicionamento do aspirante a falante de uma língua outra, mas, na verdade, das empatias de forma/sentido que provocam o confronto entre sua língua e a nova língua. E podemos já antecipar que esta investigação surge de um momento de subversão.

Na tentativa de reproduzir nossa perspectiva de visão de mundo, organizada e influenciada pela nossa própria língua, somos levados a transpor tal organização linguística e de sentido na língua outra que tentamos aprender/adquirir, quase de forma espelhada, porque somos ingenuamente crédulos de que a estruturação do mundo à nossa volta está dada a priori e independe do olhar particular que temos pelo nosso binóculo constitutivo — nossa própria língua e seus filtros históricos e sócio-culturais que a determinam e nos determinam. Mas isso só às vezes é possível, quando é possível. Quando a coincidência não é possível, entra a não coincidência (e com ela morre a ingenuidade de onipotência, o nosso binóculo vira mais um binóculo entre tantos outros); no entanto, parece-nos que a dicotomia entre coincidência e não coincidência não dá conta desse contraponto/encontro entre duas línguas: muito daquilo que as diferencia é subversão (e com ela aparece a vertigem de estar no limite extremo da ruptura, do exílio, de que fala Revuz).

Segundo Revuz (1998), a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas um sistema linguístico impregnado por um sistema de valores constitutivos, que determina qual é o saber que a língua permite construir. Conforme Payer (2005), retomando Revuz

(1998), “a *língua materna tem uma função estruturante no sujeito, como instrumento e matéria dessa estruturação*”, entendendo *matéria* como os sentidos e as formas de uma língua, que a identificam como tal, e *instrumento* como *dispositivo simbólico*, como gestor ativo e próprio de toda língua, que permite seu funcionamento.

Dessa forma, entendemos que o sujeito se faz sujeito na língua quando assujeitado constitutivamente por ela e, por conta desse assujeitamento, pode-se falar na construção da tríade língua/sujeito/sentido, que deixa marcas nas formulações linguísticas, provocando efeitos de sentido, pois é na materialidade linguística que os processos de significação se evidenciam na e pela língua, determinando “*o que pode e deve ser dito*”, (Pêcheux, 1998), e, ainda, como deve ser dito.

Dessa forma o assujeitamento primeiro, que é pela língua materna, é perturbado e questionado no contato com uma língua outra, principalmente nos momentos de subversão.

Na minha condição de hispanofalante aprendiz de português como língua estrangeira, o primeiro e primário contato consciente com a subversão foi o ‘*Pois não*’, unidade lexical que pode ser resumida em um simples ‘*sim*’ ou ‘*claro*’, ou, ainda, que pode ser reformulada por ‘*Posso ajudar?*’ ou ‘*Às suas ordens*’. A questão não girava em torno da falta de entendimento de sentido (que muito bem poderia ser associado com: ‘*sí*’, ‘*claro*’, ‘*como no*’, ‘*faltaría más*’, ‘*en qué lo podría ayudar*’, etc., do espanhol), mas centrava-se na dificuldade de assumir que não havia coincidência, nem não coincidência, mas subversão: a forma do ‘*Pois não*’ era a tradução literal de um *Pues no* que estranhamente não nega, mas afirma. Proferir um ‘*Pois não*’ perfeito quanto à sua adequação enunciativa era produzir uma *fala desafinada*¹, não dentro da língua outra, mas internamente, pela perturbação que provocara nas entranhas constitutivas da minha língua materna, no *estar-já-aí*² dela.

¹ *Fala desafinada* é uma expressão usada pela professora Neide T. M. González, para nomear as falas em que, às vezes por sutilezas quase indescritíveis, não há encontro entre o dizer do falante de uma L2 com a ordem da língua dessa L2. No caso, aproprio-me da expressão para designar uma sensação de fala desafinada interna, isto é, não são os outros, mas o próprio falante de L2 que a sente como tal, embora enunciativamente perfeita e “afinada”.

² Revuz, 1998.

A “naturalização” do ‘*Pois não*’ foi decisiva na minha aprendizagem/aquisição do português como língua estrangeira, pois representou a consciência e a aceitação da subversão nesse processo.

Já em um estágio avançado do meu processo de aprendizagem/aquisição, um fato linguístico mais complexo escancara novamente a subversão de forma perturbadora: a contrafactualidade, a expressão da irrealidade.

Na minha aula de português língua estrangeira, no caso das condicionais irrealis, observava uma equiparação significativa entre as duas línguas (entre o português e minha língua materna, o espanhol), na estruturação das formulações e nas características dos tempos verbais estipulados para tais formulações. Era um momento de prazerosa (e relativa e pérfida) coincidência.

Enquanto na artificialidade da sala de aula, por exemplo, era possível equiparar
Si hubiese sido una mañana de sol, el indio habría desvestido al portugués

a

Se tivesse sido uma manhã de sol, o índio teria despido o português

a possível materialidade equiparável deslocava-se na prática, no contato com a língua em funcionamento:

*Fosse uma manhã de sol / O índio **tinha despido** / O português*

diz o poeta Oswald de Andrade³, na tentativa de reproduzir formas do português brasileiro que na sua época já circulavam, mas que não estavam registradas em instrumentos normativos.

Ou ainda:

*Já estava louca para ir, mas se **soubesse** que ela canta tão bem, já **tinha ido** antes!*

*E o melhor: foi tudo de graça, pq se não **fosse** eu não **tinha ido**...*

³ Versos do poema *Erro de português*. In: Andrade, O. *O Santeiro do Mangue e outros poemas*. São Paulo: Globo: Secretaria do Estado da Cultura, p.95, 1991.

*Se fosse hoje **tinha feito** um seguro maior.
se **fosse** eu já **tinha aprendido** mto mais*
dizem os falantes de português⁴.

A subversão se apresenta na combinação dos tempos e dos modos e no valor que ocasiona essa combinação, pois desde a perspectiva de falante de espanhol como língua materna surge o questionamento: afinal, aconteceu ou não aconteceu? É real ou irreal o acontecimento? Junto com Revuz (1998), podemos afirmar que é a nossa língua fundadora que nos permite construir significações e, ao mesmo tempo, é ela a responsável pela percepção perturbadora de outras maneiras de construir significações.

Quando o poeta modernista escreve seus versos, com certeza, e não aleatoriamente⁵, seleciona uma estrutura possível para expressar uma condição irreal no passado: um tempo verbal do modo subjuntivo (*fosse*), o modo da incerteza, para criar um mundo hipotético, e um tempo verbal do modo indicativo (*tinha despido*), o modo da certeza, para apresentar um fato que não aconteceu e que não tem possibilidades de acontecer. Quase uma contradição levando em consideração o que versam os instrumentos metalinguísticos tradicionais sobre esses tempos e modos verbais; no entanto, não há dúvidas de que no português do Brasil trata-se de um fato imaginário, num mundo alternativo, não realizado e irrealizável.

Para expressar a mesma ideia em espanhol, uma tradução que respeitasse os tempos e modos utilizados pelo poeta, poderia produzir um *nonsense*, no mínimo um estranhamento. Em espanhol, a contradição não ficaria somente no plano do que versam os instrumentos metalinguísticos sobre o tema, mas também no plano dos efeitos de sentido.

Assim, para expressar a contrafactualidade sem transparecer equívocos, na língua hispânica, constrói-se de formas diferentes a irrealidade, desprezando formas perfectivas de

⁴ Exemplos em português do Brasil, extraídos de *blogs* e que compõem a primeira amostra (Menón: 2004), suporte das primeiras observações desta investigação.

⁵ Destacamos no poeta modernista brasileiro duas características fundamentais: o fato de retratar a fala do povo brasileiro na sua poesia e seu espírito de deboche, provocação e protesto.

indicativo na apódose (principal), como ancoradouro temporal. Essa condição tem implicações de efeito de sentido, pois ao usar o *pluscuamperfecto del indicativo* na apódose (principal), não fica claro se se trata de um fato acontecido ou não, possível ou impossível. No caso do tempo da prótase (subordinada), o *imperfecto del subjuntivo* só é possível de ser pensado na construção de uma contrafactual de passado quando se trata de um verbo estativo que não apresenta um valor aspectual episódico⁶ (como é o caso de ser manhã de sol), senão o valor que se pretendia contrafactual de passado pode se deslocar à potencialidade ou à contrafactualidade de presente.

Retomando os versos de Oswald de Andrade,

Fosse uma manhã de sol/ O índio tinha despido/ O português

seria possível parafraseá-los com o futuro do pretérito composto:

Fosse uma manhã de sol/ O índio teria despido/ O português

e ainda com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo:

Tivesse sido uma manhã de sol/ O índio teria despido/ O português

Mas o sentido contrafactual seria o mesmo? Não ganharia mais formalidade e ênfase contrafactual? Não perderia um pouco da expressividade coloquial que o poeta tentou evidenciar na versão original? Trata-se apenas de uma questão de coloquialidade? Afinal, são formas contrafactuais equivalentes dentro do português ou não?

Em espanhol seria possível pensar em uma frase como

(Si) Era una mañana de sol/ El indio desvestía/ Al portugués”

ou também,

(Si) Hubiese/Hubiera sido una mañana de sol/ El indio hubiese/hubiera/habría desvestido/ desvestía Al portugués”

mas dificilmente:

(Si) Fuese una mañana de sol/ El indio había/habría desvestido/ Al portugués.

⁶ Consideramos o valor aspectual episódico quando o verbo estativo não apresenta um evento que simplesmente subsiste (Chierchia, 2003), que perdura, mas que é também “renovável”. Esta característica de renovação dá o caráter episódico ao evento e, com ele, desloca o valor contrafactual para um valor potencial numa construção com o *imperfecto del subjuntivo* em construções em espanhol.

(Si) Hubiese/hubiera sido una mañana de sol/ El indio había desvestido/ Al portugués”

No entanto, também não podemos afirmar que as possíveis traduções sejam equivalentes na língua espanhola. Numa tradução do poema publicada em um livro didático em espanhol⁷, a construção privilegiada foi a que emprega o *pluscuamperfecto del subjuntivo* na prótase (subordinada) e na apódose (principal), o tempo por excelência da expressão da contrafactualidade, como aponta Kovacci (1994), reforçando a estrutura com a sua dupla presença como a estrutura contrafactual protótipo tanto para a oralidade como para a escrita em espanhol, como indica Montolío (2000) – mantendo, dessa forma, o tom informal do poema na sua versão original.

Seria, então, possível equiparar

Fosse uma manhã de sol/ O índio tinha despido/ O português

a

Hubiese sido una mañana de sol/ El indio hubiese desvestido/ Al portugués ?

Todos os efeitos de sentidos, todos os matizes da construção original foram atendidos na tradução?

Ao tentar dar conta dos fenômenos para a expressão da contrafactualidade nas línguas em estudo, observa-se que há uma aparente equivalência na *materialidade empírica* (acidentes característicos de um sistema linguístico, basicamente fonéticos, morfológicos e sintáticos), nos recursos linguísticos apresentados pelos saberes metalinguísticos sistematizados de ambas as línguas, porém estamos lidando com *sistemas simbólicos diferentes* (Orlandi, 2002), prova disso são os vestígios dos efeitos de sentido diferenciados provocados pelos possíveis (e impossíveis) arranjos linguísticos.

As tentativas de ‘tradução’ e de reformulação de uma estrutura de uma língua outra que subverte de forma complexa as combinações possíveis dentro da língua materna e o

⁷ GUIDO, María Rita (org.) *Lengua y Literatura II*. Buenos Aires: 2000, Editorial Estrada. P.172

próprio sentido a partir delas não são outra coisa que as tentativas também de ‘naturalizá-la’ e ‘domá-la’ (ou melhor, deixar-se domar por ela, entrando na ordem do discurso outra). Isto é: não se trata apenas de compreender e usar um “*Fosse uma manhã de sol/ O índio tinha despido/ O português*” de forma natural e adequada, mas também de forma tal que intimamente não ressoe como uma *fala desafinada*.

Hoje, embora aparentemente assujeitada à ordem do português, continuo a investigar sobre a contrafactualidade, sem perder de vista esse primeiro estranhamento intuitivo, porque considero importante refletir e entender de que forma a subversão intervém no processo de aprendizagem/aquisição de uma língua estrangeira. Além disso, esse momento de subversão e de contato/confronto com a língua estrangeira foi o que me fez refletir sobre a construção da irrealidade, tanto na minha língua como no português.

No caso da contrafactualidade de passado, fica evidente que, apesar de as línguas apresentarem alternativas estruturais análogas, os sujeitos não se inscrevem em articulações semelhantes no português (brasileiro) e no espanhol, e, em alguns casos, torna-se impossível o traspasso de uma formulação de uma língua para outra com o mesmo arranjo e/ou o mesmo efeito de sentido.

Por conta disso e levando em consideração que:

“A linguagem é um sistema de relações de sentidos onde, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um” (Sobrino, 1994. In: Orlandi: 1998, p. 20)

podemos começar por nos perguntarmos o que exatamente da materialidade incide diretamente como condição interpretante da mesma.

Na materialidade da língua, na sua *forma material*, encontramos a junção do elemento linguístico e o elemento histórico, isto é, o discurso. Daí ser possível falarmos em *ordem do discurso* (Orlandi, 1998), e atrelar a ele o sentido das formulações. Cabe, então, ao elemento histórico – presente na língua e, conseqüentemente, no sujeito assujeitado – a tarefa de significar, tornar significável, por meio de processos inconscientes e invisíveis, mas que se evidenciam no discurso.

Neste ponto, temos de reformular nossa tríade e montar a seguinte quadra: língua/sujeito/história/sentido. E a partir dela tentar interpretar a *estrutura/acontecimento* (Orlandi, 1993), que é o discurso, onde o sentido fica condicionado não só ao visível da estrutura, mas, sobretudo, ao invisível, embora presente, do acontecimento.

Reconhecendo ainda a univocidade de constituição de sujeito e sentido, tendo como base a língua, e a língua como uma *forma material* (Orlandi, 2002) em que o linguístico e o histórico se fundem, se fazem uma coisa só, consideramos a *imagem enunciativa* (Orlandi, 1993) dos enunciados – qual ressonância de formulações que persistem carregadas de significações antigas e/ou novas – como uma *memória simbólica do dizer*, instaurada pela historicidade e que se aplica diretamente ao que é *dizível e significável*, determinando-o, configurando-o.

Por conta disso, nesta pesquisa de mestrado, tentamos entender melhor a construção da irrealidade em ambas as línguas, estabelecendo cruzamento entre elas, tentando comportar uma análise sobre: a) as formulações possíveis e suas nuances diferenciadas de efeitos de sentido em ambas as línguas, b) a descrição das diferenças presentes nas formulações nas línguas em estudo quando contrastadas, e c) as implicações de sentido dessas diferenças presentes nas formulações possíveis e impossíveis em cada uma das línguas.

Finalmente, o objetivo mais audacioso é, a partir desta pesquisa, poder contribuir com uma reflexão maior sobre a aprendizagem/aquisição de línguas estrangeiras, levando em conta, como já foi dito, os vários momentos do complexo processo que envolve o encontro com uma língua outra, que não pode ser reduzido a, simplesmente, aquilo que é coincidente ou não coincidente com relação à língua materna. Há momentos de subversão e, às vezes, é neles que podemos encontrar empecilhos, desencadeadores e reviravoltas fundamentais.

INTRODUÇÃO

Em grande parte, o estudo das condicionais contrafactuais ou irrealis tem se preocupado no registro das estruturas mais frequentes e de suas combinações modotemporais, assim como também na discriminação entre formas padrão e formas coloquiais, tanto em português como em espanhol. No entanto, em ambas as línguas é possível observar que há mais de uma opção para a expressão de uma aparentemente idêntica noção de irrealidade. Até o momento, tais variantes e suas implicações de sentido e/ou suas (não) equivalências semânticas não têm sido objeto de destaque na maioria dos trabalhos relacionados.

Por conta disso, a importância deste trabalho reside na temática pouco explorada e na tentativa de pensar a materialidade da língua, na procura dos elementos menos óbvios, que dependem de associações implícitas e contextuais, que, no entanto, a configuram na sua forma mais concreta.

Além disso, a tentativa de entender melhor a expressão da contrafactualidade nas línguas em estudo é válida tanto como contribuição na reflexão linguística sobre cada uma delas, como também num trabalho reflexivo de ensino aprendizagem dessas línguas como línguas estrangeiras. Salvi & Tapadzi (1998) já pontavam a necessidade de “*fazer uma revisão das normas estabelecidas nas descrições tradicionais*” sobre as construções condicionais, levando em conta um trabalho com a oração condicional no português falado em Portugal e no Brasil, já que a “gramática tradicional” não dá conta da interpretação de certas construções. E, como bem coloca Martínez (1990), uma gramática que considerasse, além da divisão factual, não-factual e contrafactual, as variantes presentes dentro de cada uma das categorias condicionais, observando as nuances de efeitos de sentido que as mesmas podem desencadear, resultaria muito eficaz, principalmente para o ensino aprendizagem das línguas em estudo como línguas estrangeiras.

A análise de algumas dessas variantes empregadas para a manifestação da contrafactualidade em ambas as línguas será a base desta pesquisa. Achamos pertinente,

ainda, fazer um estudo paralelo e, por vezes, comparativo, da expressão da contrafactualidade em português e em espanhol, pois, ao lidar com as duas línguas em questão, por um lado, podemos verificar que, embora tendo recursos linguísticos análogos⁸, a combinação modo-temporal mesmo quando equiparável nem sempre é equivalente; e, por outro lado, podemos observar que em ambas as línguas temos construções variantes para expressar uma aparentemente idêntica noção de irrealidade, da qual desconfiamos.

Faz-se necessário, então, delimitarmos o que consideraremos como construções contrafactuais a serem objetos desta pesquisa. Em primeiro lugar, para caracterizar uma estrutura contrafactual, partiremos da definição de Martínez (1990), como toda expressão que enuncia um fato sobre o qual o falante tem consciência de que não foi/será realizado. No nosso trabalho, não teremos a consciência do falante como critério, mas assumimos que a estrutura contrafactual é aquela que se apresenta com esse valor de não-realização no mundo criado na enunciação. Em segundo lugar, estipulamos um recorte baseado numa noção temporal: interessam-nos as expressões contrafactuais de passado, isto é, as expressões contrafactuais que transportam o fato enunciado, o mundo alternativo criado, a um tempo anterior ao da enunciação. Em terceiro lugar, tomamos a estrutura clássica condicional como a configuração padrão dos enunciados a serem avaliados: *Si/Se p, q*, ressaltando que consideraremos somente aquelas estruturas condicionais introduzidas pela conjunção *si/se*.

Dessa forma, as construções contrafactuais de passado, na forma *Si/Se p, q*, introduzidas pela conjunção *si/se*, serão nosso objeto de pesquisa.

A partir das questões primeiras a respeito do nosso objeto e que desencadearam esta pesquisa, a saber: Por que convivem diferentes estruturas para a expressão da contrafactualidade em espanhol e também em português? Há equivalência entre elas? Por que as línguas em estudo, apesar de possuírem recursos linguísticos análogos, apresentam

⁸ Consideramos que as línguas em estudo apresentam recursos linguísticos análogos, levando em consideração que tanto em espanhol como em português há uma distribuição em paradigmas de formas verbais que podem ser equiparáveis, assim como também há analogia morfológica.

configurações diferenciadas ou que, quando equiparáveis, nem sempre são equivalentes?, decidimos realizar uma análise baseada em uma amostra.

A amostra está composta de enunciados efetivamente produzidos em cenas enunciativas efetivamente acontecidas e foi contruída por nós a partir de exemplos que consideramos relevantes. Sendo para esta pesquisa indispensável descrever e analisar exemplos reais de uso efetivo de estruturas para a expressão da contrafactualidade de passado, tentando evitar dentro do possível monitoramentos e preocupações normativas excessivas, optamos por procurar na internet nossos dados para análise, cientes de que comporemos uma amostra heterogênea. Na internet, tomamos como fontes de pesquisa diversas formas textuais (*blog* ou diário *on-line*, *chat* ou bate-papos, fóruns, comentários, entrevistas, etc.), tendo em comum o fato de se apresentarem como formas de interação escrita próxima da oralidade.

Cabe destacar que também serviram como dados de referência aqueles recolhidos para o primeiro estudo sobre as condicionais (Menón, 2004): uma amostra composta de exemplos concretos de estruturas condicionais contrafactuais em português e em espanhol, extraídos de *blogs*; e uma amostra composta de entrevistas feitas com falantes de ambas as línguas, com apreciações a respeito das variantes encontradas.

A amostra atual apresenta quarenta exemplos de estruturas condicionais contrafactuais de passado em espanhol e trinta e seis de português, totalizando setenta e seis exemplos, apresentados na sua totalidade no apêndice desta tese⁹.

Neste trabalho incluímos o percurso reflexivo que nos levou ao que chamamos de conclusões, a partir de nossos questionamentos primeiros: Por que existem tantas variantes para a expressão de uma mesma noção de irrealidade? Podemos considerar que expressam a mesma noção de irrealidade as variantes de construções contrafactuais numa mesma língua? Há ou não equivalências entre as formulações contrafactuais das línguas em estudo?

⁹ Parte da amostra é apresentada ao longo desta tese, principalmente nas análises do capítulo 3.

Para tanto, montamos dois capítulos. No primeiro, introduzimos conceitos gerais sobre as condicionais contrafactuais, sua caracterização, sua estrutura e as combinações modo-temporais em cada uma das línguas para a expressão da contrafactualidade em passado, na tentativa de entender o que se define como condicional contrafactual e de que maneira uma condicional contrafactual de passado se manifesta nas línguas em estudo.

No segundo, apresentamos duas análises complementares do poema “Erro de português”, de Oswald de Andrade:

a) a respeito do valor de verdade das condicionais contrafactuais de passado, articulando logicidade e sentido, a partir da retomada de uma análise de entrevistas feitas em 2003 e a análise da tradução do poema, para tentar entender o que produz a aceitação de uma estrutura e a não-aceitação de outra para a expressão da contrafactualidade;

b) a partir da versão original do poema, destacando principalmente a construção contrafactual de passado presente nele sob o viés teórico da Semântica Histórica da Enunciação, para evidenciar dados e elementos que reforçam a nossa desconfiança a respeito da “neutralidade” aparente de sentido entre as variantes de uma mesma variável, isto é, entre as várias construções para a expressão da contrafactualidade tanto em espanhol como em português.

Em seguida, apresentamos um terceiro capítulo: a análise desenvolvida a partir de alguns exemplos selecionados da amostra, à maneira de estudos de caso, visando evidenciar a interação de construções condicionais com outros elementos discursivos para a expressão de efeitos de sentido contrafactuais de passado.

Após a sequência de capítulos, voltaremos a nossas inquietações primeiras e apresentaremos as conclusões forjadas no decorrer da pesquisa, assim como também elencaremos as questões em aberto, frutos da reflexão e das conclusões deste trabalho.

Por último, é importante reforçar que esta pesquisa tem como objetivo fundamental realizar uma reflexão comparativa sobre o funcionamento de algumas construções contrafactuais, deixando de lado uma preocupação quantitativa ou de levantamento exaustivo das construções possíveis para a expressão da contrafactualidade nas línguas em estudo, que teria lugar num estudo de variação, que não é o perfil deste, embora para a avaliação de algumas formas sejam utilizadas conclusões obtidas por estudos desse tipo.

PRIMEIRO CAPÍTULO

AS CONDICIONAIS CONTRAFACTUAIS DE PASSADO

1. 1. DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO

A classificação clássica das condicionais distingue factuais (ou reais), não-factuais (ou potenciais) e contrafactuais (ou irrealis), sendo interessante notar que tal classificação está determinada pelo parecer subjetivo que elas expressam a respeito de dois mundos: o mundo da enunciação (mundo real), em que se enuncia a condicional, e o mundo criado simbolicamente (mundo projetado linguisticamente na e pela construção condicional). Dessa forma, nas condicionais factuais observa-se uma maior identificação entre os mundos, por apresentar uma suposição que pode ser cumprida efetivamente; enquanto, nas não-factuais, essa identificação é mais vaga ou distante. Já, nas contrafactuais, os dois mundos contrastam substancialmente, pois não há chances de identificação ou coincidência entre eles. Enquanto, nas factuais e não-factuais, podemos falar do contraste entre o mundo real e o mundo possível criado simbolicamente, nas contrafactuais, o mundo real contrasta com um mundo alternativo, nunca possível.

Como bem assinala Montolío (2000), essa relação entre os mundos fica materializada com o emprego de tempos e, principalmente, modos verbais específicos. Assim, o mundo real e o mundo possível expressado linguisticamente pela condicional com o emprego do indicativo apresentam um grau de coincidência máxima, levando em conta que se trata do modo da asserção. No entanto, quando se emprega o subjuntivo na condicional, o mundo real e o mundo possível criado simbolicamente apresentam uma coincidência mais ou menos provável, chegando ao ponto extremo da contrafactualidade, na qual a coincidência é impossível, ainda mais em se tratando das condicionais de passado.

Se bem concordamos com que os tempos verbais empregados numa determinada construção “materializam” a relação entre os mundos presentes numa construção condicional, acreditamos que os tempos verbais sejam mais um elemento na configuração

da noção de um determinado enunciado condicional. E isso não é diferente nas construções contrafactuais, pois, como apontam e provam Salvi & Tapazdi (1998):

“a contrafactualidade não é um significado conexo a uma determinada concordância dos modos e tempos verbais, mas sim um efeito semântico complexo que deriva da interação da morfosintaxe com o conteúdo proposicional da prótase e da apódose e com o contexto lingüístico e extralingüístico.”

Voltando à caracterização que fizemos na introdução sobre nosso objeto de estudo, vamos nos deter nas condicionais contrafactuais de passado com o esquema *Si/Se p, q.*, introduzidas pela conjunção *si/se*. Lembrando que o caráter contrafactual de uma construção está dado pelo contraste máximo entre o mundo real e o mundo criado simbolicamente, e que põe de manifesto o parecer de quem enuncia a respeito desse contraste, delimitamos nossa pesquisa à contrafactualidade de passado, isto é, quando o mundo criado simbolicamente se contrapõe ao mundo real que não é o presente da enunciação, mas um passado efetivamente já acontecido. Não há dúvidas de que estamos lidando com o limite do contraste do impossível.

É importante comentar que toda estrutura condicional compõe-se de um membro primeiro (não pela ordem em que aparece, embora essa seja a ordem canônica, mas porque sem ele não tem como se compreender o segundo, isto é, a compreensão do segundo membro depende do primeiro) chamado de prótase (ou subordinada), e de um segundo chamado de apódose (ou principal). Portanto a estrutura condicional se nos apresenta como um complexo no qual ambos os membros convergem na construção do sentido, de um pensamento unívoco¹⁰, no nosso caso, contrafactual.

1.1.1. O papel da prótase

Em primeiro lugar, vamos nos deter na descrição da prótase, dando destaque para a conunção que a introduz. Cabe destacar que, como já apontam os estudos desenvolvidos

¹⁰ Conceito baseado na dependência interna de uma construção condicional para a construção de seu sentido como tal, explicado no capítulo 2.

sobre as condicionais com a conjunção *si/se*, há dois pontos-chaves nas estruturas com essa conjunção: a complexidade e a subjetividade. Segundo Saldanya (2000), especialmente nas condicionais com *si/se*, a complexidade existe devido ao cruzamento entre valores temporais que atuam como modalizadores junto com os modos verbais dos tempos da prótase. Parafraseando Montolí (2000), o que faz que a seleção de estratégias para a construção da condicional seja claramente subjetiva é a eleição do indicativo ou do subjuntivo na prótase ou oração subordinada, que determina a expressão de um mundo real ou de um mundo irreal (mais possível ou menos possível), segundo o ponto de vista do falante. Segundo a linguista, a prótase introduzida pela conjunção *si*, tem como função “*crear una suposición, formulado en otros términos, un estado de cosas, un mundo posible, un marco discursivo, a partir del cual interpretar la información que sigue*”. Retomando Ducrot (1972), o *si/se* introduz o quadro do discurso (p), um dado de hipótese a ser aceito. O ‘*si/se p*’ se realiza como uma suposição, isto é, um ato pelo qual se exige a aceitação de uma hipótese para poder realizar o ato de afirmação de q. Para Ducrot (1972), a conjunção *si/se* funciona como a marca de uma relação de dependência entre as proposições e, ao mesmo tempo, entre os dois atos que elas representam: ‘solicitar a suposição de p’ e ‘afirmar q’.

Kovacci (1994), desde uma perspectiva mais estruturalista, afirma que a prótase é um “*modificador de modalidad*”, pois se trata de uma oração subordinada adverbial, ou seja, funciona como um advérbio. No entanto, afirma que, na língua espanhola, o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* é o tempo que caracteriza as condicionais contrafactuais, seja na prótase ou na apódose.

A literatura sobre as condicionais em português, paradoxalmente, apoia-se em que o comando recai na força da prótase (subordinada) e que se resgata apenas a referência temporal da apódose (subordinante). Isso validaria a tendência, em português, do emprego do imperfeito do subjuntivo na prótase de condicionais contrafactuais e o uso de tempos perfectivos do indicativo com referência ao passado na apódose, constatada por Moura Neves (2000), como veremos mais à frente nas combinações modo-temporais para a expressão da contrafactualidade em português e nas análises do capítulo seguinte.

Sendo assim, o tempo e o modo da prótase determinam se se trata de uma condicional factual, não-factual ou contrafactual — podemos observar uma gradação que vai da expressão da factualidade à contrafactualidade em prótases como: se ele está... (presente do indicativo), se ele estiver... (futuro do subjuntivo), se ele estivesse..., (imperfeito do subjuntivo), se ele tivesse estado... (mais-que-perfeito do subjuntivo) em português; *si está...* (*presente del indicativo*), *si estuviese / estuviera...*, (*imperfecto del subjuntivo*), *si hubiese / hubiera estado...* (*pluscuamperfecto del subjuntivo*) em espanhol.

Mas não só podemos distinguir condicionais factuais de contrafactuais, senão também diferentes formas de expressar uma ou outra. Ao focar especialmente as estruturas contrafactuais, podem ser distinguidas diferentes estruturas com variantes tanto na prótase como na apódose, dando variadas formas a esse mundo irreal. Essas variantes dentro das condicionais contrafactuais são exemplos concretos da complexidade e da subjetividade de tal estrutura em uso.

A prótase é, então, a alavanca subjetiva do mundo a ser criado simbolicamente e, ao mesmo tempo, o enquadramento do mesmo, fundamental para a composição do complexo condicional. No caso da contrafactualidade (como também no caso das condicionais factuais e não-factuais), o tipo de enquadramento antecipa o grau de distanciamento entre o mundo real e o mundo simbólico, pois modifica, utilizando as palavras de Kovacci (1994), o segundo membro, dando pistas de como deve ser interpretado. Sempre notando que essa gradação não se restringe apenas a factual, não-factual e contrafactual, mas também à gradação existente entre as variantes dentro de cada uma dessas categorias.

1.1.2. O papel da apódose

A primeira característica que chama a atenção da apódose é que, embora represente a oração principal do complexo condicional, ela depende semanticamente da prótase. Embora toda a atenção esteja focada na prótase, consideramos a apódose fundamental na

construção do pensamento unívoco¹¹, no nosso caso, contrafactual de passado, pelo fato de situar temporalmente o mundo alternativo criado simbolicamente num tempo anterior ao da enunciação.

Havendo ou não a presença de uma referência ao passado na prótase, é a apódose o membro encarregado de situar temporalmente o mundo alternativo. Pois, como aponta Gutiérrez (2000), tem de ser levado em conta o caráter dêitico dos tempos verbais na hora de interpretá-los e, particularmente ao falar de tempos verbais ligados por subordinação, em que existe uma relação de dependência, podemos observar uma dupla referência por parte do tempo subordinado (do tempo presente na prótase, no caso): o momento da enunciação e o tempo subordinante (presente na apódose). Dessa forma, podemos concluir que se bem a prótase determina o marco da expressão condicional, a configuração do mundo criado simbolicamente, principalmente da referência temporal do mesmo, só se completa levando em consideração o momento da enunciação e o tempo da apódose, que funciona como ancoragem temporal da expressão.

Esse dado é extremamente importante para avaliar as contrafactuals de passado, objeto de estudo de nossa pesquisa. Além disso, foi levando em consideração tais cruzamentos referenciais de tempo que pudemos incluir na categorização de contrafactual de passado uma nova variante em espanhol, observada na amostra (*si + pretérito imperfecto del subjuntivo, potencial perfecto*), apresentada mais adiante.

1.1.3. Temporalidade e modalidade¹²

Os tempos verbais¹³, sem dúvidas, são elementos fundamentais na configuração de uma construção condicional contrafactual; no entanto não podemos deixar de ressaltar que estamos

¹¹ Conceito que no capítulo 2 será explicado como a dependência interna de uma construção condicional para a construção do sentido de uma estrutura condicional.

¹² Não aleatoriamente excluimos, em parte, a aspectualidade. Tendo em vista que se trata de uma característica não-dêitica (Fernández: 2000), isto é, que não depende da situação comunicativa para sua interpretação; trata-se de uma característica ora de um tempo verbal sistematizado ou construção verbal, ora do valor semântico de um verbo.

falando de *categorias gramaticales deícticas* (Rojo & Veiga: 2000), que expressam uma orientação temporal em função de um ponto central de origem e/ou de referências temporais outras, também interpretadas a partir do ponto de origem. O ponto de origem é, de modo geral, coincidente com o momento de enunciação.

O reconhecimento de tais relações deícticas dos tempos verbais pode explicar, como bem assinalam Rojo & Veiga (2000), a “não” correlação verbal em algumas construções, tendo em vista regras gramaticais tradicionais.

Em função disso, ao fazer a análise de nossa amostra, optamos por levar em conta não só as características do *tempo sistematizado*, como nomeia Fiorin (1999) aos tempos verbais como categorias gramaticais, mas também a temporalidade linguística, que nos permite descrever a noção de passado contrafactual a partir da relação das orientações ao momento da enunciação e a referências temporais outras, presente no texto, da construção condicional empregada, já que o que nos interessa é a *concordância de sentido* e não apenas a *concordância formal*¹⁴, o *tempo harmonizado*¹⁵ e não apenas a “correspondência dos tempos”.

Outro elemento fundamental para nossa análise é a modalidade. E, embora consideremos a categoria gramatical modo verbal, fazendo a distinção fundamental entre o modo indicativo e o modo subjuntivo, optamos por falar em modalidade, posto que acreditamos que o valor modal de um enunciado é construído não só pelo *modo sistematizado*, parafraseando Fiorin (1999), mas também por outros elementos linguísticos e até não linguísticos que configuram um enunciado. Junto com Lavandera (1984), afirmamos que a modalidade de um enunciado se expressa por meio de sinais gramaticais e lexicais (e elementos não linguísticos) que, para ser um fragmento aceitável no discurso, têm de estar harmonizados¹⁶.

¹³ Articularemos comentários a respeito dos usos e características dos tempos e formas verbais presentes nas construções contrafactuais, junto com as noções de temporalidade e modalidade, nas análises desenvolvidas no terceiro capítulo.

¹⁴ Gutiérrez (2000) caracteriza a concordância formal como aquela que evidencia a combinação de tempos em função da forma verbal do evento principal, e não na linha temporal, onde é possível observar uma forma verbal adquirindo significados temporais secundários e valores modais, configurando uma concordância de sentido.

¹⁵ Fiorin (2000) fala em tempo harmonizado quando vários condicionamentos, principalmente ligados às referências e às relações temporais, são levados em conta para a caracterização de um tempo verbal.

¹⁶ É interessante notar que tanto em Fiorin (2000), para falar da compatibilidade temporal num enunciado, como em Lavandera (1984), para falar da construção de um valor modal num enunciado, a palavra utilizada é harmonia: “*tempo harmonizado*”, “*las distintas señales deben armonizar*”.

Considerando o nosso objeto de pesquisa, o paradigma tradicional de modo que distingue o modo indicativo, como o modo da asserção, e o modo subjuntivo, como o modo da não aserção ou da aserção não independizada, como sintetiza a maneira de explicação geral Ridruejo (2000), é de suma importância. No entanto tentamos ampliar tais noções, considerando valores de caráter epistêmico (asserção não confiável / não confirmada / não atualizada / não conclusiva de uma impossibilidade versus asserção confiável / confirmada / atualizada / conclusiva de uma impossibilidade) e valores de caráter deôntico (desejo), sendo que “*la modalidad deóntica implica también una determinada modalización epistémica, desde el momento en que la proposición a la que se refieren tiene carácter no factivo*” (Ridruejo: 2000), isto é, trata-se de uma asserção volitiva de uma impossibilidade.

Desde uma leitura sociolinguística, Lavandera (1984) levanta sua hipótese sobre a contribuição do estudo de uma *morfología de modos* como possibilitadora da interpretação de emissões verbales por meio de informações linguísticas que podem estar no texto ou fora dele. Nesse sentido, afirma que o modo subjuntivo adverte para não se confiar no conteúdo da emissão, sendo que o modo indicativo levaria a uma inferência diferente. E, embora não façamos um estudo sociolinguístico, o efeito de sentido distintivo que os modos podem aportar (ou não) numa construção é de nosso interesse.

Dessa forma, temporalidade e modalidade entram como vectores fundamentais para a análise de nossa amostra e como orientadores de nossas reflexões.

1.1.3 A neutralização e os usos deslocados

Nas condicionais, podemos observar o que Porto Dapena (1989) chama de “*neutralización de oposiciones basadas exclusivamente en el contenido temporal*”, observando as neutralizações entre o futuro do pretérito (*potencial simple*, em espanhol) e o pretérito imperfeito do indicativo (*pretérito imperfecto del indicativo*, em espanhol), e entre o futuro do pretérito composto (*potencial compuesto*, em espanhol) e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*pretérito pluscuamperfecto del indicativo*, em espanhol), por exemplo. No entanto, não fica muito claro o que é neutralizado dos valores temporais desses tempos e, ainda, se a neutralização é total.

Já em Rojo & Veiga (2000), fala-se de *usos deslocados*, isto é, considera-se que os tempos verbais possuem um valor reto, baseado em um valor temporal, e um valor deslocado, baseado em um valor modal adicional decorrente de um uso alternativo. O primeiro caso geral de deslocação é a aquisição de um valor modal de incertidumbre/probabilidade por parte de formas verbais em cujo valor reto aparece um vector de posterioridade com relação ao ponto de origem¹⁷ (o futuro empregado fazendo referência ao ponto de origem numa relação de simultaneidade, o que deriva num valor modal de incerteza: *¿Serán las diez?*). Um segundo caso geral de deslocação afeta formas verbais em cujo valor reto aparece um vector de anterioridade com relação ao ponto de origem, sejam formas indicativas ou subjuntivas, em usos nos quais apareçam com uma relação de simultaneidade a respeito do ponto de origem, dando lugar a um valor modal adicional de irrealidade, matizada por uma negação implícita (este segundo uso deslocado estará presente em várias das construções contrafactuais analisadas).

Tendo em vista as noções de temporalidade e de modalidade que norteiam nossa reflexão a respeito das construções contrafactuais, consideramos a noção de uso deslocado mais conveniente para avaliar os efeitos de sentido gerados pelas combinações observadas na amostra, quando estejamos descrevendo valores modais adicionais; e a noção de neutralização, para descrever equivalências apenas temporais entre formas verbais.

Ainda sobre os efeitos de sentido gerados a partir de usos deslocados, lançamos mão da descrição do que seria uma *vertigem temporal* ou *o tempo subvertido*, em Fiorin (2000). Segundo ele, a multiplicidade de significações, efeito da subversão temporal, está subordinada à categoria semântica *aproximação vs distanciamento*, e dela depende outras três: a) para efeitos de sentido temporais: *conjunção vs deslocação*; b) para efeitos de sentido modais: *realidade vs virtualidade*; c) para efeitos de sentido aspectuais: *inacabado vs começado*. Categorias semânticas que serão aproveitadas na análise da amostra.

¹⁷ Segundo Rojo & Veiga (2000), o ponto de origem ou ponto central é, geralmente, o momento da enunciação.

Ao longo da análise da amostra, notamos duas neutralizações nas construções contrafactuais de passado em português, que despertaram particularmente nossa atenção: entre o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo e o pretérito imperfeito do subjuntivo, na prótase, e entre o futuro do pretérito composto e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, na apódose. Mas desconfiamos de que as neutralizações sejam totais (isto é, que se trate de apenas uma neutralização temporal), já que não houve substituição de um tempo verbal por outro, mas há alternância entre os mesmos nas construções. Por que haveria mais de uma forma para expressar exatamente a mesma noção de contrafactualidade? O que afeta a neutralização aparente, se não há evidência de que afete o sentido contrafactual em si?

Destacamos essas duas neutralizações por não acontecerem, ou pelo menos não da mesma forma, em espanhol. Podendo afirmar que, como tentaremos evidenciar ao longo desta pesquisa e das análises: 1. os tempos equivalentes em espanhol da neutralização evidenciada na prótase das construções em português não manifestam a mesma neutralização na língua hispânica; pelo contrário, mantêm valores temporais distintos, sendo necessárias em espanhol referências extras de passado e valores aspectuais não episódicos para considerar uma construção com o *pretérito imperfecto del subjuntivo* uma construção contrafactual de passado; 2. os tempos equivalentes em espanhol da neutralização evidenciada na apódose das construções em português podem manifestar a mesma neutralização em condições muito mais restritas na língua hispânica, principalmente pelo condição perfectiva do tempo *pretérito pluscuamperfecto del indicativo*.

O *pretérito imperfecto del subjuntivo*, como bem observa Montolío (2000), apresenta uma “*diferencia nocional de carácter semántico-pragmático*” no seu uso na prótase das condicionais. A autora aponta o *pretérito imperfecto del subjuntivo* como o tempo mais “*lábil*”, isto é, mais versátil: pode criar um marco de enunciação em direção à potencialidade ou em direção à irrealidade. Para o primeiro caso, o mais comum, segundo Montolío (2000), é quando o mundo criado na enunciação tem alguma possibilidade de coincidir com a realidade, pois aquela está orientada ao futuro. Para o segundo, quando a

coincidência com o mundo real é impossível, o mundo criado na enunciação está orientado ao presente, mas não é coincidente com ele: é uma “*no realidad en el presente*”.

O emprego do *pretérito imperfecto del subjuntivo* na prótase das condicionais contrafactuais pode estar determinado, como aponta Montolío (2000), por diversos fatores: contexto extralinguístico, dêiticos temporais e verbos estativos (quando os verbos não são estativos, requiere-se o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* para a expressão da contrafactualidade em espanhol). No entanto e pensando nos dados da amostra e na análise de nosso poema de referência, o emprego do *pretérito imperfecto del subjuntivo* na prótase de condicionais contrafactuais de passado parece depender não só dos elementos mencionados acima, mas também da estatividade do evento, pois senão pode acontecer o cancelamento da permanência de um estado e com isso o cancelamento do valor contrafactual de passado.

Mas em todo momento o *pretérito imperfecto del subjuntivo* está associado a construções contrafactuais de presente, não de passado. Fato que tentaremos relativizar, levando em consideração a análise da amostra na qual há o emprego do tempo verbal em questão em construções que consideramos contrafactuais de passado, embora o *pretérito imperfecto del subjuntivo* mantenha a noção de presente, o que descaracteriza a neutralização evidenciada em português.

Já no português, Moura Neves (2000) observa que, nos casos em que a estrutura condicional está construída com o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase e com o futuro do pretérito composto na apódose, a contrafactualidade está dada pelo verbo da principal, pois é uma forma de passado terminado. Enquanto que, se se trata de uma apódose com o verbo no futuro do pretérito simples, a contrafactualidade se evidencia pelo já dito, pelo contexto e pelas informações compartilhadas entre os interlocutores, pois tanto na prótase como na apódose há tempos abertos. O único tempo que, segundo a autora, não deixa dúvidas sobre a contrafactualidade do enunciado é o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase, independentemente de aparecer o futuro do pretérito simples ou composto na apódose.

No entanto, Moura Neves (2000), além de mencionar o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo como o tempo da contrafactualidade por excelência, não deixa de citar que, em contrapartida, é o pretérito imperfeito do subjuntivo o tempo mais utilizado nas prótases de condicionais irrealis em português. Essa tendência explica o fato de que a prótase aporta uma noção de irrealidade que pode ser reforçada/completada pela ancoragem temporal da apódose, com o emprego de tempos perfectivos com referência ao passado, confirmando a estrutura com o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo na apódose como uma das possíveis e efetivas estruturas para a expressão da contrafactualidade em português.

Assim, a estrutura com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo pode funcionar ora como variante equivalente à *standard*, segundo a norma gramatical (se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto), ora como variante equivalente à estrutura com o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase e o futuro do pretérito composto na apódose.

Aparentemente, o efeito de sentido da neutralização entre o pretérito imperfeito do subjuntivo e o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo é a referência temporal do marco da contrafactualidade: ora um tempo passado mais recente, ora um tempo passado mais remoto, respectivamente. Seria apenas essa a única diferença presente? Não poderíamos vislumbrar aqui um caso de uso deslocado, com valores modais adicionais? E no caso do futuro do pretérito composto e do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, ambos os tempos perfectivos no passado, qual seria a diferença temporal sob a neutralização que permite a possibilidade da presença de ambas as opções na apódose contrafactual? Trata-se apenas de uma neutralização ou de um outro uso deslocado?

Podemos antecipar que, na construção das estruturas condicionais em estudo, entram em jogo não só combinações de formas verbais formalizáveis, senão também a combinação de outros recursos e/ou fatores que constroem o efeito de sentido, que consagram uma estrutura como contrafactual ou não, daí podermos falar em diferentes

estratégias utilizadas para a expressão de um mundo irreal, nos matizes das mesmas e nas possibilidades de expressão da contrafactualidade em português e em espanhol.

1. 2. AS COMBINAÇÕES MODO-TEMPORAIS SEGUNDO MANUAIS E GRAMÁTICAS

Achamos conveniente apresentar como as gramáticas tanto do espanhol como do português brasileiro abordam a correlação verbal para a expressão da contrafactualidade, sendo algumas de cunho normativo (apresentando as combinações levando em conta, principalmente, a *correspondência formal* de tempos) e outras de cunho descritivo (apresentando não só combinações que atendem a *correspondência formal*, mas também a *correspondência de sentido*, embora nem sempre sejam comentadas sob este ponto de vista). O objetivo é apresentar as construções normalmente consideradas como contrafactuais e observar de que forma se descrevem, quais são os elementos considerados na hora de se fazer algum tipo de classificação.

É importante ressaltar que esta pesquisa teórica foi o ponto de partida de toda a investigação a respeito da contrafactualidade, e foi determinante para sair à procura de mais elementos que pudessem dar conta das indagações sobre o assunto, já que a literatura pesquisada não respondia, principalmente, aos questionamentos sobre a neutralização (usos deslocados?) de tempos e modos nas construções contrafactuais, sobre a (não) equivalência entre as possíveis construções contrafactuais nem sobre a possível gradação entre elas.

1.2.1. Em espanhol

Na literatura em espanhol, Gómez Torrego (1999), ao explicar da contrafactualidade ou do que ele chama de “*enunciados irrealles o no verosímiles*”, reforça a necessidade de que a prótase tenha seu verbo no modo subjuntivo. No entanto, não faz nenhuma distinção

de matiz semântico na combinação de tempos específicos para a expressão da irrealidade, somente destaca as seguintes correlações verbais que considera possíveis para uma construção contrafactual, apontando a construção de uso coloquial:

Quadro 1

PRÓTASE	APÓDOSE	EXEMPLOS* ¹⁸
Pret. imperfecto del subjuntivo	Condicional simple	Si me tocara la lotería, iría contigo.
Pret. imperfecto del subjuntivo	Imperfecto del indicativo [USO COLOQUIAL]	Si me tocara la lotería, iba contigo.
Pret. pluscuamperfecto del subjuntivo	Pret. pluscuamperfecto del subjuntivo	Si lo hubiera sabido , hubiera ido .
Pret. pluscuamperfecto del subjuntivo	Condicional compuesto	Si lo hubiera sabido , habría ido .
Pret. pluscuamperfecto del subjuntivo	Condicional simple	Si hubieras jugado , ahora no estarías tan triste.

Por sua vez, Alarcos Llorach (2000) faz referência a dois tipos de condicionais contrafactuais ou, segundo ele, “irreales o de relación imposible”: aquelas em que aparece o *pretérito del subjuntivo* (pretérito imperfeito do subjuntivo) na prótase e aquelas em que aparece o *antepretérito ou pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* (pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo); as primeiras com a referência no presente ou no futuro, as segundas com a referência no passado.

Com relação à correlação verbal nas condicionais contrafactuais, Alarcos Llorach identifica:

¹⁸ Ejemplos extraídos de Gómez Torrego (1999).

Quadro 2

REFERÊNCIA	PRÓTASE	APÓDOSE	EXEMPLOS* ¹⁹
Presente — Futuro	Pretérito de subjuntivo (Pret. imperfecto del subjuntivo)	Pospretérito (Condicional simple)	Si esta tuviera dinero, gastaría un lujo asiático.
	Pretérito de subjuntivo (Pret. imperfecto del subjuntivo)	Pretérito de subjuntivo (Pret. imperfecto del subjuntivo) <small>[EN DESUSO]</small>	Si yo tuviera dineros [...] preguntara al señor mono qué me ha de suceder.
	Pretérito de subjuntivo (Pret. imperfecto del subjuntivo)	Copretérito (Imperfecto del indicativo) <small>[USO COLOQUIAL]</small>	Si yo pudiese trasladar aquí la Quinta, trasladaba .
Passado	Antepretérito de subjuntivo (Pret. pluscuamperfecto del subj.)	Antepretérito de subjuntivo (Pret. pluscuamperfecto del subj.)	Si usted no me hubiera recibido, hubiera pasado por delante de la verja de su Quinta siempre.
	Antepretérito de subjuntivo (Pret. pluscuamperfecto del subj.)	Antepospretérito (Condicional Compuesto)	Si te hubieses quedado, habrías visto algo bueno.
	Antepretérito de subjuntivo (Pret. pluscuamperfecto del subj.)	Pospretérito (Condicional simple)	No existiría [...] el nombre de la felicidad si no se hubiera dado al hombre [...] el consuelillo de esperarla.

Basicamente, os dois autores identificam dois tempos verbais do subjuntivo para a prótase e, praticamente, as mesmas correlações, sem fazer comentários sobre seus valores semânticos, salvo Alarcos Llorach quando fala da distinção referencial. Além disso, ambos os gramáticos destacam o que poderíamos chamar de valor social y de uso de algumas construções, identificando-as como de uso coloquial ou em desuso.

¹⁹ Exemplos extraídos de Alarcos Llorach (2000).

Desde um prisma mais descritivo da língua, Montolío (2000) relaciona para a expressão da contrafactualidade as seguintes estruturas:

Quadro 3

PRÓTASE	APÓDOSE	EXEMPLOS* ²⁰
Imperfecto del subjuntivo	Condicional simple	Si yo volviese a nacer, pues yo sería naturalista.
Pluscuamperfecto del subjuntivo	Pluscuamperfecto del subjuntivo [ESTRUTURA PROTOTÍPICA, ORALIDAD Y ESCRITURA]	Si no hubiera sido por la salud, hubiera seguido adelante.
Pluscuamperfecto del subjuntivo	Condicional compuesto [ESTRUTURA PROTOTÍPICA, ESCRITURA]	Si hubiese usado mis imágenes mentales [...] habría pensado en las reses que cuelgan en una carnicería.
Pluscuamperfecto del subjuntivo	Condicional [GENERALMENTE CON VERBOS ESTATIVOS EN LA APÓDOSIS Y DINÁMICOS EN LA PRÓTASIS]	Si hubiese escuchado a mi hermano a estas horas estaría en Hollywood.
Pluscuamperfecto del subjuntivo	Pluscuamperfecto del indicativo [LENGUA ORAL INFORMAL, EJEMPLO DE NEUTRALIZACIÓN MODAL]	Si nosotros hubiéramos querido , lo habíamos dado , ¿eh?.
Pluscuamperfecto del indicativo	Pluscuamperfecto del indicativo [VARIEDAD SUBESTÁNDAR, NEUTRALIZACIÓN MODAL]	Si había ganado esa oposición, habíamos hecho una gran fiesta.
Presente del indicativo	Presente del indicativo [ORAL, SENTIDO DE PASADO Y DE IRREALIDAD EN EL DISCURSO PREVIO]	Si llego a saberlo a tiempo, lo impido .

Os três últimos casos, que não aparecem nas outras gramáticas citadas, apresentam características comuns: empregam-se em situações coloquiais e apresentam usos deslocados²¹ das formas verbais, pois extraem o sentido de irrealidade do discurso anterior ao que se relaciona a estrutura condicional e/ou das relações temporais da construção como um todo, e adicionam valores modais adicionais de presentividade, de maior credibilidade

²⁰ Ejemplos extraídos de Montolío (2000).

²¹ Embora Montolío (2000) utilize “neutralização”, no nosso comentário seguimos a distinção prévia sobre o que consideramos neutralização e uso deslocado.

na realização se houvesse alguma possibilidade (embora, ao mesmo tempo, se saiba que não chances de realização).

Se bem observamos maiores comentários a respeito das construções possíveis para a expressão da contrafactualidade e um maior número de exemplos de variantes, reitera-se a identificação de valor social e de uso e a referência temporal (contrafactualidade em presente ou em passado), e não se faz referência a possíveis nuances de sentido entre as variantes apresentadas para uma mesma noção de contrafactualidade. No entanto a quantidade maior de variantes apresentadas nos faz refletir sobre nossos questionamentos.

1.1. 2. Em português

Já em português, Garcia (1976) assinala que as condicionais de realização impossível se expressam através de verbos em tempos perfectivos (tempos de ação completa), dando como estrutura padrão:

Quadro 4

PRÓTASE	APÓDOSE	EXEMPLO*²²
<i>Mais-que-perfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito composto</i>	<i>Se me tivessem convidado, teria ido.</i>

O gramático reforça essa correlação destacando que se trata de tempos de ação completa, acabada; a diferencia do imperfeito do subjuntivo e do futuro do pretérito simples, tempos que expressam uma ação incompleta e, conseqüentemente, estão impossibilitados de expressar contrafactualidade, mas sim potencialidade.

No entanto, Mendes de Almeida (1980) afirma que a inexistência do fato constrói a contrafactualidade e que a mesma pode se expressar das seguintes maneiras:

²² Exemplo extraído de García (1976).

Quadro 5

PRÓTASE	APÓDOSE	EXEMPLOS* ²³
<i>Imperfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito simple</i>	<i>Se pudesse falar, não estaria escrevendo.</i>
<i>Imperfeito do subjuntivo</i>	<i>Imperfeito do indicativo</i> [SEGÚN NOTA DEL AUTOR, LENGUAJE CLÁSICO, EN QUE LA LIBERTAD ES MAYOR]	<i>Se ele vivesse, não existias tu agora.</i>
<i>Mais-que-perfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito simples</i>	<i>Se tivesse podido falar, [...] nem estaria outra vez escrevendo.</i>
<i>Mais-que-perfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito composto</i>	<i>Tivesse eu estudado, teria passado.</i>

Bechara (1985), por sua vez, fazendo a distinção da referência presente e passado, assinala que para se expressar sobre um fato não realizado e/ou que não se realizará, as estruturas são:

Quadro 6

REFERÊNCIA	PRÓTASE	APÓDOSE	EXEMPLOS* ²⁴
<i>Presente</i>	<i>Imperfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito simples</i>	<i>Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.</i>
<i>Passado</i>	<i>Imperfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito simples</i>	<i>Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.</i>
	<i>Mais-que-perfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito composto</i>	<i>Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.</i>

Numa abordagem mais descritiva e menos normativa, Moura Neves (2000) observa a neutralização de tempos e modos verbais e a presença de elementos co-textuais e contextuais na construção do sentido contrafactual de construções variantes, apresentando como exemplos as seguintes estruturas possíveis para a expressão da contuactualidade:

²³ Exemplos extraídos de Mendes de Almeida (1980).

²⁴ Exemplos extraídos de Bechara (1985).

Quadro 7

PRÓTASE	APÓDOSE	EXEMPLOS* ²⁵
<i>Pretérito imperfeito do subjuntivo</i>	<i>Pretérito imperfeito do indicativo</i>	<i>Se eu não cuidasse de mim, hoje estava na rua da amargura.</i>
<i>Pretérito imperfeito do subjuntivo</i>	<i>Mais-que-perfeito do indicativo</i>	<i>Se eu soubesse, não tinha dito nada.</i>
<i>Pretérito imperfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito simples</i>	<i>Seria tão bom se fosse isso!</i>
<i>Pretérito imperfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito composto</i>	<i>Se sua mãe não fosse louca, tudo teria sido muito simples.</i>
<i>Mais-que-perfeito do subjuntivo</i>	<i>Pretérito imperfeito do indicativo</i>	<i>Se tivesse me ouvido, nada disso acontecia.</i>
<i>Mais-que-perfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito simples</i>	<i>Se você tivesse nascido no mesmo dia 22 de março, mas às 18 horas, o seu ascendente ficaria assim.</i>
<i>Mais-que-perfeito do subjuntivo</i>	<i>Futuro do pretérito composto</i>	<i>Se não tivesse ido buscar o advogado, não teria caído com a cara na pedra.</i>
<i>Pretérito perfeito do indicativo</i>	<i>Presente do subjuntivo</i>	<i>Eu morra se mandei matar esse novilho!</i>
<i>Presente do indicativo</i>	<i>Pretérito imperfeito do indicativo</i>	<i>Se eu não chego a tempo, o senhor bebia todo o rio Paraíba.</i>

Nas gramáticas consultadas em português há um claro distanciamento entre a abordagem normativa e a abordagem descritiva, naquela há uma forte uniformidade entre as fontes pesquisadas, nas quais não se apresentam casos de neutralização (muito menos de usos deslocados); nesta o leque maior de variantes revela não só neutralização e usos deslocados, mas também a grande quantidade de construções possíveis para a expressão da contrafactualidade, o que atçou nossos questionamentos principais: Por que existem tantas variantes para a expressão de uma mesma noção de irrealidade? Podemos considerar que expressam a mesma noção de irrealidade?

1. 3. AS VARIANTES CONTRAFCTUAIS DE PASSADO SEGUNDO A AMOSTRA

A partir de uma amostra montada em 2003, continuamos levantando exemplos contrafactuais ao longo dos anos de 2006 e 2007, dentro do mesmo suporte -- internet -- e considerando as mesmas características textuais. Cabe destacar que, em função de procurarmos identificar diferenças de valor entre as variantes encontradas para a expressão da contrafactualidade, os exemplos geralmente são longos, pois o contexto discursivo em que aparecem é um elemento de análise de muita importância para nossa investigação.

Além disso, como já foi comentado, a amostra é heterogênea, embora apresente características discursivas em comum, por se tratar de textos escritos sem preocupação formal, e tenha sido extraída de um único suporte: a internet. Tal heterogeneidade, no entanto, não interfere neste trabalho, pois o caráter qualitativo da pesquisa permite a variedade de exemplos selecionados em função da análise de construções condicionais relevantes que sirvam como estudos de caso.

Na tentativa de começar a análise prévia e geral dos exemplos que temos em mãos, fizemos uma agrupação comentada das variantes encontradas, destacando principalmente os tempos e modos empregados na construção contrafactual presentes nos enunciados.

No capítulo 3, apresentamos os estudos de casos, análises realizadas a partir de exemplos selecionados desta amostra.

1. 3. 1. Em espanhol

Em espanhol, confirma-se o emprego das estruturas consideradas como as de maior frequência nos instrumentos metalinguísticos para a expressão da contrafactualidade, não ficando apenas como uma variante formal ou muito cuidada. Mas, por outro lado,

²⁵ Ejemplos extraídos de Moura Neves (2000).

observamos uma outra construção não mencionada em nenhuma literatura consultada sobre o assunto como uma variante contrafactual de passado.

a) A estrutura I para a expressão da contrafactualidade

Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, potencial compuesto

Embora os exemplos que compõem a amostra tenham sido extraídos de um meio escrito informal de expressão (evidente não só pelo suporte em si, mas também pela seleção lexical, o emprego de frases cortadas, descuido na pontuação, na acentuação gráfica e na ortografia), prevalece o emprego da forma mais destacada pelos instrumentos normativos (e das variantes apresentadas a seguir em b), indicada pela norma gramatical: *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo*, na prótase; *potencial compuesto*, na apódose. Neste caso, a contrafactualidade está claramente expressada pela moldura modal da subordinada, assim como também pela noção temporal da subordinante²⁶.

É interessante notar que nesta combinação de formas verbais temos a alternância, no caso do *pluscuamperfecto del subjuntivo*, entre o *hubiese* + particípio e o *hubiera* + particípio. Martínez (1993), na tentativa de ‘desneutralizar’ a alternância fez a seguinte distinção entre as formas supostamente equivalentes: *hubiese* + particípio traz a noção de impossibilidade; *hubiera* + particípio, a noção de incerteza, baseada no significado etimológico dessas formas, já que a primeira forma provém do *pluscuamperfecto subjuntivo latino* e a segunda, do *pluscuamperfecto indicativo latino*.²⁷

²⁶ É interessante notar a força contrafactual de passado que pode exercer o *potencial compuesto* na apódose, combinando sua ancoragem temporal com elementos contextuais:

*Hola a todos una vez mas, puesto que nadie escribe ningun debate o algo en q discutir lo hare yo. A quien le parece q Frodo tira un tanto de mierdas en la historia. La verdad q yo soy uno de esos. No hay q quitarle merito por llevar esa gran carga, pero la verdad q es un poco paquete y aqui digo mis razones. Primero ofrece el Anillo Unico a mucha gente y si alguno de estos personajes lo llega a aceptar todo se **habria ido** a la mierda.*

<http://boards3.melodysoft.com/app?ID=la-tierra-media&msg=371>

²⁷ Segundo Martínez (1993), a opção por *hubiese* + particípio apresenta um efeito de sentido de asseveração negativa forte, enquanto a opção *hubiera* + particípio, um efeito de asseveração mais débil, o que implicaria

b) A estrutura II para a expressão da contrafactualidade

Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo

Sendo o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* o tempo que caracteriza as condicionais contrafactuais, seja na prótase ou na apódose, Kovacci (1994), a variante II apresenta a duplicação do tempo verbal no complexo condicional. Neste caso, a noção de irrealidade não está somente presente na moldura do mundo alternativo, mas também na sua ancoragem temporal.²⁸

c) A estrutura identificada como “coloquial” para a expressão da contrafactualidade

Si + pretérito imperfecto del indicativo, pretérito imperfecto del indicativo

O emprego do *imperfecto del indicativo* tanto na prótase como na apódose de uma condicional para a expressão da contrafactualidade depende do contexto linguístico e situacional nos quais o enunciado se encontra inserido, pois o *imperfecto del indicativo* não traz consigo a noção de irrealidade ou de impossibilidade. No entanto, como afirma Martínez (1990), a noção de “duratividade” do tempo em questão aproxima o mundo criado linguisticamente ao presente da enunciação, evidenciando assim um efeito de maior confiança na possibilidade de realização, embora se trate de um enunciado contrafactual de passado -- portanto um evento apresentado como impossível.

d) A estrutura “nova”²⁹ para a expressão da contrafactualidade

maior confiança na realização do evento, embora continue se tratando de uma contrafactual. Tais observações serviram de pontos de referência na nossa análise, no terceiro capítulo.

²⁸ Novamente cabe retomar Martínez (1993), ainda mais porque nesses casos observamos a alternância do *pluscuamperfecto del subjuntivo* com *hubiese* e *hubiera* tanto na prótase como na apódose.

²⁹ Não se trata de uma estrutura nova na língua, mas de uma estrutura que consideramos “nova” por não constar nos instrumentos metalingüísticos pesquisados, mas presente na nossa amostra.

Na amostra, aparece uma construção não citada na literatura consultada sobre a contrafactualidade em español. Esta estrutura não registrada, quando contrastada com a estrutura formada por *imperfecto del subjuntivo* na prótase e *potencial simple* na apódose, com registro nas gramáticas citadas e comentadas neste relatório, evidencia a noção contrafactual e não potencial da variante.

Retomando Montolío (2000), é possível a expressão da contrafactualidade com a estrutura *imperfecto del subjuntivo* na prótase e *potencial simple* na apódose quando o verbo da subordinada é um verbo estativo³⁰, já que o tempo da principal faz referência ao presente, sendo uma contrafactual de presente.

No entanto, a estrutura *imperfecto del subjuntivo* na prótase e *potencial compuesto* na apódose, apresenta-se como uma possível variante de contrafactual de passado em casos com verbos estativos na prótase que, mantendo a referência no presente da enunciação, apoiam-se na ancoragem temporal de passado do tempo da principal, que ao remeter ao passado, nega toda possibilidade de futura realização. Cabe destacar que aparentemente o emprego de tal estrutura contrafactual de passado restringe-se ainda nas construções com a presença de estatividade do verbo da prótase, isto é, a condição de verbo estativo não basta para que possamos considerar a estrutura como uma variante contrafactual de passado. Esse dado, observado na amostra e na análise do nosso poema de referência em português (vide o próximo capítulo), formará parte dos elementos que nortearão nossa futura análise.

³⁰ Ao fazer referência aos verbos estativos, cabe mencionar que, parafraseando Moreno Cabrera (2002), os verbos têm uma determinada valência e expressam diferentes tipos de eventos, que podem ser classificados considerando dois parâmetros: dinamismo — fazendo a distinção entre eventos que expressam acontecimentos e os que expressam uma situação estável — e control — fazendo a distinção entre os eventos que são controlados e os que são espontâneos. Os verbos estativos, segundo Vilela (1995), são aqueles com os quais se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que isso implique imutabilidade.

1. 3. 2. Em português

Ao examinar a amostra em português, destacaram-se duas possibilidades apenas para a prótase: pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo, podendo ser combinadas com apódoses com pretérito imperfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo e futuro do pretérito composto.

a) A estrutura mais reconhecida nos instrumentos normativos para a expressão da contrafactualidade

Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto
--

A estrutura com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase e o futuro do pretérito composto na apódose é a estrutura que poderíamos considerar padrão, modelo, segundo a norma gramatical para a expressão da contrafactualidade de passado em português³¹, fato coincidente com o que consta nos instrumentos metalinguísticos em espanhol sobre o assunto. No entanto, desconfiamos de que haja uma equivalência de efeitos de sentido entre as variantes de ambas as línguas, além da noção de contrafactualidade. Em função disso, essa questão acompanhará nossa futura análise dos exemplos da amostra e dos cruzamentos entre elas.

b) A estrutura alternativa da variante anterior (a).

Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto

³¹ No “corpus” do português do Brasil, analisado por Salvi & Tapazdi (1998), aparece só um exemplo com esta estrutura.

Como já foi comentado, Moura Neves (2000), além de mencionar que o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo é o tempo da contrafactualidade por excelência, não deixa passar o fato de que, no entanto, é o pretérito imperfecto do subjuntivo o tempo mais utilizado nas prótases de condicionais irrealis. Essa tendência é observável na amostra em português, sem restringir o emprego do pretérito imperfecto do subjuntivo a verbos estativos em circunstâncias particulares, como é o caso do espanhol.

A diferença básica de referência temporal entre o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo e o pretérito imperfecto do subjuntivo em construções contrafactuais de passado: um tempo passado remoto e um tempo passado recente, respectivamente. Tais noções temporais são nuances de uma neutralização possível no português, a diferença do espanhol, pois o *pretérito imperfecto del subjuntivo*, mesmo nas construções que consideramos contrafactuais de passado, mantém como referência o presente.

Cabe, no entanto, fazermos uma pergunta: a diferença básica não implicaria num valro adicional que relativizaria a neutralização entre o emprego do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo e o pretérito imperfecto do subjuntivo? A alternância desses tempos implicaria somente numa diferença de valor temporal?

c) A estrutura variante sem registro nos instrumentos normativos

Se + pretérito imperfecto do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo
--

Relacionada nos dados de Moura Neves (2000) como uma das estruturas para a expressão da contrafactualidade, a estrutura com o imperfecto do subjuntivo na prótase e pretérito mais-que-perfeito do indicativo na apódose (variante presente no nosso poema de referência) aparece com uma frequência alta na amostra. No trabalho de Salvi & Tapazdi (1998), tal estrutura está presente somente nos exemplos de português do Brasil, nos quais os pesquisadores observam que “*o imperfecto do conjuntivo se usa com valor de mais-que-perfeito do conjuntivo*”.

Se considerarmos a estrutura descrita em b como uma variante da estrutura padrão (a), temos de considerar esta estrutura (c) como uma variante de b e ao mesmo tempo de a? Qual é a nuance de diferença entre b e c? São questionamentos a serem levados em consideração na futura análise da amostra.

d) A estrutura variante com o mais-que-perfeito do indicativo

Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo

É interessante comentar que, por um lado, a estrutura da variante com o mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase e o mais-que-perfeito do indicativo na apódose não consta nos dados de Moura Neves (2000), mas, por outro lado, consta como exemplo de condicional contrafactual de passado na Gramática de Língua Portuguesa organizada por professores de diversas universidades portuguesas (Brito:2003).³² Ainda é interessante comentar que não apareceram exemplos desta estrutura na amostra de Salvi & Tapadzi (1998) no português de europeu, apontado como dado “curioso”, pois não era esperada a ausência de exemplos com a combinação do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase com o condicional composto ou com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo na apódose, por se tratar de “exemplos clássicos de períodos de irrealidade”.

e) A estrutura variante com os dois imperfeitos

Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo

A diferença do espanhol, tanto tempos verbais de carácter perfectivo como durativo do indicativo na apódose não parecem interferir na expressão da contrafactualidade em

³² O exemplo que consta em Brito (2003) é o seguinte: “Se tivesse chovido em Portugal em 1981, não tinha/teria havido seca.”. Como é possível observar, apresenta-se como uma alternância possível entre um ou outro tempo composto, sem acrescentar comentários a respeito de algum tipo de nuance.

português, tendo em vista que é possível, como vimos, a presença do mais-que-perfeito do indicativo e, neste caso, a presença do imperfeito do indicativo.

Mas é interessante notar que não encontramos na amostra exemplos com o imperfeito do indicativo na prótase (também não constam nos dados de Moura Neves, 2000), o que é muito frequente em espanhol.³³

f) A estrutura variante com o imperfeito do indicativo na apódose

Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo
--

Como já mencionamos e vimos ao longo dos exemplos da amostra, é possível o emprego do imperfeito do subjuntivo com valor de passado. E, como podemos observar, a alternância na prótase em português na nossa amostra se limita ao emprego ou do imperfeito do subjuntivo ou do mais-que-perfeito do subjuntivo, combinados com três tempos na apódose, a saber: imperfeito do indicativo, futuro do pretérito ou mais-que-perfeito do indicativo.

Por conta disso, será muito importante analisar com muita atenção a suposta neutralização existente entre as possibilidades de tempos para a prótase e, ainda, as variantes de ancoragem temporal na apódose.

1.4. PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES

³³ Em Kobashi (2006), observamos exemplos de condicionais em português em que aparece o pretérito imperfeito do indicativo tanto na apódose, como na prótase. No entanto, não apresentam valor contrafactual. De acordo com a classificação porposta por Kobashi, são exemplos de condicionais que “expressam a idéia de contraoposição e/ou concessão”, podendo ser parafraseadas com a ajuda de “se por um lado... por outro...”:

“*Se eu não tava trabalhando lá fora, mas eu arrumava um serviço para mim fazê em casa...*”

“*casava... si gostava ou nu gostava, era a mesma coisa*”

Kobashi, C. M. (2006) *As orações condicionais no português popular: ordenação e significados*. Estudos Lingüísticos XXXV, p. 454-463. Disponível em: <http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/1106.pdf>

Até aqui poderíamos destacar os seguintes pontos:

1. a estrutura considerada mais modelar, presente nos instrumentos metalinguísticos para a expressão contrafactual de passado, é a mesma em ambas as línguas, no entanto não parecem equiparáveis totalmente;
2. enquanto o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* se confirma como o tempo contrafactual por excelência na prótase em espanhol, o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo alterna com o pretérito imperfeito do subjuntivo em português³⁴;
3. enquanto o emprego do *pretérito imperfecto del subjuntivo* em contrafactuais de passado em espanhol está circunscrito a particularidades que permitem sua aparição sem perder sua referência ao presente, o emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo em português aparenta uma neutralização temporal ampla com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo³⁵;
4. enquanto em português é possível o emprego de tempos perfectivos de indicativo na apódose (o pretérito mais-que-perfeito do indicativo) para a expressão da contrafactualidade, não constam exemplos na amostra da possibilidade de uma variante com o *pretérito pluscuamperfecto del indicativo* em apódoses contrafactuais em espanhol;
36
5. enquanto na amostra em português só os tempos pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo se alternam na prótase, em espanhol observamos a alternância entre o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* (ambas as formas), *pretérito imperfecto del subjuntivo* (variante nova, com a prótase com referência ao presente) e *pretérito imperfecto del indicativo*³⁷.

³⁴ Tal alternância entre o imperfeito do subjuntivo e o mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase de orações condicionais em português, tanto de Portugal como do Brasil, fora apontada no trabalho de Salvi & Tapazdi (1998). Dado que é reforçado na amostra e com a análise desta pesquisa.

³⁵ Dado também apontado em Salvi & Tapazdi (1998) e que se apresenta como uma das semelhanças mais importantes entre o português de Portugal e o português do Brasil: “o imperfeito do conjuntivo pode ter o valor do mais-que-perfeito do conjuntivo”.

³⁶ É importante lembrar que constam exemplos com o *pretérito pluscuamperfecto del indicativo* na apódose de construções condicionais contrafactuais tanto em Montolíó (2000) como em Cartagena (2000), este último citando exemplos de Alarcos (1995) e Esgueva & Cantarero (1981).

³⁷ Nos dados de Salvi & Tapazdi, na amostra em português do Brasil (embora não façamos a distinção entre português de Portugal e do Brasil) há uma frequência baixa do emprego do imperfeito do indicativo em construções com o imperfeito do subjuntivo e o mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase.

Em função da observação dos exemplos da amostra, podemos afirmar que, mesmo tendo recursos linguísticos análogos (tempos e modos verbais), as línguas em estudo não constroem a contrafactualidade da mesma forma. Além disso, podemos manter a nossa desconfiança a respeito das neutralizações aparentes e levantar a hipótese de que as variantes encontradas são diferentes formas de expressar a contrafactualidade, sem que sejam equiparáveis totalmente, pois criam efeitos de sentido distintos.

Fazendo uma recapitulação dos dados da amostra, podemos montar o seguinte quadro com as estruturas das variantes para a expressão da contrafactualidade de passado que são nosso objeto de análise:

Quadro 8

EM ESPANHOL		EM PORTUGUÊS	
PRÓTASE	APÓDOSE	PRÓTASE	APÓDOSE
<i>SI + PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO</i>	<i>POTENCIAL COMPUESTO</i>	<i>SE + PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO</i>
<i>SI + PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO</i>	<i>SE + PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO</i>
<i>SI + PRETÉRITO IMPERFECTO DEL INDICATIVO</i>	<i>PRETÉRITO IMPERFECTO DEL INDICATIVO</i>	<i>SE + PRETÉRITO MASI-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO IMPERFECTO DO INDICATIVO</i>
<i>SI + PRETÉRITO IMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO</i>	<i>POTENCIAL COMPUESTO</i>	<i>SE + PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO</i>
		<i>SE + PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO</i>
		<i>SE + PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO</i>

Finalmente, gostaríamos de retomar nossos questionamentos primeiros: Por que convivem diferentes estruturas para a expressão da contrafactualidade em espanhol e também em português? Há equivalência entre elas? Por que as línguas em estudo, apesar de possuírem recursos linguísticos análogos, apresentam configurações diferenciadas ou que, quando equiparáveis, nem sempre são equivalentes?

Tentaremos responder a esses questionamentos a partir da análise da amostra apresentada, considerando as conclusões das análises do nosso poema de referência, no capítulo 2, e as conclusões dos estudos de caso, presentes no capítulo 3.

SEGUNDO CAPÍTULO

2. UMA ANÁLISE FUNDAMENTAL: ERRO DE PORTUGUÊS.

Erro de português

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva

Vestiu o índio

Que pena!

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despido

O português.

Oswald de Andrade ³⁸

Como vimos no primeiro capítulo, ao pensar nas possíveis materialidades linguísticas capazes de expressar a irrealidade no português do Brasil, as formas várias para construí-la revelam a maleabilidade de suas estruturas a partir dos recursos existentes em seu sistema linguístico e, além disso, a partir de fatores outros que, embora não sejam materialmente linguísticos, afetam diretamente o nível simbólico das construções.

Especialmente no caso das condicionais irrealis no passado, observa-se, de modo geral, uma gama de possíveis construções, que, apesar de se apresentarem como alternativas significativamente semelhantes, não são equiparáveis e, em alguns casos, torna-se impossível o traspasso de uma formulação para outra com o mesmo efeito de sentido.

Do ponto de vista da semântica lógica, o primeiro modelo de análise que consideraremos, as formulações condicionais só podem ser consideradas como tais quando há univocidade de sentido entre as partes que a compõem. Dessa forma, entre a proposição subordinada condicional e a proposição principal consequente há um nexo intrínseco de sentido, que dá lugar a um todo que expressa um único pensamento.

³⁸ Andrade, O. *O Santeiro do Mangue e outros poemas*. São Paulo: Globo: Secretaria do Estado da Cultura, p.95, 1991.

Levando em conta a noção de ‘pensamento unívoco’, quando o poeta escreve “*Fosse uma manhã de sol / o índio tinha despido / o português*”, com certeza, e não aleatoriamente³⁹, seleciona uma estrutura possível para expressar uma condição irreal no passado: um tempo verbal do modo subjuntivo (*fosse*), o modo da incerteza, para criar um mundo hipotético, e um tempo verbal do modo indicativo (*tinha despido*), o modo da certeza, para apresentar um fato que não aconteceu e que não tem possibilidades de acontecer. Quase uma contradição ao fazer uma reflexão em torno da teoria metalinguística tradicional e normativa sobre tempos e modos verbais; no entanto, não há dúvidas de que no português do Brasil trata-se de um fato imaginário, num mundo alternativo, não realizado e irrealizável.

Todavia, para expressar a mesma ideia contrafactual, o poeta poderia ter escolhido outras formulações. Retomando os versos de Oswald de Andrade,

Fosse uma manhã de sol/ O índio tinha despido/ O português

seria possível parafraseá-los com o futuro do pretérito composto:

Fosse uma manhã de sol/ O índio teria despido/ O português

e ainda com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo e o futuro do pretérito composto:

Tivesse sido uma manhã de sol/ O índio teria despido/ O português.

Mas o sentido construído no enunciado contrafactual seria o mesmo? Seriam apenas variantes equivalentes? O poema teria a mesma significação com qualquer estrutura contrafactual? Não ganharia mais formalidade e ênfase contrafactual? Não perderia um pouco da expressividade coloquial que o poeta tentou evidenciar na versão original? Os efeitos de sentido se limitam à contrafactualidade ou à formalidade das construções? Afinal, são formas contrafactuais equivalentes dentro do português ou não?

³⁹ Cabe destacar que a obra do poeta modernista tem entre suas características fundamentais o fato de dar voz a personagens que representam segmentos marginalizados do povo brasileiro e o seu espírito de deboche, provocação e protesto. O emprego dessa estrutura contrafactual no começo do século XX deve ter soado de forma estranha e agredido os ouvidos dos mais “puristas”; hoje (e embora não aceita “oficialmente”), a estrutura faz parte das variantes possíveis para a expressão da contrafactualidade no português brasileiro.

Além disso e retomando a noção de ‘pensamento unívoco’, enquanto a construção contrafactual com o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo na apódose em português se apresenta como tal, um pensamento unívoco, não é aplicável nas mesmas condições na língua espanhola. Para expressar a mesma ideia em espanhol, uma tradução que respeitasse os tempos e modos utilizados pelo poeta, especialmente na principal, poderia produzir um *nonsense*, no mínimo um estranhamento, afetando diretamente o sentido unívoco. Em espanhol, a subversão não ficaria somente no plano do que versam os instrumentos metalinguísticos, mas também no plano dos efeitos de sentido.

Isso poderia explicar, por exemplo, a tradução dos versos: *Hubiese sido una mañana de sol / el indio hubiese desvestido al portugués.*⁴⁰, em que, embora tendo em mãos os mesmos tempos verbais da língua portuguesa, escolhem-se formas do *pluscuamperfecto del subjuntivo* (mais-que-perfeito do subjuntivo).

Neste capítulo, a partir das inquietações primeiras a respeito do objeto em questão, tentaremos apresentar uma análise do poema, tendo como foco o enunciado contrafactual de passado. Nossa análise divir-se-á em dois grandes momentos:

1. sob o olhar da logicidade e do sentido considerado em função do valor de verdade, apoiados nos conceitos de pensamento hipotético (Fregue: 1998) e de complexo hipotético (Fregue: 2002), a) retomaremos a análise desenvolvida com base em uma amostra de estruturas condicionais em português e em espanhol⁴¹ e em entrevistas feitas em 2003 com falantes de ambas as línguas que evidenciam a existência e a falta de univocidade de pensamento⁴² e as implicâncias diretas na (in-)eficácia das estruturas condicionais contrafactuais; b) apresentaremos um panorama sobre a contrafactualidade, o valor de

⁴⁰ GUIDO, María Rita (org.) *Lengua y Literatura II*. Buenos Aires: 2000, Editorial Estrada. P.172.

⁴¹ Para a análise, considera-se o português do Brasil e um espanhol mais amplo, não delimitado, pois nas entrevistas trabalha-se com nativos de nacionalidades diversas (espanhola, mexicana, argentina, boliviana, uruguaia, etc.).

⁴² Consideramos a “univocidade de pensamento”, que encontramos na Semântica Lógica, como a característica fundamental de uma construção contrafactual, a qual é conformada na co-dependência de sentido dos seus membros (prótase e apódose).

verdade, a logicidade e os efeitos de sentido da estrutura da condicional contrafactual de passado; c) faremos uma análise da tradução ao espanhol dos versos oswaldianos, observando especialmente a condicional contrafactual de passado, presente no poema; para, finalmente, tentar evidenciar de que maneira a logicidade de uma estrutura contrafactual está sujeita aos efeitos de sentido, trabalhando o valor de verdade em função do pensamento unívoco, que configura uma proposição complexa, como o é uma condicional irreal.

2. sob a articulação das noções de sentido e referência de Frege (1998), a aparelhagem teórica da Semântica Histórica da Enunciação, segundo Guimarães (2005), e elementos da teoria polifônica de Ducrot (1987; 2001), para tentar apresentar as formulações contrafactuais possíveis como caminhos interpretativos diferenciados para a expressão da irrealidade, marcadas pelo acontecimento enunciativo, e não como meras variantes.

2. 1. A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Na amostra com exemplos de estruturas condicionais contrafactuais⁴³, analisado em Menón (2004), evidenciamos que, mesmo tendo aparentemente recursos linguísticos análogos, a seleção modo-temporal não é equivalente na expressão da irrealidade nas línguas em estudo, pois as estratégias não são as mesmas para a construção das estruturas mais comuns.

Além disso, inclusive quando os arranjos linguísticos poderiam ser considerados gramaticalmente equiparáveis, as variantes podem gerar efeitos de sentido diferentes em

⁴³ Os dados que compõem a amostra de 2003 são exemplos de estruturas condicionais contrafactuais em português e em espanhol, extraídos de *blogs*. Foram extraídos uns 25 exemplos de estruturas condicionais contrafactuais de cada uma das línguas. Após a análise da amostra, foi feita uma classificação, considerando as estruturas mais frequentes (vide quadro abaixo).

EM ESPANHOL		EM PORTUGUÊS	
PRÓTASE	APÓDOSE	PRÓTASE	APÓDOSE
PRET.PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJ	POTENCIAL COMPUESTO / PRET. PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJ	PRET MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJ	FUT DO PRETÉRITO COMPOSTO
IMPERFECTO DEL SUBJ	POTENCIAL COMPUESTO	PRET IMPERFEITO DO SUBJ	PRET MAIS-QUE-PERFEITO DO INDIC

uma ou outra língua. Isso é observável, por exemplo, quando no português apresenta-se o ancoradouro temporal com o *pretérito mais-que-perfeito do indicativo*, desconsiderando sua noção modal de certeza (ou deslocando-o?; ou reformulando-o?) e mantendo seu caráter temporal de pretérito acabado e remoto; já que, em espanhol, tal característica modo-temporal do *pretérito pluscuamperfecto del indicativo* não parece dissociável (ou pelo menos não com a mesma intensidade e naturalidade que em português nas condicionais contrafactuais). Ou, ainda, quando no português o pretérito imperfeito do subjuntivo se apresenta como uma alternativa para o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase, assumindo a referência no passado e podendo substituir o tempo composto em aparentemente todos os casos, o que não parece possível em espanhol, já que o *pretérito imperfecto del subjuntivo* só aparece em construções contrafactuais de passado quando se trata de verbos estativos relacionados a eventos não episódicos, além de manter a referência no presente.

Com base nas primeiras impressões sobre o assunto, analisamos um conjunto de entrevistas com falantes de ambas as línguas, realizadas mostrando exemplos extraídos da amostra previamente montado com estruturas contrafactuais encontradas em *blogs*, em português e em espanhol.

Para a coleta de informações através de entrevistas com os falantes, tomamos dois exemplos da amostra em espanhol e dois da amostra em português. Todos os exemplos se reproduziram na sua forma original e em estruturas variantes⁴⁴, sempre na língua em que foram produzidos originalmente.

⁴⁴ As estruturas das entrevistas classificam-se em: **estruturas consideradas padrão** (em português: pret. mais-que-perfeito do subjuntivo + fut.do pret.composto / pret.imperfeito do subjuntivo + fut.do pret.composto; em espanhol: *pret.pluscuamperfecto del subjuntivo + potencial compuesto* ou *pret.pluscuamperfecto del subjuntivo / pret.imperfeito del subjuntivo + potencial compuesto* ou *pret.pluscuamperfecto del subjuntivo*); **estruturas recorrentes na amostra** (em português: pret.imperfeito do subjuntivo + pret. mais-que-perfeito do indicativo; em espanhol: *pret imperfecto del subjuntivo + potencial compuesto*); **estruturas a serem testadas** (em português: pret. mais-que-perfeito do subjuntivo + pret. mais-que-perfeito do *indicativo*; em espanhol: *pret.pluscuamperfecto del subjuntivo + pret.pluscuamperfecto del indicativo*).

Vide esquemas a seguir:

EXEMPLOS EM ESPANHOL		EXEMPLOS EM PORTUGUÊS		
PRÓTASE	APÓDOSE	PRÓTASE	APÓDOSE	
A	SI + IMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO	POTENCIAL COMPUESTO O PRET. PLUSCUAMP. DEL SUBJ.	A SE + IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO
B	SI + PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO	POTENCIAL COMPUESTO O PRET. PLUSCUAMP. DEL SUBJ.	B SE + IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO
C	SI + PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO	PRET. PLUSCUAMPERFECTO DEL INDICATIVO	C SE + PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO	FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO
			D SE + PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

EXEMPLOS EM ESPANHOL		EXEMPLOS EM PORTUGUÊS	
I		I	
A	Estoy tan quemado por el sol que si fuera un poco más miedoso habría ido al médico esta mañana	A	...se o presidente FHC tivesse noção que ia ser do jeito que foi, ele não tinha aceitado a tese da reeleição.
B	Estoy tan quemado por el sol que si hubiese/ra sido un poco más miedoso habría ido al médico esta mañana	B	...se o presidente FHC tivesse noção que ia ser do jeito que foi, ele não teria aceitado a tese da reeleição.
C	Estoy tan quemado por el sol que si hubiese/ra sido un poco más miedoso había ido al médico esta mañana	C	...se o presidente FHC tivesse tido noção que ia ser do jeito que foi, ele não tinha aceitado a tese da reeleição.
		D	...se o presidente FHC tivesse tido noção que ia ser do jeito que foi, ele não teria aceitado a tese da reeleição.
II		II	
A	Si eso sucediera , el pronóstico malintencionado habría sido suministrado por un yo que nunca tendría la posibilidad de existir, por culpa de su propia imbecilidad.	A	A minha irmã falou q se fosse com ela tinha ido até o 55, hehe!!
B	Si eso hubiese/ra sucedido , el pronóstico malintencionado habría sido suministrado por un yo que nunca tendría la posibilidad de existir, por culpa de su propia imbecilidad.	B	A minha irmã falou q se fosse com ela teria ido até o 55, hehe!!
C	Si eso hubiese/r sucedido , el pronóstico malintencionado había sido suministrado por un yo que nunca tendría la posibilidad de existir, por culpa de su propia imbecilidad.	C	A minha irmã falou q se tivesse sido com ela tinha ido até o 55, hehe!!
		D	A minha irmã falou q se tivesse sido com ela teria ido até o 55, hehe!!

Dessa forma, aplicamos catorze questionários a falantes de língua espanhola (para analisar as estruturas em espanhol) e outros catorze a falantes de língua portuguesa (para analisar as estruturas em português). O objetivo dos questionários foi registrar as manifestações dos falantes (adultos cuja escolaridade atingiu o 3º grau) sobre as opções apresentadas, identificando — se existente — alguma variação semântica entre elas, apontando e comentando qual(is) usariam e qual(is) não usariam, qual(is) lhes causava(m) estranhamento, qual(is) lhes parecia(m) mais/menos comum.

O objetivo fundamental foi evidenciar os efeitos de sentido a partir dos diferentes arranjos linguísticos, que se pretendiam construções condicionais contrafactuais, quando apresentados a falantes de ambas as línguas em estudo (vide apêndice II, no final do relatório).

Em primeiro lugar, destacamos algumas considerações extraídas das entrevistas com falantes brasileiros em relação às estruturas apresentadas:

1. a estrutura **A** (se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo) é para eles comum, usual e totalmente compreensível como uma construção contrafactual;
2. a estrutura **B** (se + pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto) é uma variação mais “formal” e “cuidada”, que expressa o mesmo que **A**;
3. a estrutura **D** (se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto) é apontada como gramaticalmente correta, como a forma mais correta, ao mesmo tempo que a menos usual e que, por vezes, provoca estranhamento;
4. a estrutura **C** (se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo) é pouco comentada e, a maioria das vezes, atrelada à estrutura **A**, ou seja, é apontada como variante com o mesmo valor da estrutura **A**;

5. para a maior parte dos informantes, a forma verbal do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo é a mais rara, de menor uso, ou porque provoca estranhamento ou porque “soa mal”, além de difícil e formal;
6. poucos informantes comentaram a contradição produzida pelo emprego do pretérito mais-que-perfeito do indicativo na estrutura condicional irreal, porém não houve questionamentos em relação ao sentido contrafactual das construções em que aparecia o tempo verbal;
7. para nove dos catorze entrevistados, as frases transmitem praticamente a mesma noção de irrealidade; apenas seis informantes destacaram uma sutil diferença no emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo no lugar do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo: para eles, aquele faz referência a um tempo mais recente, este a um tempo mais remoto; e dois apontaram diferenças entre o pretérito mais-que-perfeito do indicativo e o futuro do pretérito composto: aquele um passado concreto, este um passado mais remoto;
8. confirmou-se a larga aceitação do emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo para expressar a contrafactualidade, e uma certa relutância no emprego do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo nas mesmas estruturas, inclusive na combinação com o futuro do pretérito composto.

Em segundo lugar, seguem algumas considerações extraídas das entrevistas com falantes em língua espanhola em relação às estruturas apresentadas:

1. houve preferência pela estrutura **A** com verbo estativo na prótase (*si + pretérito imperfecto del subjuntivo, condicional compuesto*) e pela estrutura **B** com verbo não estativo na prótase (*si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, condicional compuesto*);
2. treze dos catorze informantes consideraram incomum e inusual o emprego do *pretérito pluscuamperfecto del indicativo* na apódose de uma estrutura condicional contrafactual;

3. marcou-se a larga aceitação do emprego do *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* nas estruturas contrafactuais, e a resistência ao emprego do *pretérito pluscuamperfecto del indicativo* nas mesmas estruturas, inclusive quando na prótase aparece o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo*;
4. observou-se que a estrutura contrafactual **A** tem uma expressiva aceitação por parte dos falantes, que a empregam como alternativa da estrutura padrão (**B**) em situações em que se faz referência a uma contrafactualidade no presente da enunciação, especialmente com verbo estativo. Quando empregada com verbo não estativo, para os entrevistados, a estrutura **A** por si só não sustenta a contrafactualidade; nesses casos, fazem-se necessárias maiores informações textuais e extratextuais para reforçar seu caráter contrafactual e eliminar qualquer ambiguidade.

Finalmente, das considerações em relação às estruturas apresentadas, destacamos, a seguir, algumas evidências que servirão para a análise central deste trabalho.

Em relação ao emprego do pretérito mais-que-perfeito do indicativo e do *pretérito pluscuamperfecto del indicativo* em estruturas condicionais contrafactuais em português e em espanhol, respectivamente, reproduzimos literalmente as impressões dos falantes:

a) em português:

I A) ...se o presidente FHC **tivesse** noção que ia ser do jeito que foi, ele não **tinha aceitado** a tese da reeleição.

I C) ...se o presidente FHC **tivesse tido** noção que ia ser do jeito que foi, ele não **tinha aceitado** a tese da reeleição.

II A) A minha irmã falou q se **fosse** com ela **tinha ido** até o 55, hehe!!

II C) A minha irmã falou q se **tivesse sido** com ela **tinha ido** até o 55, hehe!!

‘Acho que não há diferença essencial de significado entre as quatro frases. Claro que há diferença levando em conta os tempos verbais, mas ouço pessoas usando todas as estruturas dadas com o

mesmo significado. A e C parecem ilógicas porque se referem a algo que ocorreu, que é apenas uma hipótese, com um tempo pretérito que indica algo realmente ocorrido.’; ‘...informal’;
 ‘...mais comum’;
 ‘Acredito que nós, brasileiros, utilizamos mais a 2ª parte da oração (tinha aceitado) do que a outra (teria aceitado). Parece-me um tipo de estrutura mais elaborada para a fala, para a conversa’;
 ‘idéia de um passado mais concreto’;
 ‘desvio do padrão formal’;
 ‘Quanto às frases A e C (Grupos 1 e 2), estão gramaticalmente errada, pois a forma TINHA ACEITADO exprime uma idéia de ação completa no passado, ou seja, exprime uma certeza e não hipótese. Gramaticalmente TINHA ACEITADO não se utiliza com os tempos do subjuntivo: TIVESSE/TIVESSE TIDO. Na linguagem coloquial se usam as frases A e C para expressar hipótese. Embora haja toda uma regra, não descarto a possibilidade de usar as frases A e B como equivalentes (A coloquial e B normativa) e as frases C e D (C coloquial e D normativa).’;
 ‘parece uma situação mais perto da realidade, e mais informal pode ser uma conversa entre amigos’.⁴⁵

Nas entrevistas com falantes brasileiros, embora se aponte uma suposta contradição, a maleabilidade/plasticidade nas construções condicionais contrafactuais é evidente, pois não são apontadas contradições de efeito de sentido; o emprego do mais-que-perfeito do indicativo na apódose da estrutura condicional não interfere no pensamento unívoco, nem muito menos no sentido contrafactual (trata-se de um fato não acontecido e impossível de ser realizado).

b) em espanhol⁴⁶:

I C) *Estoy tan quemado por el sol que si **hubiese/ra sido** un poco más miedoso **había ido** al médico esta mañana.*

II C) *Si eso **hubiese/ra sucedido**, el pronóstico malintencionado **había sido** suministrado por un yo que nunca tendría la posibilidad de existir, por culpa de su propia imbecilidad*

⁴⁵ Transcrições literais dos depoimentos dos falantes brasileiros em relação às estruturas condicionais contrafactuais apresentadas.

⁴⁶ Nos exemplos em espanhol não consta nenhuma estrutura “*si + imperfecto del subjuntivo, pluscuamperfecto del indicativo*”, porque levamos em consideração a ambigüidade presente no tempo da prótase (ora potencialidade, ora contrafactualidade) e optamos por introduzir o tempo *pluscuamperfecto del subjuntivo*, que é a marca da contrafactualidade em espanhol, descartando toda e qualquer potencialidade.

'Esta es la que menos usaría. Esta no la usaría. Como en la oración 1, el uso del indicativo me suena mal, tal vez porque lo sienta como una mezcla poco probable de cosa imposible con realidad'.;

'Esta estructura no la usaría; no es muy frecuente.';

'Las que me parecen muy raras son las frases c, nunca usaría ninguna de ellas...';

'El 'había ido' y el 'había sido' confunden. Las c son las más raras.';

'La c no me saldría. Me parece rara.';

'1 c) mezcla expresión condicional y afirmativa. 2 c) mezcla expresión condicional con una expresión afirmativa';

'La letra c me parece bastante rara. Es una estructura que no utilizaría.';

*'En c no queda claro si fue al médico, porque lo supedita **al si hubiera sido un poco más miedoso** y después parece confirmar que sí fue con **había ido**. C(2) parece implicar que el pronóstico se hizo. A y B, no. En c (2) no queda claro si se hizo el pronóstico de algo que no ocurrió.';*

*'La opción c no la utilizaría. No le encuentro sentido a usar en ese caso el **había ido**, porque estoy haciendo una especie de hipótesis al utilizar **si hubiese**';*

*'Esta frase está equivocada (IC). **Había sido** no combina con **hubiese sido**. No la usaría nunca. Es un tipo de error que no cometería.';*

*'Esta estructura (c) me parece incorrecta y no la usaría de ninguna manera. El **había ido** queda totalmente colgado por encontrarse referido a una hipótesis y no a un hecho real'.⁴⁷*

Nas entrevistas com falantes de espanhol, aparece a falta de maleabilidade/plasticidade nas construções condicionais contrafactuais em espanhol, revelando implicações de efeito de sentido, pois ao usar o *pluscuamperfecto del indicativo* na apódoxe, mesmo tendo o *pluscuamperfecto del subjuntivo* (o tempo por excelência das condicionais irrealis em espanhol) na prótase, parece não ficar claro se se trata de um fato acontecido ou não, possível ou impossível.

É interessante reiterar que enquanto a maioria dos informantes em língua portuguesa considera as estruturas equivalentes (não há dúvidas de que se trata de estruturas contrafactuais), ressaltando apenas questões normativas e situacionais que as distinguem; a maioria dos informantes em língua espanhola não considera as estruturas apresentadas como equivalentes, muito menos no seu valor de contrafactualidade.

Neste ponto, podemos falar nos efeitos de sentidos como determinantes para a efetiva leitura de uma condicional contrafactual como tal.

2. 2. LOGICIDADE E SENTIDO NAS CONSTRUÇÕES CONTRAFACTUAIS

Como ponto de partida, gostaríamos de explicitar o porquê de que não se empregue na perspectiva lógica a noção de hipótese ao fazer referência às condicionais contrafactualis: não há hipótese na contrafactualidade, há um fato já resolvido, algo que poderia ter acontecido, mas que não aconteceu e não tem possibilidade de acontecer no mundo real.

Montolío (2000) contrapõe a noção de condição à de hipótese, partindo do silogismo *Se p, então q*. Nele parece evidente que dadas certas condições estipuladas, algo acontecerá. No entanto, quando pensamos nas contrafactualis, sabemos a priori que não há de acontecer, posto que se trata de uma condição atrelada a um mundo alternativo e ao passado (o caso específico de contrafactualidade, objeto de estudo deste trabalho). Sua possibilidade de realização é nula.

Isso tudo porque a condicional irreal possui a característica essencial de extrapolar o mundo real (possível de ser comprovado e submetido ao julgamento de verdadeiro o falso) e de criar mundos alternativos e/ou inexistentes (impossíveis de serem comprovados) Brito (2003).

Considerando tal distinção entre condicionais e hipóteses – o primeiro grupo abrange o segundo grupo –, não trabalhamos com a noção de hipótese nas contrafactualis. Tal opção permitir-nos-á introduzir nossa linha de raciocínio, ressaltando o traço fundamental das contrafactualis: realização num mundo alternativo / impossibilidade de realização no mundo real.

⁴⁷ Transcrições literais dos depoimentos dos falantes em língua espanhola em relação às estruturas condicionais contrafactualis apresentadas.

Em meio a tudo isso, como trabalhar o valor de verdade? Como aplicar o valor de verdade nas construções condicionais contrafactuais? É possível? O valor de verdade nas contrafactuais, pelo fato de se tratar de uma condicional não-hipotética, fica no plano abstrato da estrutura, pois não é possível a sua verificação no mundo real?

Uma possibilidade, para não ficarmos no plano meramente estrutural, é pensar em dois caminhos em relação à construção contrafactual: 1) visar a sua exterioridade; 2) visar a sua interioridade.

Quando Brito (2003) distingue as construções condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais, aponta como característica destas últimas sua realização num mundo alternativo ao mundo real. Naquele, a construção condicional contrafactual se verifica ou é possível de ser verificada; neste, só a sua negação é plausível de verificação.

Mundo alternativo: *Se p, então q*

Mundo real: Não (*Se p, então q*)

Montolío (2000) aplica a interpretação bicondicional, inserindo assim a dupla interpretação que sustenta uma condicional (ao mesmo tempo em que é aceita a asseverativa, aceita-se a negativa, e vice-versa):

Se p, então q

Se não q, então não p (ou melhor: *Como não q, então não p*)

Aplicando a condicional rebatida ao caso das contrafactuais, podemos trabalhar novamente com o contraste entre mundo alternativo e mundo real, como forma de chegar ao valor de verdade ‘externo’ (isto é, relacionando a construção contrafactual com o mundo alternativo e o mundo real):

Mundo alternativo: *Se p, então q* → condicional considerada como verdadeira enquanto a sua interpretação rebatida for verificável no mundo real.

Mundo real: *Se não q, então não p* (ou melhor: *Como não q, então não p*) → verificável no

Dessa forma, o valor de verdade de uma contrafactual, embora com a impossibilidade de comprovação direta, é possível de comprovação indireta no mundo real pela sua estrutura rebatida.

No entanto, há como estipular o valor de verdade sem uma construção contrafactual efetivamente produzida? Não temos de pensar antes, então, no valor de verdade da construção em si? E como fazê-lo? Basta a aplicação da fórmula *Se p, então q*?

O *pensamento hipotético* de Frege (1998) serve de apoio para a univocidade de sentido entre prótase e apódose numa construção condicional. Dessa forma, entre a proposição subordinada condicional e a proposição principal consequente há uma relação intrínseca de sentido, que dá lugar a um todo que expressa um único pensamento. Como aponta Brito (2003), há em toda construção condicional uma dependência semântica interna que a sustenta.

Dessa forma, apropriamo-nos da noção de pensamento hipotético de Frege (1998) e de complexo hipotético, também de Frege (2002), que ressaltam a co-dependência de sentido entre os dois pensamentos que conformam uma proposição condicional, trocando hipotético por contrafactual, e aplicando a noção à linguagem verbal. Levando, assim, a considerar a univocidade de pensamento, fruto do nexo semântico que há entre suas partes, como elemento essencial na estruturação de uma construção contrafactual.

Reconhecendo ainda a univocidade que resulta no pensamento contrafactual, consideramos, então, a própria sustentação interna (o complexo semanticamente dependente e unívoco da condicional) como uma outra forma de avaliar o valor de verdade de uma articulação linguística que se apresenta como uma estrutura condicional contrafactual. Assim, *Se p, então q* pode ser avaliado segundo seu valor de verdade ‘interno’:

Se p, então q = verdadeiro

se

$[(Se) p + (então) q]$ = é um complexo que evoca um pensamento e que remete ao mesmo mundo alternativo

Caso contrário, teremos:

Se p, então q = não-verdadeiro

se

$[(Se) p + (então) q]$ = é um complexo que evoca dois pensamento dissociados, que remetem a mundos distintos

Dessa forma, embora trabalhando com uma linguagem de fórmula, a dependência de sentido que resulta no pensamento unívoco é fundamental, para depois poder aplicar a interpretação bicondicional. Como se existisse a priori uma verdade 'interior', na construção contrafactual em si como tal, e a posteriori e em consequência uma outra verdade 'exterior' na construção contrafactual, que relaciona seu mundo alternativo com o mundo real.

Frege (2002) afirma que o sem sentido tem a ver com a linguagem corrente; no entanto e considerando que é nela que nós estamos debruçados para avaliar uma construção condicional contrafactual, podemos considerar a apariência de pensamento unívoco numa contrafactual (seja na linguagem formal ou na linguagem corrente) como fundamental para constituí-la como tal.

Se, então, o pensamento unívoco depende do nexos semântico existente entre as partes que compõem o complexo contrafactual, a validade de uma estrutura contrafactual é dada pela sua aparente logicidade interna, quando validada pelo efeito de sentido de contrafactualidade que tal estrutura explicita.

Finalmente, o valor de verdade de uma contrafactual parece requisitar tanto uma interpretação interna, como também uma interpretação externa como complexo contrafactual.

2.3. A ANÁLISE DA TRADUÇÃO DA CONSTRUÇÃO CONTRAFACUTAL DO POEMA

Error de portugués

Cuando el portugués llegó

Bajo una terrible lluvia

Vistió al indio

¡Qué pena!

Si hubiese sido una mañana de sol

El indio hubiese desnudado

*Al portugués.*⁴⁸

Retomando os versos de Oswald de Andrade, “Fosse uma manhã de sol o índio tinha despido o português”, seria possível parafraseá-los com o futuro do pretérito composto: “Fosse uma manhã de sol o índio teria despido o português”, inscrevendo-os em uma representação de língua culta, ganhando ênfase contrafactual e, talvez, perdendo um pouco da expressividade coloquial que o poeta tentou evidenciar na versão original.

Em espanhol seria possível pensar em uma frase como “(Si) Era una mañana de sol el indio desvestía al portugués”, ou também, “(Si) Hubiese sido una mañana de sol el indio hubiese desvestido/habría desvestido al portugués”, mas dificilmente: “(Si) Fuese una mañana de sol el indio habría/había desvestido al portugués”.

A construção privilegiada na tradução acima confirma a preferência pelo emprego do *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* para a expressão da contrafactualidade, apontada por Kovacci (1994), e apresenta a estrutura contrafactual protótipo tanto para a

⁴⁸ GUIDO, María Rita (org.) *Lengua y Literatura II*. Buenos Aires: 2000, Editorial Estrada. P.172.

oralidade como para a escrita, apontada por Montolío (2000) – mantendo, dessa forma, o tom informal do poema na sua versão original.

Tentemos avaliar o valor de verdade ‘exterior’ da construção empregada na tradução, seguindo o que foi apresentado no item anterior:

*Si **hubiese sido** una mañana de sol, el indio **hubiese desnudado** al portugués.*

=

Se p , então q

Mundo alternativo: *Se p , então q*

Mundo real: Não (*Se p , então q*) = El indio no desnudó al portugués y no hizo una mañana de sol:

“Cuando el portugués llegó/ Bajo una terrible lluvia/ Vistió al indio”.

E ainda:

Mundo alternativo: *Se p , então q* → condicional considerada como verdadeira enquanto a sua interpretação rebatida for verificável no mundo real.

Mundo real: *Se não q , então não p* = *Como el indio no desnudó al portugués, no fue una mañana de sol.* → verificável no mundo real

Pensemos agora no valor de verdade ‘interior’:

*Si **hubiese sido** una mañana de sol, el indio **hubiese desnudado** al portugués.*

=

Se p , então q

Se p , então q = verdadeiro; pensamento unívoco contrafactual

se

$[(Se) p + (então) q]$ = é um complexo que evoca um pensamento e que remete ao mesmo mundo alternativo em que:

- a) (*Se*) p = situa a cena de q num passado alternativo com determinadas características;
- b) (*então*) q = narra o fato num passado, alternativo e improvável, condicionado pelas características de p .

É como se pudéssemos dizer: ‘(como não era uma manhã de sol), o índio não despiu o português’ ou ‘(como não era uma manhã de sol), o português vestiu o índio’.

Outra possível tradução seria com a estrutura clássica para a expressão da irrealidade: *si + pluscuamperfecto del subjuntivo, potencial compuesto* (*Si **hubiese sido** una mañana de sol, el indio **habría desnudado** al portugués*). Neste caso, a contrafactualidade está claramente expressada pelo marco modal da subordinada, assim como também na noção temporal da subordinante. A interpretação de valor de verdade seria muito similar à estrutura empregada na tradução.

Mais uma opção seria a estrutura: *si + pretérito imperfecto del indicativo, pretérito imperfecto del indicativo* (*Si **era** una mañana de sol, el indio **desvestía** al portugués*). Fazendo a avaliação do valor de verdade ‘exterior’ da variante, temos:

*Si **era** una mañana de sol, el indio **desvestía** al portugués.*

=

Se p , então q

Mundo alternativo: *Se p , então q*

Mundo real: Não (*Se p , então q*) = El indio no desnudó al portugués y no hizo una mañana de sol:

“Cuando el portugués llegó/ Bajo una terrible lluvia/ Vistió al indio”.

E ainda:

Mundo alternativo: *Se p , então q* → condicional considerada como verdadeira enquanto a sua interpretação rebatida for verificável no mundo real.

Mundo real: *Se não q, então não p* = *Como el índio no desnudó al português, no fue una mañana de sol.* → verificável no mundo real

Pensemos agora no valor de verdade ‘interior’:

*Si **era** una mañana de sol, el indio **desnudaba** al portugués.*

=

Se p, então q

Se p, então q = verdadeiro; pensamento unívoco contrafactual

se

[(*Se*) *p* + (*então*) *q*] = é um complexo que evoca um pensamento e que remete ao mesmo mundo alternativo em que:

- a) (*Se*) *p* = situa a cena de *q* num passado alternativo com determinadas características;
- b) (*então*) *q* = narra o fato num passado alternativo e improvável, condicionado pelas características de *p*.

É como se pudéssemos dizer: ‘(como não era uma manhã de sol), o índio não despiu o português’ ou ‘(como não era uma manhã de sol), o português vestiu o índio’.

Ainda mais levando em consideração o caso específico do poema e a explicitação da referência a um fato passado nos primeiros versos, fica reforçada qualquer dúvida perante o sentido de contrafactualidade com a construção com o *pretérito imperfecto del indicativo* na prótase. Haveria, então, duas referências à ancoragem no passado: o fato real acontecido e o fato irreal apresentado na principal da condicional.

Os primeiros versos “*Cuando el portugués llegó/ Bajo una terrible lluvia/ Vistió al indio*” reforçam a noção de passado anterior da construção condicional e, ao mesmo tempo, a impossibilidade, pois o evento já aconteceu e não há possibilidade de que aconteça mais, já que a ancoragem temporal da apódose da condicional transporta o mundo forjado a um

passado anterior à enunciação e anterior ao fato acontecido. Portanto, a interpretação de verdade seria também muito similar à apresentada em função da tradução.

A diferença entre as duas primeiras possibilidades e esta última parece ser a localização da irrealidade, pois, como aponta Martínez (1990), o significado de duratividade do *pretérito imperfecto del indicativo* coloca o tempo do mundo alternativo mais próximo do presente e, conseqüentemente, revela um grau maior de confiança na sua possibilidade de realização, embora não deixe de ser uma contrafactual. Por conta disso, acreditamos que a última possibilidade de construção contractual (*si + pretérito imperfecto del indicativo, pretérito imperfecto del indicativo*) seja a a construção que apresente não só a informalidade da construção original do poema, senão também o grau de confiabilidade, baseada no desejo, que existe na mesma, como tentaremos provar na análise do poema original mais adiante (vide 2.5.).

Avaliemos, agora, uma tradução literal, que respeite os tempos verbais empregados na versão original do poeta em português⁴⁹. Começemos com a comprovação de valor de verdade ‘exterior’ da construção forjada a partir de uma tradução literal:

Si fuese una mañana de sol, el indio había desnudado al portugués.

=

Se p, então q

Mundo alternativo: *Se p, então q*

Mundo real: Não (*Se p, então q*) = El indio no desnudó al portugués y no hizo una mañana de sol:

“*Cuando el portugués llegó/ Bajo una terrible lluvia/ Vistió al indio*”.

⁴⁹ É interessante notar que os tempos verbais em português, presentes no poeta, constam no sistema lingüístico espanhol, com grande equivalência. Além disso, em espanhol, como em português, pode ser observado o que Porto Dapena (1989) chama de “*neutralización de oposiciones basadas exclusivamente en el contenido temporal*”, assim como podem ser equiparados o *potencial simple* (futuro do pretérito) e o *imperfecto* (pretérito imperfeito) do indicativo, equiparam-se o *potencial compuesto* (futuro do pretérito composto) e o *pretérito pluscuamperfecto* (pretérito mais-que-perfeito) do indicativo, por exemplo. O que não fica claro, como já comentamos, seria até que ponto tal neutralização afeta as características dos tempos, especialmente os compostos, na prática, como, por exemplo, na estrutura condicional contrafactual.

E ainda:

Mundo alternativo: *Se p, então q* → condicional considerada como verdadeira enquanto a sua interpretação rebatida for verificável no mundo real.

Mundo real: *Se não q, então não p* = *Como el índio no desnudo al portuguê, no fue una mañana de sol.* → verificável no mundo real

Aparentemente, não haveria problemas. Pensemos agora no valor de verdade ‘interior’:

*Si **fuese** una mañana de sol, el indio **había desnudado** al portugués.*

=

Se p, então q

Se p, então q = verdadeiro; pensamento unívoco contrafactual

se

[(*Se*) *p* + (*então*) *q*] = é um complexo que evoca um pensamento e que remete ao mesmo mundo alternativo:

(*Se*) *p* = situa a cena *q*, com a ajuda dos primeiros versos, no passado e num mundo alternativo com determinadas características;

(*então*) *q* = narra o fato no passado, certo e realizado no mundo real, condicionado pelas características de *p*, num mundo alternativo.

Se p, então q = não é verdadeiro; não há pensamento unívoco contrafactual: enquanto o mundo criado é alternativo, a ação atrelada a tal cena se apresenta como certa e realizada num plano real.

No final temos dois pensamentos dissociados: por um lado, o marco alternativo; por outro, o fato acontecido. A contradição estaria ainda mais reforçada pelos primeiros versos, em que o que se afirma no mundo real (*el portugués vistió al índio*) contrasta com o que se afirma na apódose da construção que se pretende condicional (“*el índio había desvestido al português*”), cabendo uma pergunta: afinal, o índio despiu o português ou o português vestiu o índio?

Voltando a nossas motivações em relação a esta análise, a saber: tentar evidenciar de que maneira a logicidade de uma estrutura contrafactual está sujeita aos efeitos de sentido, trabalhando o valor de verdade em função do valor de univocidade, que permite uma proposição complexa, como o é uma condicional irreal, apresentar-se como um único pensamento, e com base à análise feita neste trabalho, podemos apresentar alguns comentários à maneira de conclusão preliminar.

Entendemos que a construção ‘se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo’, complexo condicional contrafactual em português, apresenta uma aparência de pensamento unívoco, uma proposição condicional contrafactual validada; no entanto, um complexo de forma análoga em espanhol pode suscitar uma cisão semântica, evidenciada pela ordem da língua, daquilo que se pretendia unívoco, levando a desconsiderá-lo como um complexo condicional contrafactual, pois se apresenta como um impossível na língua hispânica.

A validação à qual nos referimos não se dá pela simples aplicação da fórmula *Se p, então q*, mas pela interpretação da contrafactualidade e pelo efeito de sentido contrafactual presente na construção. Assim, ao avaliar uma proposição que se pretende condicional contrafactual, fica-nos a possibilidade de avaliar a univocidade ou a cisão do pensamento que nos apresenta, atrelando o valor de verdade ao sentido estrutural e interpretativo da construção.

E, embora “*ser falso não é ser sem sentido*”, como diz Frege (2002), ser sem sentido, na linguagem verbal, compromete não só o que se quer verdadeiro, mas também o que se quer falso.

2.4. A ANCORAGEM ANALÍTICA PARA A ANÁLISE SEMÂNTICA HISTÓRICA DA ENUNCIÇÃO

Para começar a trabalhar com a perspectiva deste segundo momento de análise, faz-se necessário estribar nossos conceitos norteadores. Em primeiro lugar, trabalhamos com a noção de sentido e referência de Frege (1998), para provocar dois deslocamentos. Frege distingue, por um lado, os elementos da tríade signo-sentido-referência. Sendo o signo “*um nome, uma união de palavras*”, “*signos escritos*”; o sentido, o modo de apresentação (ou uma descrição possível) associado a um determinado signo e, ao mesmo tempo, a um objeto/conceito, isto é, um caminho para captar a referência no mundo; a referência, o objeto/conceito ao qual se chega pelo sentido.

Segundo o lógico, vários sentidos, sem equiparação linguística, podem ser descrições possíveis de uma mesma referência. Dessa forma e valendo-nos do exemplo do lógico, temos sentidos como:

Vênus

O mais brilhante dos planetas

O planeta com a órbita situada entre a de Mercúrio e a da Terra

Segundo planeta em ordem de afastamento do Sol

Planeta inferior

Estrela da manhã

Estrela da tarde

Estrela d'alva

Estrela Vésper

Véspero

Estrela do pastor

Boieira

Papa-ceia

para uma mesma referência.

Por outro lado, Frege distingue a representação (descrição subjetiva, olhar/imagem particular) do sentido (descrição objetiva). E, conseqüentemente, entendendo o sentido como denotação, dá-se a entender que existe um vínculo direto e equivalente de vários sentidos com uma mesma referência.

O primeiro deslocamento que faremos para lançar mão das noções fregeanas surge da relativização do sentido como denotação, já que, embora vários sentidos possam se apresentar como caminhos objetivos rumo a uma mesma referência, não deixam de ser caminhos interpretativos diferentes que convergem na referência.

Dessa forma, não podemos assegurar que haja convergência na construção interpretativa em cada um dos casos, que haja linearidades e vínculos diretos equiparáveis nessas construções, que haja convergência entre o “método” que desencadeia a associação signo-sentido-referência. Não havendo convergência, não pode se entender os vários sentidos de uma mesma referência como denotação.⁵⁰

O segundo deslocamento, pensando especificamente no nosso objeto de estudo, surge da desvinculação da referência como objeto/conceito reconhecível no mundo, ampliando, assim, a noção de referência.

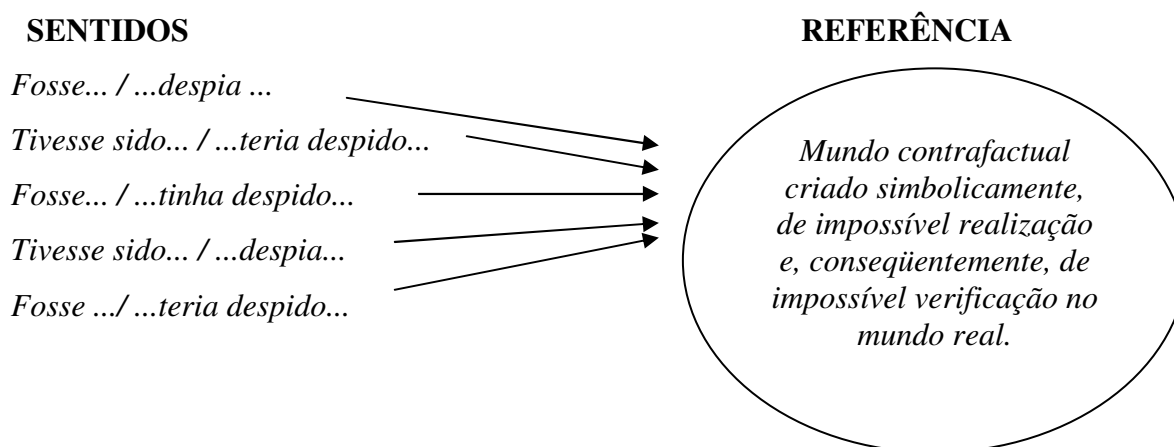
Tendo em vista os norteamientos fregeanos e os nossos deslocamentos, consideraremos as diversas construções condicionais contrafactuais no passado como sentidos⁵¹ não denotativos, isto é, como “descrições não objetivas” de uma mesma

⁵⁰ Não estamos equiparando representação e sentido, pois a preocupação recai não na descrição ou caminho que me leva até a referência, mas na construção interpretativa que me faz de fato percorrer a trilha, auxiliada pela descrição ou pela demarcação do caminho, até a referência.

⁵¹ Considerar uma construção condicional como sentido, fazendo referência a Frege, é, sem dúvidas, mais um deslocamento que propomos, baseado na noção de pensamento hipotético e de complexo hipotético que confere, como vimos no primeiro momento deste capítulo, à construção contrafactual a condição de pensamento unívoco para realizar-se como tal, construindo um mundo alternativo simbolicamente, um mundo “nominalizável”.

referência: mundo alternativo criado simbolicamente em que se apresenta um fato como não realizado e impossível de ser realizado.

Recuperando os últimos versos do poema mais uma vez, para ilustrar os deslocamentos propostos, podemos apresentar a seguinte sequência de possíveis sentidos e a sua referência:



Por outro lado, dentro do campo da Semântica Histórica da Enunciação, considerando que “*as expressões lingüísticas significam no enunciado pela relação que têm com o acontecimento em que funcionam*” (Guimarães, 2005: 5), ponderamos também para nossa análise, ainda segundo Guimarães (2005), as seguintes noções:

a) o *acontecimento lingüístico* como *acontecimento político*, em que se instaura a tentativa de afirmação da igualdade em meio às desigualdades do real;

b) o *espaço de enunciação*, considerando que são:

“espaços de funcionamento lingüístico, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços ‘habitados’ por

falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (p.18);

c) a *cena enunciativa* como o espaço de enunciação particularizado, sendo que tal particularização está dada por uma “*deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento*” (p. 23), levando em consideração o lugar do *Locutor* (fonte do dizer) e os lugares sociais (*locutor-x*), sendo que “*para se estar no lugar de L é necessário estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, e de que modo, e em que língua (enquanto falantes)*” (p.24), e os *enunciadores* (lugares de dizer).

Finalmente, lançamos mão da teoria polifônica de Ducrot (1987), a qual defende a não-unicidade do sujeito falante, evidenciando a *superposição de várias vozes*. Distinguimos, assim, o *falante (ser empírico)*, *locutor (ser do discurso)* e o *enunciador (ser se expressando através da enunciação)*.

Novamente, à maneira de deslocamento, pinçaremos a noção de *enunciador* como perspectiva da enunciação, de Ducrot, para articulá-la com as noções de *lugares de dizer* de Guimarães.

Acreditamos que a relativização da denotação na relação sentido-referência pode ser evidenciada à luz de uma análise do acontecimento linguístico e dos lugares presentes nele.

2.5. A ANÁLISE DO POEMA

Retomando os versos de Oswald de Andrade,

*“Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português”*

temos certeza de que se trata de um enunciado contrafactual. Ainda mais levando em consideração o caso específico do poema e a explicitação da referência a um fato passado nos primeiros versos, fica dirimida qualquer dúvida perante o sentido de contrafactualidade com a construção com o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase, que poderia projetar uma noção de futuridade e, com ela, de potencialidade. Podemos, ainda, marcar a presença de duas referências a fatos ancorados no passado: o fato real acontecido e o fato irreal apresentado na condicional, fortemente marcado pelo emprego do mais-que-perfeito do indicativo.

Os primeiros versos:

*“Quando o português chegou
debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio”*

apresentam simbolicamente um fato passado, que servirá de referência para a construção condicional e, ao mesmo tempo, reforçam a impossibilidade da realização da mesma, pois o evento já aconteceu e não há possibilidade de que aconteça mais, já que a ancoragem temporal da apódose da condicional transporta o mundo forjado simbolicamente a um passado anterior à enunciação⁵² e, ao mesmo tempo, contemporâneo do fato apresentado como acontecido.

⁵² No caso, não estamos levando em consideração a “temporalização” não-cronológica da enunciação, segundo Guimarães (2005), mas a noção cronológica do tempo: o enunciado nos remete a algo que não é contemporâneo nem futuro com relação ao ato lingüístico em que aparece, mas nos remete a algo supostamente anterior.

E, ao mesmo tempo em que podemos ‘justificar’ o enunciado condicional empregado no poema, podemos nos fazer algumas perguntas: por que foi essa configuração linguística a escolhida? Há condições que favorecem o emprego de tal sentido (noção fregeana) e não de outro? Que caminho interpretativo diferenciado nos permite percorrer para chegar à referência?

Quando pensamos no enunciado condicional empregado no poema, embora não tenhamos problemas interpretativos (não há dúvidas de que se trata de um enunciado contrafactual), somos assaltados por um quê de estranhamento provocado por uma subversão linguística, que paira no limbo do que poderíamos caracterizar superficialmente como erro ou inadequação ou padrão não-formal ou... No entanto, como explicar o paradoxo que carrega e projeta o enunciado condicional fora do acontecimento linguístico em que aparece?

Tentemos, então, perfilar o acontecimento linguístico em que aparece o enunciado condicional. Retomando a noção de *espaço de enunciação* (Guimarães, 2005), identificamos como *espaço de enunciação* o da língua portuguesa do Brasil e nele reconhecemos as cisões internas, pois:

“a língua é dividida, de tal modo que ela é uma e é diferente disso. E esta divisão diz respeito exatamente à relação dos falantes com a língua, de tal modo que os falantes se identificam exatamente por essa divisão. [...] E esta divisão é marcada por uma hierarquia de identidades. Ou seja, esta divisão distribui desigualmente os falantes segundo os valores próprios desta hierarquia. [...] E estar identificado pela divisão da língua é estar destinado, por uma deontologia global da língua, a poder dizer certas coisas e não outras, a poder falar de certos lugares de locutor e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros.” (Guimarães, 2005:21).

Voltando ao paradoxo do enunciado condicional, podemos começar a desenhar um caminho interpretativo levando em consideração o espaço de enunciação (o da língua portuguesa do Brasil) e as identificações hierárquicas forjadas nesse espaço, que

determinam *os direitos de dizer e os modos de dizer*, e podemos começar a configurar a *cena enunciativa*.

Reconhecemos como *Locutor (L)* do poema a figura discursiva do eu-lírico, que dá unidade ao texto como um todo (o poema em si), apresentando-se como fonte desse dizer. No entanto, sabemos que para ter acesso à palavra o *L* deve estar afetado por um lugar social autorizado a falar, dentro da divisão deontológica do espaço da língua portuguesa no Brasil. Nesse sentido, observamos que o lugar social (*lx*), que permite o *L dizer o que diz e desse modo*, é o *lx* do locutor-poeta modernista, autorizando o *L* a circular, pela ruptura e pela ironia, por vários lugares de dizer, antes impensados na criação literária.

É interessante notar que a qualidade de modernista caracteriza um lugar social e ideológico muito particular dentro da história literária do Brasil – não bastaria identificar um locutor-poeta ou, ainda, seria mais difícil pensar que um lugar como locutor-poeta parnasiano autorizaria esses dizeres e modos de dizer –, ainda mais pensando no Modernismo da década de 1920, com cenário paulista.

Na estrutura do poema, ao fazer uma segmentação que nos resulta didática, podemos observar dois lugares de dizer (*enunciadores*, segundo Guimarães) e ainda perfilar duas perspectivas da enunciação (*enunciadores*, segundo Ducrot), ambos os pares fortemente marcados, que forjam um apagamento do lugar social, e que começam a tornar evidente o *acontecimento linguístico* como *acontecimento político*.

No primeiro segmento:

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva

Vestiu o índio

apresenta-nos um lugar de dizer que poderíamos caracterizar como *enunciador-universal* (Guimarães, 2005), levando em conta que ressoa como verdadeiro, como uma verdade

aceita em função dos fatos. É a voz da ‘história oficial’, na perspectiva da enunciação (Ducrot, 1987). Apresenta-se, então, um dizer aceito e acima de qualquer questionamento, vindo de um ponto de vista normativo, que tende à homogeneização, e ao mesmo tempo, apaga o lugar social que lhe dá sustentação. No entanto, cabe destacar que é possível detectar uma outra voz interferindo na voz da ‘história oficial’, antecipando o segundo segmento; trata-se da presença da caracterização “bruta”, que destoa no meio desse dizer aceito e acima de qualquer questionamento.

No segundo segmento:

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despido

O português

em que aparece o enunciado contrafactual, observamos um lugar de dizer que se aproxima mais de um *enunciador-genérico* (Guimarães, 2005), pois ressoa como uma voz coletiva, como um desejo profundo de a história ter sido diferente. É a voz do ‘povo brasileiro’, de acordo com a noção de perspectiva da enunciação de Ducrot (1987). Não temos uma voz individual retratada, mas uma voz coletiva, quase à maneira de dito popular: repete-se aquilo que todos dizem (e do jeito que é dito). E esse ‘todos’, no caso, representa aqueles que devem aceitar a história oficial, embora se sintam excluídos.

Notadamente, a construção que consideramos contrafactual se configura sem o “se”, introdutor condicional com o qual estamos trabalhando e que, no caso do verso do poema, consideramos implícito. Tal ausência associa a prótase a uma frase optativa (*Pudesse eu ajuda-lo!*⁵³), que exprime desejo e que pode ser parafraseada com a presença de um verbo optativo ou uma fórmula operativa (*Desejava fosse uma manhã de sol; Oxalá fosse uma manhã de sol, etc.*). Segundo Moura Neves (2000), o valor contrafactual favorece a construção de condicionais optativas (*Ah, Se fosse sempre assim!; Ai. Se eu*

⁵³ Exemplo extraído de Brito (2003).

fosse solteiro!; Se ao menos eu não fosse doente!)⁵⁴; e ainda, ao falar sobre sobre a elipse do conectivo (no caso, o “se”), afirma que a própria omissão da conjunção já anuncia a contrafactualidade.

Observamos, assim, na construção contrafactual do poema, especificamente instaurado na prótase, um valor modal adicional de carácter deôntico, desencadeando num efeito de sentido que poderia ser descrito como uma asserção volitiva de uma impossibilidade assumida como tal.⁵⁵

No meio dos dois segmentos, um verso sugestivo:

Que pena!

fora a brincadeira instaurada pelas associações semânticas que a palavra *pena* pode suscitar (*pena* = pluma, numa referência metonímica à vestimenta do índio x *pena* = castigo; dó), damos a ele o valor de degrau simbólico que, com a carga expressiva de interjeição de lamento, abre a passagem de um lugar de dizer para outro e, ainda, prepara a introdução do enunciado contrafactual, marcado pela sua expressividade volitiva. Segundo Ducrot (2001), os enunciados exclamativos revelam o sentido do enunciado, isto é, a caracterização semântica do enunciado, pois é desencadeada pelo próprio acontecimento do enunciado de forma provocada. Levando em conta o *Que pena!* sob o prisma de Ducrot (2001), podemos reforçar ainda mais a quebra existente entre o primeiro segmento (o que provoca o enunciado exclamativo: o fato real e acontecido, a história como ela foi) e o segundo (o que desencadeia o enunciado exclamativo: o fato irreal e impossível de acontecer, a história como ela poderia ter sido e não foi).

A subversão presente no poema revela a cisão e disparidade no espaço de enunciação como espaço político: escancara-se a contradição da organização desigual do real.

⁵⁴ Exemplos extraídos de Moura Neves (2000).

2.6. ALGUMAS CONCLUSÕES

Voltando a nossas motivações em relação a esta análise, a saber: tentar evidenciar que não há equivalência nos caminhos interpretativos que nos traçam os vários sentidos (formulações contrafactuais no passado possíveis em português) para chegar à referência, embora esta seja comum a todos, e que a relativização da denotação da relação *sentido(s)-referência* pode ser evidenciada à luz de uma análise do acontecimento linguístico, tentaremos, com base na análise feita neste trabalho, apresentar alguns comentários à maneira de conclusão – embora a complexidade do objeto em estudo supere este limitado esboço analítico.

Para isso retomemos o que chamamos de segundo segmento do poema e façamos uma pequena reformulação do enunciado condicional:

Tivesse sido uma manhã de sol

O índio teria despido

O português

Enquanto o valor contrafactual se mantém e temos uma apariência de pensamento unívoco, o caminho interpretativo que me leva a essa *referência* não é o mesmo. Em primeiro lugar, porque haveria uma reconfiguração da *cena enunciativa* e, conseqüentemente, uma reconfiguração da leitura feita da mesma. A começar pela caracterização do *lugar social*, pois não haveria necessidade de reforçar a qualificação de modernista, pois não haveria mostras de subversão linguística, já que o enunciado contrafactual estaria calcado na estrutura padrão, formal.

Em segundo lugar, a seleção modo-temporal da formulação, que retrata o molde padrão da contrafactualidade, e a ênfase contrafactual, presente também nessa seleção, distanciam o enunciado de uma expressão volitiva, pois o mais-que-perfeito do subjuntivo, em oposição ao imperfeito do subjuntivo, não traz a noção de possibilidade, e o futuro do

⁵⁵ Em Tapdazi & Salvi (1998), encontramos um exemplo de “um período condicional sem conjunção condicional e com a inversão necessária do verbo e do sujeito na prótase: ... *tivesse eu o dia Todo no meu dispor...*”.

pretérito composto, em oposição ao mais-que-perfeito do indicativo, não traz a noção de facticidade. Podemos verificar que, levando em consideração esses dois *sentidos* (*Fosse.../...tinha despido... e Tivesse sido.../ ...teria despido...*), os caminhos interpretativos são diferentes, embora ambos conduzam à mesma referência, revelando dessa forma dois recortes de lugares de dizer diferentes: no primeiro, apresenta-se um envolvimento maior do enunciador com o enunciado, presente no valor volitivo que modaliza a interpretação contrafactual; no segundo, apresenta-se um distanciamento maior do enunciador com o enunciado enunciado, presente no valor contrafactual reforçado.

Cabe aqui uma menção à diferenciação feita por Lavandera (1984) entre *sentido* (onde encontramos aspectos do significado linguístico que afetam as condições de verdade) e *significado estilístico* (onde encontramos os aspectos do significado linguístico que não afetam as condições de verdade), para definir o *principio de reinterpretación*:

Para dos formas alternantes que tienen el mismo sentido pero difieren en cuanto al significado estilístico, este último puede reinterpretarse como una señal de significación social y situacional. (p.49)

Embora Lavandera, naquela época, estivesse ancorada numa visão veritativa da semântica e tentasse aplicá-la a objetos delimitados pela metodologia da sociolinguística variacionista, perspectiva não adotada neste trabalho, serve-nos como ponto de partida para interrogações sobre nosso objeto de pesquisa, posto que a distinção que rege o princípio de reinterpretación depreende uma de nossas questões: por que há variantes para expressar uma aparente mesma noção de contrafactualidade? E, ainda, permite, após a nossa análise, fazer os seguintes questionamentos: O *sentido* seria, então, um valor base comum a diferentes variantes, fato que explicaria as variantes apontarem a uma mesma referência? O *significado estilístico* abrangeria que tipo de valores expressivos ou de valores modais adicionais?

Finalmente, fica a seguinte questão: *O erro de português*, título do poema, remete aos fatos históricos ou à formulação linguística presente no poema? De fato, mais do que histórico ou linguístico, *O erro de português* nos revela, usando as palavras de Haroldo de Campos, o “*conflito fundamental*” brasileiro, “*ainda hoje não resolvido*”.

TERCEIRO CAPÍTULO

3. ESTUDOS DE CASO: A CONTRAFACTUALIDADE COMO EFEITO DE SENTIDO

Após termos traçado o percurso analítico-reflexivo, que consideramos de base fundamental na nossa pesquisa, nos primeiros dois capítulos, podemos reiterar nossos questionamentos primeiros, vislumbrando algumas conclusões primeiras a respeito e projetando a análise que compõe este último capítulo.

Em primeiro lugar, e retomando nossas questões primeiras a respeito do objeto de pesquisa, a saber: Por que convivem diferentes estruturas para a expressão da contrafactualidade em espanhol e também em português? Há equivalência entre elas? Por que as línguas em estudo, apesar de possuírem um repertório análogo de recursos linguísticos, apresentam configurações diferenciadas ou que, quando equiparáveis, nem sempre são equivalentes?, pudemos constatar que efetivamente convivem tanto em português como em espanhol variantes para a expressão da contrafactualidade, mas que não podem ser consideradas como totalmente equiparáveis, pois além do sentido contrafactual entram em jogo outros efeitos de sentido. Dessa forma, podemos afirmar que não há total equivalência entre elas e que a convivência das variantes em cada uma das línguas em estudo se justifica justamente por não expressarem totalmente a mesma noção contrafactual. Com relação ao contraste entre a expressão da contrafactualidade em espanhol e em português, detectamos algumas combinações e ‘neutralizações’ diferenciadas em ambos os casos. Para tentar elucidar o último questionamento que nos fazemos, faz-se necessário que nos debruçemos no estudo de casos a seguir, pois os efeitos de sentido e as possibilidades de realização de uma construção contrafactual parecem estar intimamente associados a como a discursividade circula nas possibilidades materiais que as línguas oferecem.

Em segundo lugar, e tentando dar conta dos nossos questionamentos, apresentaremos a análise de alguns exemplos da amostra, tanto em português como em espanhol, à maneira de estudo de casos, opção que reforça o caráter qualitativo da pesquisa, descrevendo as construções contrafactuais com o intuito de a) evidenciar o efeito de sentido

contrafactual e, como veremos, adicional nelas; b) articular comparações e gradações possíveis entre as mesmas; c) confirmar que a alternância, assim como a presença de certas combinações nas construções condicionais se revelam como possibilidades não equivalentes, obedecendo à configuração discursiva de cada caso, relativizando qualquer classificação que se limite à diferenciação entre construções mais “formais” e mais “informais”; d) contrastar as especificidades presentes nas variantes de cada uma das línguas, para dar conta de uma comparação das ocorrências nas línguas em questão para a expressão da contrafactualidade.

Antes de adentrarmos nos estudos de caso, mais uma vez reforçamos que não pretendemos realizar um estudo quantitativo, o que possibilitaria o mapeamento das possíveis construções para a expressão da contrafactualidade em ambas as línguas, mas uma reflexão comparativa, baseada numa análise qualitativa de algumas construções e seus efeitos de sentido na expressão da contrafactualidade em português e em espanhol.

3.1. PARÂMETROS DE ANÁLISE

Os tempos, no discurso, fogem das rígidas convenções do sistema, mesclam-se, superpõem-se, perseguem-se uns aos outros, servem de contraponto uns aos outros, afastam-se, aproximam-se, combinam-se, sucedem-se num intrincado jogo de articulações e de efeitos de sentido. No entanto, como no contraponto, obedecem a regras, a coerções semânticas. O discurso cria o cosmos e abomina o caos. (Fiorin, 1999: 229).

Assim como os tempos, acreditamos que, no cosmos criado pelo e no discurso, os recursos linguísticos como um todo podem “materializar” numa determinada construção a relação entre os mundos presentes numa construção condicional, configurando um valor contrafactual. Retomamos a afirmação de Salvi & Tapazdi (1998), *a contrafactualidade é um efeito semântico complexo*, que envolve a interação e a articulação de elementos variados.

Dessa forma, tendo em vista que uma construção contrafactual não se constitui como tal pela simples correspondência formal de tempos e modos, e sim como um *efeito*

semântico complexo, posto que a variedade de fórmulas possíveis para a expressão da contrafactualidade nos apresenta exemplos do *intrincado jogo de articulações e de efeitos de sentidos* que possibilita a configuração contrafactual de um enunciado, consideramos pertinente trabalhar com o seguinte pressuposto: a construção não é, necessariamente, contrafactual em si, mas pode apresentar um efeito de sentido contrafactual, que não é único. Ou melhor, uma construção pode apresentar um valor⁵⁶ contrafactual básico, presente em todo efeito de sentido contrafactual, que pode ganhar efeitos de sentido outros, dependendo da configuração da construção e do discurso no qual está inserido, resultando em variados nuances de valores contrafactuais.

Para dar conta de uma análise que possibilite o trabalho com as regras combinatórias e coerções semânticas que descartam o caos, retomando as palavras de Fiorin (1999), e que podem em certa medida explicar os efeitos de sentidos criados, tentamos cotejar alguns pontos de referência para elucidá-los a partir da materialidade linguística dos exemplos escolhidos, a saber:

- a) a prótase como moldura da leitura do mundo alternativo criado e a apódose como ancoragem temporal dessa leitura;
- b) as neutralizações já observadas e relacionadas no capítulo 1 (p. 49);
- c) a noção de temporalidade, incluindo os marcadores temporais e os valores temporais dos tempos e formas verbais;
- d) a noção de modalidade e de uso deslocado tanto nos modos manifestos e quanto em outros elementos do contexto verbal (verbos que expressam conteúdos semânticos relacionados à suposição ou à conjectura; verbos de pensamento; expressões mais ou menos assertivas; expressões de desejo; etc.).
- e) a descrição etimológica (Martínez: 1996), quando pertinente.

⁵⁶ Consideramos à noção saussureana de valor.

E, ainda, no caso do espanhol, tomamos como referência os parâmetros de análise e as conclusões do estudo sobre a contrafactualidade de Martínez (1989; 1993). Nesse estudo, a linguista afirma que a variedade de construções condicionais contrafactuais atende à necessidade de representar diferentes possibilidades epistêmicas. Dessa forma, cruzamos nossas análises e dados com os de Martínez, com a intenção de comprovar intuições ou refutá-las. Destacamos, dentre os parâmetros de análise e as conclusões de Martínez:

a) quando menor a possibilidade epistêmica, há explicitação por meio de recursos linguísticos da desconfianza (apódo-se com *Pretérito Pluscuamperfecto de Subjuntivo*, antecedida de verbos como *suponer* ou *imaginarse*; a presença de um *de asertivo*⁵⁷):

“Si me hubiese ganado el PRODE supongo... me hubiese comprado primero la casa como todo el mundo y después... no sé... hubiese puesto un negocio.”

(Martínez, 1989: 522; grifos nossos)

‘No...pero...si hubiera sido cura, creo... mal no me hubiera sido tampoco’

(Martínez, 1989: 523; grifos nossos)

b) quanto maior a possibilidade epistêmica, emprega-se o *pretérito imperfecto de indicativo (irreal empático*⁵⁸), sem a presença de mecanismos *desrealizadores*, mas com coordenação adversativa reforçadora e predomínio de temas mais relacionados ao mundo do enunciador:

“Me extrañó que no nos avisaran. Si ayer no me hubiera llamado Ana María, te llamaba yo y arreglábamos algo para esta noche”

(Martínez, 1989: 523; grifos nossos)

“Hacia un calor terrible y Carlitos se sentía mal pero no podíamos dejar de ir al cumpleaños de María del Carmen. Si no hubiera sido con Carlitos, iba sola pero iba.”

(Martínez, 1989: 523; grifos nossos)

⁵⁷ Para Martínez (1989) um “*de asertivo*” são formas verbais como “*creo*”, “*me parece*”, isto é, verbos de pensamento.

⁵⁸ Martínez (1989) considera as formas do *pretérito imperfecto del indicativo* como um “*irreal empático*”, posto que permeiam um envolvimento maior do enunciador, em construções com a temática próxima do cotidiano dele (em contrapartida de temáticas distante do cotidiano, que exigiriam distanciamento por parte do enunciador), configurando assim um valor epistêmico forte. Dessa forma, a temática pode aproximar o mundo alternativo criado verbalmente com construção contrafactual e o mundo real, tornando possível o emprego das formas do “*irreal empático*”.

c) a forma *hubiese* do *Pretérito Pluscuamperfecto de Subjuntivo* expressa um juízo epistêmico débil, favorecido por contextos neutros e/ou por modalizadores que reforçam a impossibilidade; já a forma *hubiera* do *Pretérito Pluscuamperfecto de Subjuntivo* expressa um juízo epistêmico forte, pela sua carga de significação etimológica e por estar associado com mais frequência a verbos volitivos:

‘Hubiese sido un error descomunal derivar recursos para sostener la Bolsa.’

“Hubiera querido mantenerlo como un acto privado, sin embargo pensé que si todos los famosos adoptaran una actitud similar, quizás la gente imitaría eso.”

(Martínez, 1993: 204; grifos nossos)

No caso do português, cruzaremos nossas análises e conclusões com os comentários de Fiorin (1999) a respeito dos efeitos de sentido criados com a substituição de tempos e modos na construção contrafactual, a saber:

a) a substituição do pretérito imperfeito e do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo pelos seus tempos correspondentes do modo indicativo implica o efeito de sentido de “admitir como verdadeira a hipótese”, isto é, trata-se de um valor epistêmico forte, embora a impossibilidade continue em pé (valor básico de contrafactualidade);

b) a substituição do futuro do pretérito simples e composto pelos pretéritos imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo implica produção de o efeito de sentido de “consequência inevitável”;

c) a presença, tanto na apódose como na prótase, dos pretéritos imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo configura um “indicativo irreal”, que expressa um valor epistêmico forte: “a condição é assumida como verdadeira” e o fato expresso pela principal, sendo a condição preenchida, um fato dado.

É interessante notar algumas coincidências entre Martinez (1989) e Fiorin (1999):
- a substituição do subjuntivo pelo indicativo resulta em um valor epistêmico mais forte;

- o emprego de tempos do indicativo na construção contrafactual como um todo resulta em um “indicativo *irreal empático*”, juntando ambas as colocações. No entanto é interessante antecipar que, aparentemente, no português, não parece ser necessária a empatia temática, isto é, o predomínio de temas mais relacionados ao mundo do enunciador, para o “indicativo irreal” aparecer, embora possa acontecer.

3.2. A SELEÇÃO E ANÁLISE DE CASOS

Relembrando que as estruturas contrafactuais que são objeto de nossa pesquisa são:

Quadro 8

EM ESPANHOL		EM PORTUGUÊS	
PRÓTASE	APÓDOSE	PRÓTASE	APÓDOSE
<i>SI + PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO</i>	<i>POTENCIAL COMPUESTO</i>	<i>SE + PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO</i>
<i>SI + PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO PLUSCUAMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO</i>	<i>SE + PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO</i>
<i>SI + PRETÉRITO IMPERFECTO DEL INDICATIVO</i>	<i>PRETÉRITO IMPERFECTO DEL INDICATIVO</i>	<i>SE + PRETÉRITO MASI-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO</i>
<i>SI + PRETÉRITO IMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO</i>	<i>POTENCIAL COMPUESTO</i>	<i>SE + PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO</i>
		<i>SE + PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO</i>
		<i>SE + PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO</i>	<i>PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO</i>

selecionamos algumas combinações modo-temporais materializadas em exemplos da nossa amostra, para a realização do estudo de casos, tanto em espanhol como em português.

3.2.1. Em espanhol

3.2.1.1. Caso 1:

Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, potencial compuesto

Como já foi comentado, em espanhol, confirma-se o largo emprego da estrutura considerada padrão nos instrumentos metalinguísticos para a expressão da contrafactualidade, não ficando apenas como uma variante formal ou muito cuidada, como prova o seguinte exemplo:

4)

*No te lo tomes tan en serio Shuuichi, **si hubiese pasado** algo mas entr ellos, aniki lo **habría puesto** en su blog, es capaz de cualquier cosa con tal de fastidiarme $\neg\neg X Y$ lo de las grabaciones... Jeje*

Digamos que Eiri dice muchas cosas interesantes mientras duerme >)

Un poco mas Obsesionado @ Friday, November 8, 2002 10:57 a.m.

<http://ryuchanisgod.pitas.com/>

Embora o exemplo tenha sido extraído de um meio escrito informal de expressão (evidente não só pelo suporte em si, mas também pela seleção lexical, o emprego de frases cortadas, descuido na pontuação, na acentuação gráfica e na ortografia), apresenta a construção mais destacada pelos instrumentos normativos. Portanto, e como isso é recorrente na amostra, podemos concluir que o emprego da variante considerada “padrão” não está diretamente e/ou somente relacionada ao grau de formalidade/informalidade do enunciado.

Façamos um parêntese, antes de fazer a análise de um exemplo, para comentar, em primeiro lugar, a construção contrafactual configurada com a combinação do *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* na prótase com o *potencial compuesto* na apódose; e para, em segundo lugar, apresentar algumas considerações gerais a respeito dos exemplos que compõem a amostra com tal construção.

Nesta variante, a contrafactualidade está claramente expressada pela moldura temporal e modal da subordinada, assim como também pela noção temporal e modal da subordinante:

- A moldura de leitura do mundo alternativo criado está perfilada a partir de um valor de anterioridad e de perfeítividade, levando em conta que além do valor de

anterioridade, todos os tempos compostos formados <*haber* + *participio*> implicam a “perfeição”, indicando que os processos que designam já foram realizados dentro do âmbito e do momento temporais referidos (Cartagena: 2000). Gramaticalmente, levando em conta a concordância formal de tempos e modos, se a oração principal refere-se ao âmbito do passado, emprega-se o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* na subordinada. Segundo Martínez (1989), o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* se apresenta como tiempo verbal com o grado mais categórico de impossibilidade epistêmica, descrevendo-o ainda da seguinte forma: *Hubiera/se cantado*: passado, imperfectivo, -assertivo (Martínez: 1989), negação implícita, isto é, não realizado (Martínez: 1990, citando Bello 1964). Além disso, partindo das conceituações feitas por Pérez Saldanya (2000), podemos afirmar que, por se tratar de um tempo relativo⁵⁹, apresenta um valor de distância entre o estado das coisas do mundo da enunciação e o estado das coisas do mundo construído linguisticamente na construção contrafactual. Segundo Pérez Saldanya (2000), o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* na prótase designa uma condição passada incompatível com o mundo da enunciação, já que a combinação do valor temporal de passado e do valor modal de distanciamento constroem a expressão da contrafactualidade.

- A ancoragem temporal dessa leitura está baseada num valor temporal de *ante-pos-pretérito*, geralmente presente na expressão probalística do âmbito do passado, capaz de exprimir valores temporais de anterioridade, de *co-preteridade* ou prospectividade com relação ao punto de referência passado,⁶⁰ e, ainda, sem delimitação temporal, podendo configurar contextos altamente hipotéticos, isto é, contrafactuais (Cartagena: 2000). Ainda segundo Cartagena (2000), o valor temporal básico do *potencial compuesto* é de futuro, podendo indicar conjectura como valor adicional; no entanto aquilo que pode ser considerado um exemplo do primeiro caso de uso deslocado (Rojo & Veiga), parece ser um uso mais frequente do que o seu emprego com o valor temporal básico. De qualquer forma, tal deslocamento permite a aquisição de um valor de incertidumbre/probabilidade por

⁵⁹ Consideramos como “tempos relativos” aqueles que orientam uma situação em relação a algum outro momento, isto é, apresentam um valor temporal anafórico (tempos do modo subjuntivo e o *potencial*); em contrapartida, os “tempos absolutos” orientam uma situação em relação ao momento da enunciação, isto é. Apresentam um valor temporal dêitico (Pérez Saldanya, 2000; Rojo & Veiga, 2000).

⁶⁰ Cartagena (2000) ainda relaciona a possibilidade de o *potencial compuesto* expressar um valor retrospectivo no âmbito do presente, configurando um presente histórico.

parte do potencial *compuesto*, nas construções contrafactuais. Além disso, também se trata de um tempo relativo.

Sendo assim, temos a criação de um mundo alternativo num âmbito anterior ao da enunciação e que se apresenta como já realizado e distante do mundo real, como moldura para a interpretação da apresentação de um acontecimento apresentado como provável e que também não tem relação direta com o mundo da enunciação. Considerando nossa análise do valor de verdade “interior”, capítulo 2, podemos dizer que se trata de uma possível estrutura para a construção de um pensamento unívoco contrafactual.

Já entrando na amostra⁶¹, pudemos observar que, nos exemplos com a estrutura em foco neste item, há a presença -- que consideramos não aleatória -- de alguns elementos que poderíamos chamar de “modalizadores e/ou reforçadores do valor epistêmico”, ou seja, elementos linguísticos que, presentes de forma explícita no texto, vão adicionar valores à construção contrafactual e que revelam a credibilidade da realização, embora suposta e impossível, do mundo alternativo criado simbolicamente nela.

Entre os modalizadores e reforçadores encontrados, podemos citar:

a) verbos de pensamento, como *creer, pensar: Yo creo que*, introduzindo a construção contrafactual no ejemplo 2; *aun pienso que*, introduzindo a construção contrafactual no ejemplo 3; *sé que*, introduzindo a construção contrafactual no ejemplo 11;

b) expressões assertivas: *de hecho*, introduzindo a construção contrafactual no ejemplo 1; *de eso tengo claras dos cosas*, introduzindo uma sequência de construções contrafactuais no ejemplo 6; *echando mano de la hemeroteca*, introduzindo a apódose de uma construção contrafactual no ejemplo 7⁶²;

⁶¹ Os exemplos com a estrutura *Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, potencial compuesto* podem ser conferidos nas páginas 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153 e 154, do apêndice.

c) expressões dubidativas; *posiblemente*, introduzindo a apódose da construção contrafactual no exemplo 1; *como voy a saber*, introduzindo a construção contrafactual no ejemplo 5; *Tal vez*, introduzindo a construção contrafactual no ejemplo 8; (*o quizás si*), modalizando a apódose da construção contrafactual no ejemplo 11;

d) sequências explicativas: *es capaz de cualquier cosa con tal de fastidiarme*, razão que sustenta a construção contrafactual no ejemplo 4; *No voy a dar detalles, pero el resultado fue una sartén requemada, media cocina llena de “crepe líquida” y un platô com um montón de pegotes que se suponía que eran las crepes*, razão que sustenta a construção contrafactual no ejemplo 8; *Había estado super preocupado por esse momento durante años, temiendome su reacción y com miedo a que nuestra amistad se rompiera, y al final no há sido para tanto, la verdade s que no me esperaba que se los tomara tan bien, me dejó muy sorprendido*, razão que sustenta a construção contrafactual no ejemplo 9; *porque desde hace vários años que nos vienen ofreciendo mucho dinero*, razão que sustenta a construção contrafactual no exemplo 10.

Tendo em vista os modalizadores e reforçadores encontrados, concordamos junto com Martinez (1989) que a construção com o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* na prótase apresenta o valor epistêmico mais débil. A presença dos elementos linguísticos relacionados são indicadores de possíveis tentativas de alterar tal valor epistêmico, acrescentando-lhe maior credibilidade com a presença de verbos do pensamento, expressões assertivas e sequências explicativas, e, por outro lado, revelando a credibilidade débil de realização, isto é, a certeza da impossibilidade, por meio de expressões dubidativas.

No exemplo 1, reproduzido a seguir, temos um caso interessante da combinação de uma expressão assertiva, modificando a construção como um todo, e uma expressão dubidativa, modificando a apódose. Contrapondo tais expressões (*de hecho* e *posiblemente*) parece se tratar de um paradoxo:

⁶² No exemplo 7, página XX, da amostra, temos um caso interessante de uma expressão assertiva (*sin duda*), introduzindo uma apódose variante com o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* com *-ra*, que será analisado mais adiante, no caso 2.

1)

La verdad es que la película me ha gustado mucho, posiblemente más de lo que en un principio me imaginaba. El diseño de personajes y el tratamiento de color es como un regreso a los buenos tiempos de la DISNEY, o sea, que han aparcado eso de los colores uniformes para poner luces y sombras (que es como se solía hacer antiguamente a pesar de tener menos medios). No llega al nivel de películas como La Bella y la Bestia o Aladdin ni en guión ni en animación, pero para mi gusto está muy lograda.

*La historia está basada en el libro La Isla del Tesoro, pero en el espacio (de ahí que busquen un planeta) y que conste que sólo está basada en él, no pretende ser una adaptación y de hecho, si lo **hubiesen sido**, posiblemente no **habría quedado** tan bien.*

[http://www.ciao.es/El planeta del tesoro Disney Opinión 650079](http://www.ciao.es/El_planeta_del_tesoro_Disney_Opinion_650079). (Acesso 310109)

No entanto, no exemplo, é possível interpretar tal paradoxo como justamente uma reveladora explicitação do vai-vem das tentativas de modalizar uma construção contrafactual com valor epistêmico débil, por expressar o grau máximo de irrealidade e de impossibilidade. Num primeiro momento, a expressão assertiva *de hecho* fortalece o valor epistêmico ao introduzir a construção; logo em seguida, a expressão dubitativa *posiblemente*, que introduz a apódose, desconstrói tal fortalecimento⁶³.

É importante notar que, levando em conta esta combinação de formas verbais, observamos na amostra a alternância, no caso do *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo*, entre o *hubiese* + participípio e o *hubiera* + participípio. Para Cartagena (2000), baseado em dados quantitativos de estudos sociolinguísticos, tal alternância atende basicamente a frequência de uso e trata-se de variantes estilísticas, não incorrendo em nenhum valor adicional pelo emprego de uma ou outra forma. E, ainda, cita Togeby (1953), segundo quem, por uma questão de frequência, quando ambas as variantes estão presentes no texto, seguem normalmente a seguinte ordem: primeiro a variante *-ra*, e depois a variante *-se*⁶⁴. Martínez (1993), na tentativa de ‘desneutralizar’ a alternância fez a seguinte distinção entre as formas supostamente equivalentes: *hubiese* + participípio traz a noção de impossibilidade; *hubiera* + participípio, a noção de incerteza, baseada no significado etimológico dessa

⁶³ É interessante notar, nesse contexto, a difícil compatibilidade da expressão dubitativa *posiblemente*, que introduz a apódose, com uma forma verbal de indicativo, como, por exemplo, *quedaba*.

⁶⁴ Na amostra com esta variante não temos exemplos que apresentem o uso alternado das formas *-ra* e *-se*; no entanto, na variante a ser analisada a seguir, observamos tal alternância no texto de alguns exemplos. Dessa forma, tentaremos avaliar neles se se trata de uma alternância relacionada à frequência ou a outros valores.

formas, já que a primeira forma provém do *pluscuamperfecto subjuntivo latino* e a segunda, do *pluscuamperfecto indicativo latino*. Ainda sobre essa distinção, Martínez (1993) afirma que a opção por *hubiese* + particípio apresenta um efeito de sentido de asseveração negativa forte, enquanto a opção *hubiera* + particípio, um efeito de asseveração mais débil, o que implicaria maior confiança na realização do evento, embora continue se tratando de uma contrafactual.

Fazendo uma nova análise geral dos elementos que chamamos de modalizadores e reforçadores do valor epistêmico, presentes na amostra, podemos fazer a seguinte avaliação, levando em conta os casos com *hubiese* + particípio e *hubiera* + particípio na prótase:

Quadro 9

Construções com a protase com:	Modalizadores do valor epistêmico	Reforçadores do valor epistêmico
<i>hubiese</i> + particípio (6 exemplos)	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Verbos de pensamento</u>, como <i>creer, pensar</i>, etc: <i>Yo creo que</i>, (exemplo 2); <i>aun pienso que</i>, (exemplo 3); <i>sé que</i>, (exemplo 11); • <u>Expressões assertivas</u>: <i>de hecho</i>, (exemplo 1). • <u>Sequências explicativas</u>: <i>es capaz de cualquier cosa com tal de fastidiarme</i>, (exemplo 4). 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Expressões dubidativas</u>; <i>posiblemente</i>, (exemplo 1); <i>cómo voy a saber</i>, (exemplo 5); <i>(o quizás si)</i>, (exemplo 11).
<i>hubiera</i> + particípio (5 exemplos)	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Expressões assertivas</u>: <i>de eso tengo claras dos cosas</i>, (exemplo 6); <i>echando mano de la hemeroteca</i>, (exemplo 7); • <u>Sequências explicativas</u>: <i>No voy a dar detalles, pero el resultado fue una sartén requemada (...)</i>, (exemplo 8); <i>Había estado super preocupado por esse momento durante años, temiendome su reacción (...)</i>, (exemplo 9); <i>porque desde hace vários años que nos vienen ofreciendo mucho dinero</i>, (exemplo 10). 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Expressões dubidativas</u>; <i>Tal vez</i>, (exemplo 8).

Resumidamente:

Quadro 10

Construções com a protase com:	Modalizadores do valor epistêmico	Reforçadores do valor epistêmico
<i>hubiese</i> + particípio (6 exemplos)	<ul style="list-style-type: none">• Verbos de pensamento: 3.• Expressões assertivas: 1.• Sequências explicativas: 1.	<ul style="list-style-type: none">• Expressões dubidativas: 3.
<i>hubiera</i> + particípio (5 exemplos)	<ul style="list-style-type: none">• Expressões assertivas: 2.• Sequências explicativas: 3.	<ul style="list-style-type: none">• Expressões dubidativas; 1.

Segundo a análise da nossa amostra, os exemplos com *hubiese* + particípio apresentam maior número de expressões dubidativas. E, embora numa contagem superficial, o número de modalizadores seja equivalente, observamos uma distinção: nos exemplos com *hubiese* + particípio, há um maior número de verbos do pensamento; nos exemplos com *hubiera* + particípio, um maior número de expressões assertivas e sequências explicativas. A explicação como fato enunciativo favorece um tipo de enunciador que fala de um lugar de saber, por isso observamos menos compatibilidade entre sequências explicativas e verbos de pensamento, os quais funcionariam como modalizações desnecessárias das asserções desse enunciador.

A nossa pequena amostra, reforça a ideia de que as variantes não são apenas variantes estilísticas, já que aparentemente os exemplos com *hubiese* + particípio estão relacionados com a expressão máxima de contrafactualidade, com o valor epistêmico no menor grau, e os exemplos com *hubiera* + particípio estão relacionados com a expressão máxima de contrafactualidade, com o valor epistêmico em maior grau do que a construção com *hubiese* + particípio.

3.2.1.2. Caso 2:

Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo

Nesta variante, a duplicação do *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* -- o tempo que caracteriza as condicionais contrafactuais, seja na prótase ou na apódose, Kovacci (1994) -- constrói um complexo contrafactual em que a noção de irrealidade (valor temporal de passado + do valor modal de distanciamento) não está somente presente na moldura do mundo alternativo, mas também na sua ancoragem temporal. Fazendo uma primeira avaliação da construção da variante, pareceria conotar um valor epistêmico menor do que a construção “padrão” (Caso 1). Mas antes de compará-las, façamos uma análise da amostra.

Na amostra⁶⁵, constam 9 exemplos com a construção de prótase e apódose com *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo*, podendo observar as seguintes combinações:

- a) Si *hubiera* + participípio, *hubiera* + participípio
- b) Si *hubiese* + participípio, *hubiese* + participípio
- c) Si *hubiese* + participípio, *hubiera* + participípio

Não observamos a combinação Si *hubiera* + participípio, *hubiese* + participípio, dado que tentaremos articular com a análise dos casos presentes na amostra.

Em primeiro lugar e para começar a análise da amostra, apresentamos a relação geral dos modalizadores e/ou reforçadores do valor epistêmico, presentes nos exemplos com a estrutura *Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo*:

- a) verbos que expressam contenidos semânticos relacionados com a suposição ou a conjectura como *suponer, imaginar: Todos suponemos / imaginar ser muchos*, no contexto

⁶⁵ Os exemplos com a estructura *Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* podem ser conferidos nas páginas 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163 e 164, do apêndice.

linguístico da construção contrafactual no ejemplo 1; *sho me puse a pensar*⁶⁶, introduzindo a construção contrafactual no ejemplo 3; *sospecho que*, introduzindo a construção contrafactual no exemplo 4; *supongo que*, introduzindo uma sequência de apódoses, no exemplo 6; *me paro a pensar / me pongo a pensar / estar pensando*, no contexto linguístico das construções contrafactuais no exemplo 6; *imaginaros*, no contexto linguístico das construções contrafactuais do exemplo 11;

b) expressões conjecturais: *lo primero que se me pasa por la cabeza, es: / como / por poner um ejemplo super tonto*, no contexto linguístico das construções contrafactuais no exemplo 6; *Por ejemplo*⁶⁷., introduzindo uma sequência de construções contrafactuais no exemplo 6; *En cualquier caso*, introduzindo uma construção contrafactual no exemplo 11; *me pregunto*, no contexto linguístico das construções contrafactuais do exemplo 12;

c) expressões assertivas: *ciertamente*, introduzindo a apódose da construção contrafactual no exemplo 5; *Ciertamente*, introduzindo a apódose da construção contrafactual no exemplo 5; *No*, introduzindo a apódose de uma construção contrafactual no ejemplo 9;

d) expressões dubitativas; *siempre he tenido esa duda... acaso*, introduzindo a apódose da construção contrafactual no exemplo 9;

e) sequências explicativas: *porque yo estaba condicionada a juzgar a las personas, a descartar aquellas que de alguna forma estaban estigmatizadas por la moral vigente. / Además de que, desde hacía mucho tiempo ya había decidido conmigo misma que no daría culto a ningún ser humano, por más iluminado que fuese.*, reforçando as construções contrafactual no exemplo 5; *... no me pude quedar en el hotel que tanto me gusta [...]casi no dormí la última noche...lo que nunca, salir al amanecer en domingo para cruzarel túnel a pie, ya que por las fiestas no había tráfico vehicular ... pero por fortuna encontramos unas carretillas cruzando a la gente...*, fragmento narrativo que sustenta a construção

⁶⁶ Consideramos o sentido das locuções *pararse a pensar*, *ponerse a pensar* y *estar pensando* e não apenas o sentido do verbo *pensar*.

contrafactual no exemplo 7; (*no solo los aficionados al futbol sino también LAS aficionadas a Kaka*), comentário que sustenta a construção contrafactual no exemplo 10.

Tendo em vista os modalizadores e reforçadores encontrados, e comparando esta variante com a variante “padrão”, comentada no Caso 1, podemos observar um valor epistêmico mais débil, principalmente configurado pelos verbos e expressões conjeturais. É importante também, no entanto, avaliar as variantes da estrutura do caso 2.

Quadro 11

Construções com:	Modalizadores do valor epistêmico	Reforçadores do valor epistêmico
<i>Si hubiera + participio, hubiera + participio</i> (exemplo 12, exemplo 11, com 3 construções, exemplo 10 com 2 construções, exemplo 7 com 3 construções, exemplo 1, exemplo 2)	Expressões assertivas: 2 . Sequências explicativas: 2.	Verbos conjeturais: 2. Expressões conjeturais: 2.
<i>Si hubiese + participio, hubiese + participio</i> (exemplo 8, exemplo 9, exemplo 3, exemplo 4, exemplo 5 com 2 construções, exemplo 6 com 4 construções)	Expressões assertivas: 1. Sequências explicativas: 1.	Verbos conjeturais: 2. Expressões conjeturais: 2.
<i>Si hubiese + participio, hubiera + participio</i> (exemplo 5, exemplo 9, exemplo 6 com 2 construções)	Sequências explicativas: 1.	Expressões dubitativas: 1. Verbos conjeturais: 1. Expressões conjeturais: 2.

⁶⁷ *Por ejemplo* não é um introduutor conjetural, mas um recurso explicativo clássico. No entanto, no contexto em que está inserido, funciona como um delimitador de uma conjectura em função da progressão do fragmento.

Segundo a análise da nossa amostra, os exemplos com *hubiese* + particípio e com *hubiera* + particípio na prótase apresentam um número equivalente de reforçadores do valor epistêmico e de sequências explicativas (modalizadores do valor epistêmico). Já os exemplos com *hubiera* + particípio na prótase apresentam maior número de expressões assertivas (modalizadores do valor epistêmico) e só um exemplo com *hubiese* + particípio apresenta uma expressão dubidativa (reforçador do valor epistêmico). Comparando com a análise do Caso 1:

Quadro 12

	Caso 1	Caso 2
Si <i>hubiera</i> + particípio...	+ expressões assertivas (modalizador) + sequências explicativas (modalizador)	+ expressões assertivas (modalizador)
Si <i>hubiese</i> + particípio...	+ verbos de pensamento (modalizador) + expressões dubidativas (reforçador)	+ expressões dubidativas (reforçador)

observamos uma relativa equivalência entre os empregos de *hubiera* + particípio e *hubiese* + particípio na prótase: enquanto a forma *hubiera* + particípio apresenta maior número de modalizadores do valor epistêmico, só a forma *hubiese* + particípio apresenta um reforçadores do valor epistêmico. É interessante notar que, no entanto, o caráter conjetural fica evidente no Caso 2, tanto nos casos com *hubiera* + particípio como nos casos com *hubiese* + particípio, o que implica na impossibilidade de uma modalização com verbos de pensamento e um valor diferencial com relação à variante do Caso 1.

Ainda fazendo um paralelo com o Caso 1, a “troca” do *potencial compuesto* pelo *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* na apódose, ou seja, na ancoragem temporal da construção contrafactual, não pode ser menosprezada, pois se bem o *pretérito pluscuamperfecto* apresenta um valor temporal de passado + um valor modal de distanciamento, que reforça o caráter contrafactual, o valor probabilístico do *potencial compuesto* não aparece. Segundo Cartagena (2000), a presença do *pretérito pluscuamperfecto do subjuntivo* na sua forma *hubiera* + particípio, no lugar do *potencial*

compuesto, aparece em contextos de valor hipotético, condicionais, mas fortemente asseverativos. O que interpretamos como a tentativa de expressar um valor epistêmico mais forte. Isso fica claro no exemplo 7, em que podemos observar a alternância entre o *potencial compuesto* e o *pretérito pluscuamperfecto do subjuntivo (-ra)* na apódose de uma construção contrafactual:

7)

sábado 3 de febrero de 2007

*Fago. ¿Y si **hubiera sido** al revés?*

*Llevo un par de días preguntándome...¿Y si **hubiera sido** al revés? ¿Qué **habría ocurrido** si el presunto asesino **hubiera sido** del PP?*

*Pues echando mano de la hemeroteca no **habría estado** fuera de tono un comentario de los de Pepiño Blanco, o incluso , del mismo Zapatero.*

***Habríamos tenido** que escuchar comentarios del estilo de "la crispación del PP", "la derecha extrema"...*

***Habríamos visto** como el PSOE utilizaba esta tragedia, que no tiene nada que ver con la política, para pinchar al PP. Lo **hubieramos visto** sin duda. Como todas las muertes que ha utilizado el PSOE contra el PP. Ahora en cambio los vemos muy callados, pero eso no me librerá a mí y a muchos... ¿Qué **habría ocurrido**?*

Lea en EL MUNDO

Publicado por Jabalcuz en 12:51

<http://hartosdezp.blogspot.com/2007/02/fago-y-si-hubiera-sido-al-revs.html> (Acceso 041107)

No exemplo da amostra do Caso 1, aparece a seguinte sequência de construções contrafactuais:

*¿Y si **hubiera sido** al revés?*

*si el presunto asesino **hubiera sido** del PP?*

- *¿Qué **habría ocurrido***
- *no **habría estado** fuera de tono un comentario de los de Pepiño Blanco, o incluso , del mismo Zapatero.*
- ***Habríamos tenido** que escuchar comentarios del estilo de "la crispación del PP", "la derecha extrema"...*
- ***Habríamos visto** como el PSOE utilizaba esta tragedia, que no tiene nada que ver con la política, para pinchar al PP.*
- *Lo **hubieramos visto** sin duda.*

As duas prótases, duas versões para um mesmo pano de fundo de mundo alternativo, apresentam o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo (-ra)* – o que já nos revela um valor epistêmico menos débil --, e se combinam com uma sequência de apódoses com o *potencial compuesto*. No final, entretanto, observamos uma apódose que poderíamos chamar “resumitiva”, porque retoma todas as anteriores, com a presença do *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo (-ra)*, seguido de uma expressão assertiva: o que fora apresentado como improvável e contrafactual é resumido como provável, mas contrafactual, ou melhor, a apódose resumitiva, configurando uma construção de Caso 2, se apresenta como uma asseveração que minimiza o valor epistêmico débil das primeiras construções de Caso 1. Pelos dados que temos, essa mesma apódose resumitiva não parece uma combinação provável com a forma *-se*.

Como já foi apontado, não observamos a combinação *Si hubiera + participio, hubiese + participio*. Em função das análises feitas, associamos a ausência de uma possível variante nesses termos a uma possível incompatibilidade: enquanto o marco de leitura do mundo alternativo se apresenta como menos distante e com um valor epistêmico maior, a ancoragem temporal, com a forma *hubiese + participio*, se distanciaria totalmente do mundo real e apresentaria um valor epistêmico no menor grau.

Ainda sobre a alternância *hubiese/hubiera* e retomando Cartagena (2000), que considera como variantes estilísticas *-ra* e *-se* e, ao falar da alternância, baseia-se na frequência de uso e, ainda, citando Togeby (1953), comenta que, no texto, seguem normalmente a seguinte ordem: primeiro a variante *-ra*, e depois a variante *-se*, tentaremos relativizar esses dados com a apreciação da alternância em exemplos da nossa amostra.

Para tanto, reproduzimos a seguir os exemplos 5, 6 e 9:

5)

(...)

La mujer que venía de la India había tenido el privilegio de tenerlo como su maestro aún en vida. Yo había ido a ese encuentro sin saber nada de todo esto, y ha sido mi suerte. Si hubiese sabido anticipadamente que habría un altar dedicado a ese maestro y, peor todavía, si hubiese sabido de quién se trataba,

ciertamente no **hubiese ido**. Mis ideas preconcebidas me **hubiesen impedido** tener una experiencia única sólo porque yo estaba condicionada a juzgar a las personas, a descartar a aquellas que de alguna forma estaban estigmatizadas por la moral vigente. Tirando de la memoria, recordé vagamente haber visto en la televisión y los periódicos, algunos años atrás, aquella figura de hindú, de largos cabellos y barbas proféticas, excéntricamente vestido, que andaba en limusina, rodeado de lindas mujeres, y que estaba siendo perseguido en los Estados Unidos a causa de su conducta considerada inmoral. Ciertamente **hubiera sentido** rechazo, si **hubiese sabido** de antemano de quién se trataba. Además de que, desde hacía mucho tiempo ya había decidido conmigo misma que no daría culto a ningún ser humano, por más iluminado que fuese.

(...)

<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/conteudo.asp?id=6078> (acceso 041107)

6)

(...) ¿Si te dieran a elegir no tener un sentido, cual sería? ¿Si pudieses elegir tener un poder cual sería?

Y es ahí donde me paro a pensar, y digo siempre, sin dudas, que me encantaría tener el poder de saber cuando algo va a pasar por última vez.

Por poner un ejemplo súper tonto; me hubiese encantado saber que mi último llamado cuando trabajaba tomando llamados en Dell, era el último llamado, me hubiese encantado poder decirle a mi customer que no quería escuchar más gente pidiendo cartuchos de tinta y pidiendo descuento en el shipping, o gente que se quejaba porque su vaca se volvió azul porque se comió el cartucho que el cartero le dejó en la puerta de su casa del medio del campo... O incluso en otras situaciones...

Por ejemplo; me **hubiese comportado** muy diferente si **hubiese sabido** que los últimos besos, eran eso: últimos besos, supongo que me **hubiese quedado** un rato más, supongo que no me **hubiese apurado** tanto a tomarme el colectivo, asumiendo que habría más... supongo que lo **hubiese abrazado** un ratito más, supongo que le **hubiera pedido** que no se vaya, y de lejos me pongo a pensar en que aunque me hubiese dolido, me hubiera encantado poder extender ese momento...

De golpe, sabiendo que es la última vez, no dolería tanto estar pensando que hubiese pasado, de haber sabido⁶⁸ ...

O me divertiría a lo loco, con el pobre desafortunado que sea mi último customer...

Lo dijo PuNchiS en [9:56 PM](#) _

<http://maldicionvaserundiahermoso.blogspot.com/2007/10/siempre-que-me-doy-cuenta-de-que-que.html>

(acceso 041107)

9)



RE: ¿QUE LE **HUBIERA PASADO** A SHUN SI **HUBIESE IDO** A LA ISLA DE LA REINA MUERTE?

Pues en pocas palabras...

Shun **hubiese muerto** ahí y yo sería muy feliz Y quisa hasta me gustaría Ikki
XDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDD

 RE: ¿QUE LE **HUBIERA PASADO** A SHUN SI HUBIESE IDO A LA ISLA DE LA REINA MUERTE?

Escrito originalmente por HADESHUN

SIEMPRE HE TENIDO ESA DUDA...ACASO **HUBIERA PODIDO** OBETENER LA ARMADURA DEL
FENIX?? o PUDIERA HABER MUERTO???

No ...hubiera habido otro Atlantis !!! el shuni este hubiera inundado la isla con su llanto !!!

<http://saintseyayaoi.mforos.com/105637/2093517-que-le-hubiera-pasado-a-shun-si-hubiese-ido-a-la-isla-de-la-reina-muerte/> (acceso 041107)

No exemplo 5, a variante *si hubiese + participío*, *hubiese + participío* é a escolhida para começar a sequência contrafactual (*Si hubiese sabido anticipadamente que habría un altar dedicado a ese maestro y, peor todavía, si hubiese sabido de quién se trataba, ciertamente no hubiese ido. Mis ideas preconcebidas me hubiesen impedido tener una experiencia única*), sendo que na última construção observamos a variante *si hubiese + participío*, *hubiera + participío* (*Ciertamente hubiera sentido rechazo, si hubiese sabido de antemano de quién se trataba.*).

O mesmo pode ser observado no exemplo 6: a variante *si hubiese + participío*, *hubiese + participío* é a escolhida para começar a sequência contrafactual (*si hubiese sabido que los últimos besos, eran eso: últimos besos, me hubiese comportado muy diferente / supongo que me hubiese quedado un rato mas, / supongo que no me hubiese apurado tanto a tomarme el colectivo, asumiendo que habría mas... / supongo que lo hubiese abrazado un ratito mas*), sendo que na última construção observamos a variante *si hubiese + participío*, *hubiera + participío* (*si hubiese sabido que los últimos besos, eran eso: últimos besos, supongo que le hubiera pedido que no se vaya, y de lejos me pongo a pensar en que aunque me hubiese dolido, me hubiera encantado poder extender ese momento.*).

⁶⁸ Esta construção não faz parte das elencadas nesta investigação, portanto não será comentada.

Nesses dois casos, além de não apresentar a ordem considerada mais frequente -- primeiro a variante *-ra*, e depois a variante *-se* --, parece novamente se tratar de uma ênfase assertiva, que desemboca numa variante que expressa o fortalecimento do valor epistêmico, numa gradação construída pela sequência contrafactual e os demais elementos textuais presentes.

Já, no exemplo 9, por termos vários enunciadores que respondem a uma pergunta com a estrutura *si hubiese* + particípio, *hubiera* + particípio, não podemos avaliar a alternância como nos exemplos 5 e 6, mas é interessante notar que, mesmo com a referência da apódose que poderia condicionar o emprego de uma resposta com *hubiera* + particípio (forma considerada mais frequente), observa-se uma alternância entre as formas *-ra* e *-se*.

3.2.1.3. Caso 3:

Si + pretérito imperfecto del indicativo, pretérito imperfecto del indicativo

Esta estrutura é identificada como a variante coloquial para a expressão da contrafactualidade. Na mostra, no entanto, podemos observar que, além desse valor sociolinguístico, a variante em questão pode apresentar outros valores e efeitos de sentido.

É importante destacar que o emprego do *imperfecto del indicativo* tanto na prótase como na apódose de uma condicional, para a expressão da contrafactualidade, depende do contexto linguístico e situacional nos quais o enunciado se encontra inserido, pois o *imperfecto del indicativo* não traz consigo a noção de irrealidade ou de impossibilidade como um valor básico e, sim, como um *uso dislocado*.

Segundo Rojo & Veiga (2000), trata-se de um caso de *uso dislocado* de 2º tipo, no qual uma forma simples é empregada no lugar de uma forma composta. Neste caso, *pretérito imperfecto del indicativo* no lugar de *potencial compuesto* e *pretérito*

pluscuamperfecto del subjuntivo. Tal uso deslocado acrescenta um valor adicional de irrealidade. Além disso, o *pretérito imperfecto del indicativo* possui a característica de poder apresentar-se como um *indicativo irreal*, aspecto compartilhado com o *pretérito pluscuamperfecto del indicativo*, configurando-se o tempo da ficção lúdica, principalmente, mas não exclusivamente infantil (Rojo & Veiga: 2000). Desse forma, tanto o valor modal adicional de irrealidade como uso deslocado, como o valor de indicativo irreal, uso muito comum em situações que se apresentam como ficcionais, reforçam a pertinência do *pretérito imperfecto del indicativo* na construção contrafactual.

Desde outro ponto de vista, Martínez (1990) destaca que a noção de “duratividade” do tempo verbal em questão, que aproxima o mundo criado linguisticamente ao presente da enunciação, evidencia um efeito de maior confiança na possibilidade de realização, embora se trate de um enunciado contrafactual de passado -- portanto um evento apresentado como impossível. A construção contrafactual com o *pretérito imperfecto del indicativo* se apresenta, segundo Martínez (1989), como um *irreal empático*, pois revela uma identificação maior entre o mundo alternativo (criado verbalmente) e o mundo real, por conta da presença de temáticas próprias do mundo do enunciador.

Dessa forma, a nossa hipótese é que o valor de “coloquialidade” da construção é secundário perante os valores modais que tal configuração contrafactual apresenta; ainda mais depois de termos relativizado mediante exemplo da amostra que a estrutura considerada “padrão” não pode ser simplesmente classificada como a variante mais cuidada ou mais formal, e esse ser o valor diferencial dela.

Avaliando a amostra⁶⁹, destacamos o seguinte exemplo:

2)

Talleres deberá esperar

Si ganaba se salvaba del descenso; igualó 2 a 2 con Huracán.

⁶⁹ Os exemplos com a estrutura *Si + pretérito imperfecto del indicativo, pretérito imperfecto del indicativo* podem ser conferidos nas páginas 164, 165 e 166 do apêndice.

CORDOBA.- Toda la expectación giraba alrededor de una y sólo una premisa: que Talleres ganara para salvarse del descenso. Así lo entendieron los cordobeses, al menos. Pero no contaron con que el orgullo del herido Huracán podía dilatarles la fiesta. Talleres jugaba contra un equipo descendido y esperaba la victoria para festejar, a tres fechas del final, su permanencia en primera.

Pero empató 2 a 2 con Huracán. Si bien la iniciativa le correspondió al local, y también las primeras acciones de riesgo fueron suyas (con un mano a mano que desperdició Astudillo), Huracán supo hacer muy bien su juego: esperó y contraatacó, con el tridente Peralta-Casas-Toedtli. Entre ellos complicaron sobremanera a la defensa de Talleres (sobre todo, a Páez), que nunca supo encontrarle la vuelta a los avances del conjunto que dirige Babington.

Fue Huracán el que se puso en ventaja, con un gol de Casas. El delantero definió cruzado ante una gran cesión de Peralta, justo cuando salía a achicar Cuenca, y puso el 1 a 0.

Pero después levantó el elenco cordobés y, conducido por Garay, llegó al empate. Fue Oliva, al comienzo del segundo tiempo, el que igualó, también con una definición cruzada ante la salida del arquero.

Desde entonces, el encuentro se volvió atrapante, con mucha emoción y con un esquema claro: Talleres en el ataque y Huracán tratando de salir de contra.

Así, el que volvió a marcar fue Huracán, con un golazo de Peralta, tras una doble pared entre él y Casas. Y Talleres se desesperó, se desordenó. Se fue encima de Huracán con fuerza, pero siguió dependiendo de Garay y de Oliva, que al final se llevó por delante a todos y definió de volea ante la salida de Ríos para señalar el 2 a 2 definitivo.

Talleres empató, pero sigue con muchas posibilidades de salvarse. Sólo que deberá esperar un poco más.

Enrique Vivanco - Fuente: La Nacion

<http://www.ayudatareas.com.ar/noticias/16/archivo-o2798.shtml> (Acceso 051107)

No exemplo, a variante com *pretérito imperfecto del indicativo* na prótase e na apódose é empregada como subtítulo de uma notícia. Primeiramente, é importante comentar que a forma sintética e enfática da variante combina com as características textuais de uma manchete, pois diz tudo em poucas palavras e, ao mesmo tempo, é atrativa (Muito diferente de uma construção assim, por exemplo: *Talleres deberá esperar. Si hubiese ganado, se habría salvado del descenso; igualó 2 a 2 con Huracán.*).

No contexto da manchete encontramos a prova de que o marco de leitura da prótase é irreal: *si ganaba – igualo 2 a 2 com Huracán* (não ganhou, empatou o jogo), além do valor adicional do uso deslocado. A partir dele, a apódose, com ancoragem temporal no passado “durativo” e o valor adicional do uso deslocado, terminam de configuram um

mundo alternativo criado linguisticamente que é contrafactual, mas que se apresenta menos distante do mundo real (o que é reforçado ainda pela contagem numérica dos pontos dos jogos do campeonato: efetivamente, a partida ganha permitiria que o time não fosse rebaixado). Isto é: o valor epistêmico maior, se comparada com as variantes com os tempos compostos.

Até aqui, já podemos relativizar o valor de coloquialidade atribuído à variante, pois o emprego da construção revela um real menor distanciamento entre o mundo alternativo e o mundo real, sustentado, pelas próprias chances de realização existentes, embora no momento da enunciação não sejam mais realizáveis.

Um outro caso interessante, com uma combinação de tempos não relacionada nos materiais metalinguísticos, e que podemos caracterizar como uma variante próxima à do Caso 3, é a presente no exemplo a seguir:

3)

"Si ganaba, no corro en Ferrari"

Barrichello, tras el triunfo de Schumy

ROMA (ANSA).- El brasileño Rubens Barrichello confesó que si el domingo último **hubiese pasado** a su compañero Michael Schumacher en el final del Gran Premio de Canadá **habría puesto fin** a su carrera en Ferrari.

"Podría haber atacado al final del GP, pero no estoy loco, si lo **hubiese hecho** mi carrera en Ferrari **habría terminado** el domingo, y por eso es mejor que todo haya sucedido así", dijo Barrichello antes de dejar Montreal.

Según Barrichello, si **hubiese superado** a Schumacher -quien en la parte final de la carrera tenía problemas en una toma de aire- "no **habría podido** subir al podio con una sonrisa en los labios, después de todo lo que me había aconsejado el equipo", en obvia alusión a las instrucciones vía radio que había recibido de no superar bajo ningún concepto al piloto alemán.

"Debo ser sincero y reconocer que ni por un solo instante pensé en ir a darle fastidio a Michael y eventualmente sobre el instinto prevalecieron de inmediato la razón y el respeto a lo que me había pedido en forma expresa por el equipo, en el fondo, aun llegando segundo, fue muy hermoso poder llegar casi juntos bajo la bandera a cuadros, lo que es una señal de fuerza de nuestras máquinas", agregó Barrichello.

En tanto, el presidente de Ferrari, Luca di Montezemolo, aprobó la decisión de hacer ganar a Michael Schumacher, en Canadá, y no a Barrichello.

"Las jerarquías sirven para proteger y ganar puntos. Barrichello hizo una carrera maravillosa. Todo tiene su tiempo", comentó Montezemolo en una entrevista realizada con la cadena televisiva Tg1.

Por su parte, el presidente de Ferrari prefirió hablar sobre el "nuevo" Schumacher, distinto de aquel del año último, ya que dijo estar mucho más tranquilo y más sereno cuando sube al podio cada vez que consigue una victoria.

Luca di Montezemolo aseguró que el piloto alemán ahora "cuenta con una mejor máquina con respecto a la del año último", y que por ese motivo les lleva 22 puntos de ventaja a los pilotos del equipo rival, McLaren.

Schumacher, tras su quinta victoria de la temporada, tiene 56 puntos, seguido por David Coulthard (McLaren), con 34. Hoy comenzarán las pruebas en Magny-Cours, con miras al GP de Francia, el 2 del mes próximo.

Fuente: La Nacion

<http://www.ayudatareas.com.ar/noticias/3/archivo-b4585.shtml> (Acceso 041107)

No exemplo, a variante apresenta o *pretérito imperfecto del indicativo* na prótase e o *presente del indicativo* na apódose, sendo empregada como título de uma notícia. Lendo o texto, podemos perceber que se trata de uma reformulação sintetizadora de construções contrafactuais ditas por um único enunciador, explicitado na manchete (Barrichello), tanto no discurso direto, como no discurso indireto:

El brasileño Rubens Barrichello confesó que *si* el domingo último **hubiese pasado** a su compañero Michael Schumacher en el final del Gran Premio de Canadá **habría puesto** fin a su carrera en Ferrari.

"Podría haber atacado al final del GP, pero no estoy loco, *si* lo **hubiese hecho** mi carrera en Ferrari **habría terminado** el domingo, y por eso es mejor que todo haya sucedido así", dijo Barrichello antes de dejar Montreal.

Según Barrichello, *si* **hubiese superado** a Schumacher -quien en la parte final de la carrera tenía problemas en una toma de aire- "no **habría podido** subir al podio con una sonrisa en los labios, después de todo lo que me había aconsejado el equipo", en obvia alusión a las instrucciones vía radio que había recibido de no superar bajo ningún concepto al piloto alemán.

Assim como no exemplo 2, no contexto da manchete do exemplo 3, encontramos a prova de que o marco de leitura da prótase é irreal: *si ganaba* – Barrichello, tras el triunfo de

Shumy (Barrichelo não ganhou a corrida), além do valor adicional do uso deslocado. A partir dele, a apódose, com ancoragem temporal no presente, termina de configura um mundo alternativo criado verbalmente que é contrafactual, mas que se apresenta menos distante do mundo real (o que é reforçado ainda pelos fatos narrados na notícia, com as reais possibilidades que Barrichelo tinha de ultrapassar o seu colega e, ao mesmo tempo, os comandos que ele tinha de seguir e que não permitiram que isso acontecesse) e, ainda, com um valor adicional de presentividade, posto que a apódose se estende ao momento da enunciação (Barrichelo corre pela Ferrari no momento da enunciação). Isto é: trata-se de uma contrução contrafactual de passado que tem efeitos no presente.

3.2.1.4. Caso 4:

Si + pretérito imperfecto del subjuntivo, potencial compuesto

A estrutura com o *pretérito imperfecto del subjuntivo* na prótase e o *potencial compuesto* na apódose para a expressão da contrafactualidade não é uma estrutura nova na língua, mas é uma estrutura que consideramos “nova” por não constar nos instrumentos metalinguísticos pesquisados, mas presente de forma significativa na nossa amostra.

Esta estrutura não registrada, quando contrastada com a estrutura formada por *pretérito imperfecto del subjuntivo* na prótase e *potencial simple* na apódose, com registro nas gramáticas citadas no capítulo 1 deste trabalho, evidencia a noção contrafactual e não potencial da variante.

Retomando Montolío (2000), é possível a expressão da contrafactualidade com a estrutura *pretérito imperfecto del subjuntivo* na prótase e *potencial simple* na apódose

quando o verbo da subordinada é um verbo estativo⁷⁰, já que o tempo da principal faz referência ao presente, sendo uma contrafactual de presente.

No entanto, a estrutura *pretérito imperfecto del subjuntivo* na prótase e *potencial compuesto* na apódose, apresenta-se como uma possível variante contrafactual de passado em casos com verbos estativos na prótase que, mantendo a referência no presente da enunciação, apoiam-se na ancoragem temporal de passado do tempo da principal, que ao remeter ao passado, nega toda possibilidade de realização. Cabe destacar que aparentemente o emprego de tal estrutura contrafactual de passado restringe-se ainda nas construções com a presença de estatividade do verbo da prótase, isto é, a condição de verbo estativo não basta para que possamos considerar a estrutura como uma variante aceitável como contrafactual de passado, dado observável na amostra e na análise presente no capítulo 2 deste trabalho.

Portanto, nos exemplos da nossa amostra⁷¹, temos mais um caso de uso deslocado: o *pretérito imperfecto del subjuntivo*, com valor recto de *pos-pretérito*, passa a expressar uma relação de presente, e com isso, além do valor modal de subjuntivo, ganha um valor adicional de irrealidade (Rojo & Veiga: 2000).

Segundo Ridruejo (2000), o *pretérito imperfecto del subjuntivo* pode expressar uma eventualidade enefetiva no presente e, portanto, irreal. Isto é: o valor de irrealidade vem junto com a referência ao presente da enunciação.

Levando em consideração que a ancoragem temporal dessa leitura, que situa o marco no presente e, ao mesmo tempo, na irrealidad, está baseada num tempo verbal

⁷⁰ Ao fazer referência aos verbos estativos, cabe mencionar que, parafraseando Moreno Cabrera (2002), os verbos têm uma determinada valência e expressam diferentes tipos de eventos, que podem ser classificados considerando dois parâmetros: dinamismo — fazendo a distinção entre eventos que expressam acontecimentos e os que expressam uma situação estável — e control — fazendo a distinção entre os eventos que são controlados e os que são espontâneos. Os verbos estativos, segundo Vilela (1995), são aqueles com os quais se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que isso implique imutabilidade.

relativo, com valor temporal de *ante-pos-pretérito*, podendo configurar contextos altamente contrafactuais, temos um caso de construção contarfactual que, se bem é construída a partir de uma irrealidade no âmbito do presente, é de passado.

Nos exemplos 6 e 11, reproduzidos a seguir, aparece uma estrutura combinada: um verbo estativo no *imperfecto del subjuntivo* na prótase e uma sequência de verbos no *potencial simple* e no *potencial compuesto* na apódose. Nesses casos, é possível observar que, em ambos os exemplos, nas duas primeiras apódoses (*no estaría en Internet* e *no estaría escribiendo esto*; *no habría ni un solo museo de Paleontología* e *no se escribirían libros sobre el tema*) trata-se de construções contrafactuais de presente (o enunciador “*está en internet*” e “*está escribiendo eso*”; “*hay por lo menos un museo de Paleontología*” e “*se escriben libros sobre el tema*”); já nas últimas (*no habría conocido a muchas personas* e *no habría perdido muchas amistades*; *nadie habría ido hablar del Jurásico*) trata-se de construções contrafactuais de passado (o enunciador “*conoció muchas personas*” y “*perdió muchas amistades*”; “*muchos oyeron hablar del Jurásico*”).

11)

Dios, como odio cuando me empiezo a sentir así... siento que soy simplemente un observador de todo, incapaz de hacer algo por sí mismo...me siento tan inútil...

¿Por qué? Simplemente porque me da miedo todo. Si, me da miedo que pensará la gente, cómo reaccionará...no puedo permitirme nada que me guste...no sé nada en lo que a relacionarme a los demás respecta...supongo que los ejemplos de sociedad que tengo en la familia tampoco ayudan demasiado, creo...

¿Por qué no cambiar? Si fuera tan fácil, no estaría en internet, no estaría escribiendo esto, no habría conocido a muchas personas y no habría perdido muchas amistades por el miedo que significa cambiar algo tan establecido como el miedo...

http://shigeru.pitas.com/30_09_2002.html

6)

Nos gustaría que a través de esta u otras páginas, pudiéramos crear un colectivo de amantes de los fósiles. Además de enriquecer los museos con nuestras aportaciones, también fomentaremos la sensibilidad y amor a nuestro planeta y, como no, la cultura de nuevas generaciones.

⁷¹ Os exemplos com a estrutura *Si + pretérito imperfecto del subjuntivo, potencial compuesto* podem ser conferidos nas páginas 166, 167, 168, 169, e 170 do apêndice.

Y espero que también sirva para corregir la miopía de algunos políticos o dirigentes que hacen que nuestra afición parezca algo sucio y punible.

*Por el amor de Dios!. Si no **fuera** por aficionados como nosotros no **habría** ni un solo museo de Paleontología, no se **escribirían** libros sobre el tema, nadie **habría ido** hablar del Jurásico, por ejemplo.*

<http://usuarios.lycos.es/lawebdelosfosiles/asociaciones.html>

Ainda observando a combinação temporal de alguns exemplos com a construção *si+pretérito imperfecto del subjuntivo, potencial compuesto*, destacamos a presença de:

a) expressões temporais que reforçam a referência de passado da ancoragem temporal da apódose: *ya* (exemplo 1; exemplo 4); *en qué época histórica* (exemplo 2); *en esa época* (exemplo 5); *en aquella época* (exemplo 8); *mis últimos meses* (exemplo 12); *esta mañana* (exemplo 9)

b) formas verbais em passado que Server de referência para a ancoragem temporal da apódose: *he presentado mi dimisión* (exemplo 7); *ya se ha desenganchado de mí ese niño* (ejemplo 10).

É importante destacar a presença de expressões temporais que ora denotam um ponto no tempo passado (*en qué época histórica, en esa época, en aquella época*), ora denotam um tempo passado que podem apresentar relação com o presente (*ya, mis últimos meses, esta mañana*).

Vejamos como funciona essa combinação temporal no exemplo 9:

9)

*Estoy tan quemado por el sol que si **fuera** un poco más miedoso **habría ido** al médico esta mañana. Ha sido una mala noche, el más mínimo roce con las sábanas me dolía. Me lo merezco, por idiota. Siempre pasa lo mismo, siempre acabo quemándome. Nunca aprenderé.*

<http://egosum.blogspot.com/>

si fuera un poco más miedoso ⇒ *no soy muy miedoso* - PRESENTE

habría ido al médico esta mañana ⇒ *no fui al médico esta mañana* - PASSADO

A contrafactualidade fica configurada com a ancoragem no passado. O mesmo enunciado com o *potencial simple* não expressaria contrafactualidade, senão potencialidade (a expressão temporal *esta mañana* se apresentaria denotando tempo presente): *Estoy tan quemado por el sol que si fuera un poco más miedoso iría al médico esta mañana.*

Pensando no valor de verdade ‘exterior’⁷²:

Mundo alternativo: *Se p, então q* → condicional considerada como verdadeira enquanto a sua interpretação rebatida for verificável no mundo real.

Mundo real: *Se não q, então não p* = *Como no soy muy miedoso, no fui al médico esta mañana.* → verificável no mundo real

Pensemos agora no valor de verdade ‘interior’:

Se p, então q = verdadeiro; pensamento unívoco contrafactual

se

$[(Se) p + (então) q]$ = é um complexo que evoca um pensamento e que remete ao mesmo mundo alternativo em que:

- a) $(Se) p$ = situa a cena de q condicionado por um presente irreal, que pode ser considerado sem delimitação de tempo;
- b) $(então) q$ = narra o fato num passado alternativo e improvável, condicionado pelas características de p .

Dessa forma, embora observemos uma referência temporal relacionada ao momento da enunciação, caracterizando um valor temporal de presente na prótase, podemos afirmar que a construção do Caso 4 é uma contrafactual de passado, posto que a ancoragem temporal é de passado e a eventualidade apresentada como presente, na verdade, não é um fato pontual que coincide com o momento da enunciação, mas um fato que pode ser

⁷² Aplicação de análise desenvolvida no capítulo 2.

considerado sem delimitação de tempo – pois existia no passado, se mantém no presente e continuará a existir no futuro.

É importante notar que, levando em conta esta combinação de formas verbais, observamos na amostra a alternância, no caso do *pretérito imperfecto del subjuntivo*, entre a forma *-se* e a forma *-ra*. Para Rojo & Veiga (2000), assim como para Cartagena (2000), baseado em dados quantitativos de estudos sociolinguísticos, tal alternância não incorre em nenhum valor adicional pelo emprego de uma ou outra forma, destacando o predomínio da forma *-ra* sobre a forma *-se*. Tais dados quantitativos parecem, ainda, estar reforçados por outro dado, também encontrado em Rojo & Veiga (2000) e em Cartagena (2000), baseado na etimologia das formas: *-ra* conserva alguns empregos modalmente indicativos e *-se* é essencialmente uma forma subjuntiva; sendo assim: a forma *-ra* pode substituir a forma *-se*, mas nem sempre a forma *-se* pode substituir a forma *-ra*. Já Martínez (1993), no entanto, como já comentamos, baseia-se nessa distinção etimológica para ‘desneutralizar’ a alternância entre as formas *-ra* e *-se*.

Na amostra, encontramos 7 ocorrências da forma *-se* e 6 com a forma *-ra* na prótase e, embora não sirva como um dado quantitativo para refutar a vasta literatura que defende o predomínio da forma *-ra* e a equivalência entre as formas, também não serve para reafirmá-la.

No exemplo 11, reproduzido a seguir, observamos a alternância entre a forma *-ra* e *-se* na prótase na mesma construção contrafactual, sendo que a forma *-ra* é empregada no título da notícia, e a forma *-se*, no corpo da notícia, ambas as formas num enunciado em discurso direto (o que pode reforçar as conclusões a respeito da alternância segundo Rojo & Veiga (2000) e Cartagena (2000). Além disso, observamos uma variante para a construção do Caso 4, com o emprego do *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* no lugar do *potencial compuesto* na apódose:

11)

Florentino: «*Si no fuera el culpable no hubiera demitido*»

JULIÁN ÁVILA

28-2-2006 08:14:53

MADRID. Pasadas las nueve de la noche Florentino Pérez apareció en la sala de prensa del Santiago Bernabéu acompañado por los miembros de la Junta Directiva. Traje gris, corbata oscura y un rictus mortecino. Sólo faltaba el nuevo presidente. Tomó la palabra y leyó el manifiesto que justificaba la dimisión. «He convocado a la Junta Directiva porque creemos que el Real Madrid necesita un cambio. Tras analizar la situación es el momento oportuno para que deje la presidencia del Real Madrid y he presentado mi dimisión porque estoy convencido de que puede ser el revulsivo que necesita el club».

«Es una decisión meditada, un ejercicio de coherencia porque en estos años de presidente hay momentos en los que un club como el Real Madrid necesita un impulso de renovación y debo aplicármelo a mí mismo. Los socios me encomendaron encauzar el destino y rumbo de una institución que vivía momentos difíciles, han sido seis años duros y apasionantes y esta junta directiva ha colocado al Real Madrid en el liderazgo y a los socios para decidir el futuro de la institución, son los únicos propietarios».

«Mi decisión ayuda al Real Madrid, va a impulsar al club en lo que resta de temporada y en la próxima. La estabilidad debe formar parte del código de comportamiento y de acuerdo con los estatutos del club la junta directiva ha nombrado nuevo presidente a Fernando Martín Álvarez. Le deseo toda la suerte para afrontar este nuevo desafío. Es un hombre capaz».

Señaló con el dedo al vestuario

«Ser presidente del Real Madrid me ha permitido vivir los años más intensos de mi vida, quiero transmitir mi gratitud a todos los estamentos del club. Soy madridista desde pequeño y esta decisión es un gesto de lealtad a los socios. Gracias, hasta siempre y buena suerte», finalizó.

A continuación llegó la parte más jugosa. El cuerpo a cuerpo del ya ex presidente con los periodistas.

Inevitablemente se pusieron sobre la mesa los últimos acontecimiento protagonizados por los jugadores. Y Florentino cargó con dureza contra el vestuario.

«Algunos jugadores están confundidos. Y no he sabido desconfundirles. No me han gustado las actuaciones de los últimos días. No es normal lo que pasó en Mallorca. En lo que dijo Sergio Ramos tenía razón y no me gusto verle solo celebrando el gol. No vamos por el buen camino y quizás sin mi presencia haya un revulsivo», señaló.

*En la siguiente pregunta en la misma dirección hurgó en la herida abierta: «Esta plantilla está hecha de grandes jugadores. Soy el máximo responsable. Les he maleducado y algunos se han confundido. Los padres, por darle, lo mejor a los niños logran que se confundan. No sólo ellos tienen la culpa. No he echado en ningún momento la culpa a los jugadores porque si no **fuere** el culpable no **hubiera dimitido**. Me llevo bien con todos los jugadores, son buena gente. Y son nuestro mejor activo. Seguro que he cometido errores. Es bueno el cambio porque lo único importante es el Real Madrid», prosiguió.*

«¿A qué se debe esta confusión? Ha podido venir porque en los últimos años hemos jugado un fútbol espectacular y nos han adulado en todo el mundo. Y es normal que alguno se confunda ante tanto halago o que piense que tiene el puesto asegurado en el equipo. Me hubiese gustado educarles en el trabajo, en el sacrificio. A los jugadores quiero abrirles los ojos con mi salida».

Sin vuelta, pero sigue de socio

También abordó otros detalles y desveló que había tomado la decisión después del desastre de Mallorca: «No creo que haya crisis y pienso que el club necesita una revolución. No estamos en la mejor situación. Después de haber cambiado a varios entrenadores lo único positivo era cambiar al presidente. La normalidad institucional consiste en que la Junta nombre a un nuevo presidente hasta 2008. Fernando Martín es muy listo y sabe lo que tiene que hacer. La vida es larga. No volveré, pero seguiré siendo socio». Sacó pecho al repasar varios logros: «El modelo es el adecuado. Estamos muy satisfechos de lo que hemos hecho y dónde hemos puesto a este club en los diferentes ámbitos. Tengo una salida bastante buena. Es un acto de lealtad y de responsabilidad». Y a las diez de la noche se marchó en medio de una cerrada ovación de su Junta.

http://www.abc.es/hemeroteca/historico-28-02-2006/Home/florentino-si-no-fuera-el-culpable-no-hubiera-dimitido_142543049902.html (acesso 071107)

Mais uma vez observamos a presença do *pretérito pluscuamperfecto do subjuntivo*, na sua forma *hubiera* + participípio, no lugar do *potencial compuesto*, denotando um valor formalmente asseverativo (Cartagena: 2000), o que já interpretáramos como a tentativa de expressar um valor epistêmico mais forte: o que se apresenta na apódose é, mais do que improvável e contrafactual, provável, mas contrafactual.

3.2.2. Em Português

3.2.2.1. Caso 5:

Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto
--

A estrutura mais reconhecida nos instrumentos normativos para a expressão da contrafactualidade é a estrutura equivalente, na combinação de tempos verbais, à estrutura “padrão” em espanhol.

Em primeiro lugar, gostaríamos de desmitificar a estrutura em questão, considerada “padrão” também em português, como formal, posto que ela aparece em exemplos da nossa amostra que não correspondem a enunciados de registro formal. Observemos o exemplo a seguir:

2)

*Tipo... Ontem teve uma festa sem graça na escola... ><' Mas a [Nana](#) tirou taro pra mim! ^^ Nossa... Deu cada coisa surpreendente!! XDD E tbm umas q deixaram chocada... --' Mas tudo bem!! Isso melhorou meu humor!!! XDD E na festa tocou uma banda do Jd Sao Paulo! Foi legal... Mas Acho q eu **teria ganhado** mais **se tivesse ficado** aki no comp... --'*

http://sa_chan.blogspot.com/2002_11_01_sa_chan_archive.html

Embora o exemplo tenha sido extraído de um meio escrito informal de expressão (evidente não só pelo suporte em si, mas também pela seleção lexical, o emprego de frases cortadas, descuido na pontuação, na acentuação gráfica e na ortografia), apresenta a construção mais destacada pelos instrumentos normativos. Portanto, e como isso é recorrente nos exemplos da amostra, tanto em português como em espanhol, podemos concluir que o emprego da variante considerada “padrão” não está diretamente e/ou somente relacionada ao grau de formalidade/informalidade do enunciado em nenhuma das línguas.

Antes de fazer a análise de exemplos da amostra⁷³, é importante comentar, em primeiro lugar, a construção contrafactual configurada com a combinação do pretérito mais-que-perfeito de subjuntivo na prótase com o futuro do pretérito composto na apódose, ambos os tempos relativos; e para, em segundo lugar, apresentar algumas considerações gerais a respeito dos exemplos que compõem a amostra com tal construção.

Nesta variante, assim como a equivalente em espanhol, a contrafactualidade está claramente expressada pela moldura temporal e modal da subordinada, assim como também pela noção temporal e modal da subordinante:

- A moldura de leitura do mundo alternativo criado está perfilada a partir do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo que, segundo Moura Neves (1999), com a evidência de um passado, garante a irrealidade, deixando de lado a expressão de uma mera hipótese (“falsidade provável”). Gramaticalmente e levando em conta o que Fiorin (1999)

⁷³ Os exemplos com a estrutura *Se* + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto podem ser conferidos na página 171 do apêndice.

chama de tempo harmonizado, se o tempo da oração principal for um tempo do subsistema enuncivo⁷⁴ de anterioridade -- como é o caso da apódose com o futuro do pretérito composto na estrutura condicional --, o tempo da subordinada (no caso, a prótase) tem de ser um pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, para expressar anterioridade. Dessa forma, podemos afirmar que apresenta um valor de distância entre o estado das coisas do mundo da enunciação e o estado das coisas do mundo construído linguisticamente na construção contrafactual.

- A ancoragem temporal dessa leitura está baseada num valor temporal que “exprime uma relação de posterioridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência pretérito” (Fiorin: 1999), com uma alta carga hipotética, de “antecipação imaginária” (Fiorin: 1999). Segundo Vilela & Koch (2001), o futuro do pretérito composto pode expressar suposição e irrealidade no passado, valores modais que se sobrepõem ao valor temporal (temos, como no espanhol, um tempo verbal com o valor temporal básico de futuro, podendo indicar conjectura como valor adicional; no entanto aquilo que pode ser considerado um exemplo do primeiro caso de uso deslocado (Rojo & Veiga: 2000), parece ser um uso mais frequente do que o seu emprego com o valor temporal básico).

Sendo assim e como no Caso 1 em espanhol, temos a criação de um mundo alternativo num âmbito anterior ao da enunciação e que se apresenta como já realizado e distante do mundo real, como moldura para a interpretação da apresentação de um acontecimento apresentado como provável e que também não tem relação direta com o mundo da enunciação. Considerando nossa análise do valor de verdade “interior”, capítulo 2, podemos dizer que se trata de uma possível estrutura para a construção de um pensamento unívoco contrafactual.

⁷⁴ Tempo do subsistema enuncivo: relaciona-se ao marco temporal instituído no texto, e que cria o efeito de sentido de objetividade. Em contrapartida a tempo do subsistema enunciativo, que se relaciona ao “agora” da enunciação, construindo um efeito de sentido de subjetividade (Fiorin: 1999).

Já entrando na amostra, pudemos observar que, nos exemplos com a estrutura em foco neste item, há a presença de:

a) um verbo factivo⁷⁵ (jurar, no exemplo 4), que consideramos um “modalizador do valor epistêmico”, ou seja, elementos linguísticos que, presentes de forma explícita no texto, adicionam um valor de maior credibilidade de realização ao mundo alternativo da construção contrafactual, embora impossível e irrealizável;

4)

*Juro que se tivesse sabido antes **teria ido** te ver.*

nothingatallbia.weblogger.terra.com.br/200302_nothingatallbia_arquivo.htm

b) um verbo não-factivo, de atividade mental ou de pensamento (achar, no exemplo 5), que também consideramos um “modalizador do valor epistêmico”, embora em menor grau que o modalizador que aparece no exemplo 4;

5)

*Tipo... Ontem teve uma festa sem graça na escola... ><' Mas a Nana tirou taro pra mim! ^^ Nossa... Deu cada coisa surpreendente!! XDD E tbm umas q deixaram chocada... --' Mas tudo bem!! Isso melhorou meu humor!!! XDD E na festa tocou uma banda do Jd Sao Paulo! Foi legal... Mas Acho q eu **teria ganhado** mais se tivesse ficado aki no comp... --'*

http://sa_chan.blogspot.com/2002_11_01_sa_chan_archive.html

c) um operador argumentativo⁷⁶ (Aliás, no exemplo 1), que também consideramos um “modalizador do valor epistêmico” enfático.

1)

*Quanto: Uma fortuna. 8 reais o ingresso durante a semana, 10 de sexta a domingo. Quartas é dia promocional, você paga “apenas” 7 reais. Sem desconto para estudante. Quem tem um descontão são os clientes Unibanco, não é meu caso, não vou mais lá. Aliás, nem **teria ido** se tivesse sabido o preço com antecedência. Mas eu já estava lá mesmo, e louca para ver o filme, então fui. Valeu a pena.*

⁷⁵ Segundo Moura Neves (2000), os verbos factivos têm a propriedade de implicar a pressuposição de que a proposição completiva que introduzem é factual; em contrapartida, um verbo não-factual implica a pressuposição de que a proposição completiva que introduz é mais eventual.

É interessante, ainda, observar, no exemplo 3, reproduzido abaixo, a presença do futuro do pretérito simples e do futuro do pretérito composto, sem que isso implique modificação da referência da ancoragem temporal da apódose e, conseqüentemente, da contrafactualidade. Numa primeira descrição dos tempos verbais da construção, poderíamos avaliar que, por um lado, a apódose com o futuro do pretérito (“teria estudado”) faz referência a um fato passado, compondo uma contrafactual de passado com a prótase “se tivesse ido...”, e, por outro lado, a apódose com o futuro do pretérito (“estaria formada”) faz referência a um fato presente, compondo uma contrafactual de presente com a mesma prótase. Isso poderia ser ainda mais reforçado introduzindo marcadores temporais: “teria estudado com elas *em 1998*”; “estaria formada *hoje*”. No entanto, em ambos os casos temos contrafactuais de passado, posto que o aspecto resultativo da forma ‘estar + particípio’ ancora temporalmente a ‘não-formatura’ no passado, ao mesmo tempo que é um passado posterior a “teria estudado”, posto que “estar formado” seria decorrente de “ter estudado”.

3)

Se tivesse ido p/EdFAs direto, teria estudando c/elas e estaria formada...

http://falange.weblogger.terra.com.br/200206_falange_arquivo.htm

3.2.2.2. Caso 6:

Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo

A estrutura com o imperfeito do subjuntivo na prótase e pretérito mais-que-perfeito do indicativo na apódose (variante presente no nosso poema de referência da nossa pesquisa), variante sem registro nos instrumentos normativos, está relacionada nos dados de

⁷⁶ Segundo Koch (1996), os operadores argumentativos são morfemas responsáveis pela relação “de ser argumento para” entre enunciados. Funcionam como operadores argumentativos os morfemas que a gramática tradicional classifica como conectivos e palavras denotativas.

Moura Neves (2000), como uma das estruturas para a expressão da contrafactualidade, e aparece com uma frequência alta na amostra. Como já foi comentado, no trabalho de Salvi & Tapazdi (1998), que faz o contraste entre o português do Brasil e o português de Portugal, tal estrutura está presente somente nos exemplos de português do Brasil.

Antes de avaliar o sentido contrafactual da construção como um todo, é importante começar por alguns comentários a respeito do emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase, em função da presença na amostra, funcionando de forma diferente a seu equivalente em espanhol, e dos valores temporais e modais que assume na configuração da(s) variante(s).

Levando em conta o que Fiorin (1999) chama de tempo harmonizado, se o tempo da oração principal for um tempo do subsistema enuncivo⁷⁷ de anterioridade -- como é o caso da apódose com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo na estrutura condicional --, e o tempo da subordinada (no caso, a prótase) o pretérito imperfeito do subjuntivo, a moldura de leitura do mundo alternativo expressa simultaneidade em relação à ancoragem temporal, podemos concluir que a variante apresenta um valor de passado.

Não podemos, no entanto, nos esquecer de que o pretérito imperfeito do subjuntivo pode fazer referência ao presente, ao passado e, ainda, ao futuro. Tendo em vista a maleabilidade do tempo verbal e a variante em espanhol do Caso 4, temos de verificar se, como afirmam Salvi & Tapazdi (1998), “*o imperfeito do conjuntivo se usa [somente] com valor de mais-que-perfeito do conjuntivo*” nas estruturas contrafactuais e se esse valor pode ser considerado uma neutralização.

Quanto à ancoragem temporal dessa leitura com o pretérito imperfeito do subjuntivo, é interessante notar a substituição do futuro do pretérito composto pelo pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que produz o efeito de sentido de “que a consequência é inevitável, se uma dada condição for preenchida” (Fiorin: 1999), minimizando o

⁷⁷ Tempo do subsistema enuncivo: relaciona-se ao marco temporal instituído no texto, e que cria o efeito de sentido de objetividade. Em contrapartida a tempo do subsistema enunciativo, que se relaciona ao “agora” da enunciação, construindo um efeito de sentido de subjetividade (Fiorin: 1999).

distanciamento entre o mundo alternativo e o mundo real. Segundo Vilela & Koch (2001), o pretérito mais-que-perfeito composto exprime um acontecimento acabado no passado e sem qualquer ligação com o presente.

Se considerarmos a estrutura descrita no Caso 6 como uma variante da estrutura padrão em português (Caso 5), podemos estabelecer uma diferenciação na distância entre o estado das coisas do mundo da enunciação e o estado das coisas do mundo construído linguisticamente na construção contrafactual: no Caso 5, maior; no Caso 6, menor.

Fazendo uma análise geral dos 14 exemplos da amostra⁷⁸, encontramos 5⁷⁹ construções contrafactuais em que a prótase construída com o pretérito imperfeito do subjuntivo com verbos estativos e tendo a referência no presente da enunciação. Portanto, nesses exemplos da amostra em português, temos um caso de uso deslocado equivalente ao encontrado no Caso 4 em espanhol: o pretérito imperfeito do subjuntivo, passa a expressar um valor temporal de presente, e com isso, além do valor modal de subjuntivo, ganha um valor adicional de irrealidade (Rojo & Veiga: 2000). Nesse caso, a ancoragem temporal de passado do tempo da principal, nega toda possibilidade de realização.

Ainda observando a combinação temporal de esses exemplos com a construção *se*+ pretérito imperfeito do subjuntivo (com valor temporal de presente), pretérito mais-que-perfeito do indicativo, destacamos a presença de:

a) expressão temporal que reforça a referência de passado da ancoragem temporal da apódose: já (exemplo 2; exemplo 9);

⁷⁸ Os exemplos com a estrutura *Se* + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo podem ser conferidos nas páginas 172, 173, 174 e 175 do apêndice.

⁷⁹ No exemplo 4 da amostra, o pretérito imperfeito do subjuntivo da prótase da construção contrafactual admite duas interpretações: valor temporal de presente, considerando que a qualidade de “inteligente” (ou a falta dela) é permanente e que o ser a quem se lhe adjudica tal qualidade está vivo; o valor temporal de pretérito, considerando a referência temporal da sentença anterior (E ele era inteligente?):

Nessa hora eu entendi por que minha imagem favorita no filme é a aparição de uma placa escrito “Centro de Inteligência George Bush”. Como as palavras Bush e inteligência cabem na mesma placa? Ah, mas é o Bush pai. E ele era inteligente? Se fosse, tinha feito vasectomia antes de casar.

http://www.lost.art.br/lola_recruit.htm

b) forma verbal em passado que serve de referência para a ancoragem temporal da apódose: foi ele que acendeu (exemplo 10).

É importante destacar a presença da expressão temporal “já”, equivalente da expressão em espanhol *ya*, que denota um tempo passado que pode apresentar relação com o presente.

Já nos demais exemplos, as prótases construídas com o pretérito imperfeito do subjuntivo com a referência temporal no passado, poderiam ser reformuladas substituindo o tempo verbal pelo pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, sem alterar o valor temporal. Configurando, dessa forma, uma variante não equivalente à variante do Caso 4 em espanhol, nem à mesma variante em português com a prótase vinculada ao presente.

E, embora aparentemente não haja diferenciação temporal entre o pretérito imperfeito do subjuntivo e o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, não podemos nos esquecer que, segundo Rojo & Veiga (2000), trata-se de um caso de *uso deslocado* de 2º tipo, no qual uma forma simples é empregada no lugar de uma forma composta. Neste caso, ao pretérito imperfeito do subjuntivo se lhe acrescenta um valor adicional de irrealidade, mas não deixa de ter, de pano de fundo, o valor de potencialidade. Além disso, levando em conta a afirmação de Moura Neves (2000): “O valor contrafactual favorece a construção de condicionais optativas”, com o pretérito imperfeito do subjuntivo, não podemos equiparar uma prótase com o pretérito imperfeito do subjuntivo a uma prótase com pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, mesmo matendo uma aparente equivalência temporal. Em função disso, não acreditamos numa “neutralização” dos tempos nem numa equivalência epistêmica entre as variantes com tais tempos verbais na prótase.

Após as apreciações da prótase com o pretérito imperfeito do subjuntivo e levando em conta que a ancoragem temporal está baseada num tempo verbal de passado, a construção contrafactual do Caso 7 pode ser desmembrada em duas variantes: ora construída a partir de uma irrealidade no âmbito do presente (Caso 7.a), ora construída a

partir de uma irrealidade no âmbito do passado (Caso 7.b, variante presente no nosso poema de referência).

Comparemos os exemplos 2 e 10, reproduzidos a seguir:

2)

*terça-feira - fiz a última prova (filosofia) do bimestre, e de tarde eu fui no dentista. descobri q minha dentista já foi 2 vezes pra Alemanha e q tudo q ela sabe falar em alemão é Guten Tag (q decepção, se fosse eu já **tinha aprendido** mto mais).*

http://www.talitasjc.blogspot.com.br/2002_10_01_archive.html

Mundo alternativo: *Se p, então q* → condicional considerada como verdadeira enquanto a sua interpretação rebatida for verificável no mundo real.

Mundo real: *Se não q, então não p* = Como não sou eu (PRESENTE), não aprendi muito mais.(PASSADO) → verificável no mundo real

Pensemos agora no valor de verdade ‘interior’:

Se p, então q = verdadeiro; pensamento unívoco contrafactual

se

[(*Se*) *p* + (*então*) *q*] = é um complexo que evoca um pensamento e que remete ao mesmo mundo alternativo em que:

- a) (*Se*) *p* = situa a cena de *q* condicionado por um presente irreal, que pode ser considerado sem delimitação de tempo;
- b) (*então*) *q* = narra o fato num passado alternativo e improvável, condicionado pelas características de *p*.

Dessa forma, observamos uma referência temporal relacionada ao momento da enunciação, caracterizando um valor temporal de presente na prótase, mas associada a uma ancoragem temporal de passado e, ainda, a tal eventualidade apresentada como presente, pode ser considerada sem delimitação de tempo – pois existia no passado, se mantém no

presente e continuará a existir no futuro. Sendo assim, podemos considerar que se trata de uma contrafactual de passado, equivalente ao Caso 4, em espanhol.

10)

*nussa acenderam um fosforo na sala... bah... a ultima fila foi pra fora... INTERA!!! ahhhahuuha nussa... eu sento na penultima... dai depois quando o povo volto o Bigode [traia la] falo pro Douglas 'Foi ele que acendeu...' dai Douglas grita: 'Se fosse eu **tinha pegado** fogo na sala intera!'*

HUAHAUUHAHUAHUAHUAHUAHUAHUAHUAHUAHUAHUAHAHAHAUHAHUA nussa muito doido!!! hehehe comico!!!

http://siriusblacko.blogspot.com/2002_05_12_siriusblacko_archive.html

Pensemos no valor de verdade 'exterior':

Mundo alternativo: *Se p, então q* → condicional considerada como verdadeira enquanto a sua interpretação rebatida for verificável no mundo real.

Mundo real: *Se não q, então não p* = Como não fui eu (PASSADO), não pegou fogo na sala inteira. (PASSADO) → verificável no mundo real

Pensemos agora no valor de verdade 'interior':

Se p, então q = verdadeiro; pensamento unívoco contrafactual

se

$[(Se) p + (então) q]$ = é um complexo que evoca um pensamento e que remete ao mesmo mundo alternativo em que:

- a) $(Se) p$ = situa a cena de q num passado alternativo com determinadas características;
- b) $(então) q$ = narra o fato num passado alternativo e improvável, condicionado pelas características de p .

Neste caso, temos uma contrafactual construída totalmente com referências no passado. E, portanto, a construção do exemplo 2 não é equivalente à do exemplo 10.

Em ambos os casos, no entanto, podemos observar que, contrapondo a estrutura Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo com a estrutura Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto⁸⁰, há um valor diferencial por conta da forma verbal da apódose: enquanto a construção com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo traz o valor epistêmico modalizado, embora não deixe de ser contrafactual; a construção com o futuro do pretérito composto mantém alta carga hipotética.

3.2.2.3. Caso 7:

Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo

A estrutura variante com o mais-que-perfeito do subjuntivo e o mais-que-perfeito do indicativo não consta nos dados de Moura Neves (2000), mas, por outro lado, consta como exemplo de condicional contrafactual de passado na Gramática de Língua Portuguesa organizada por professores de diversas universidades portuguesas (Brito:2003).⁸¹

E, enquanto na amostra de Salvi & Tapadzi (1998) do português de europeu, não aparecem exemplos com a combinação do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase com o condicional composto ou com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo na apódose (dado apontado como “curioso”, por se tratar de “exemplos clássicos de períodos de irrealidade”); na nossa amostra encontramos ambas as combinações. Sendo, ainda, de maior frequência a combinação do Caso 7, com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo na apódose.

⁸⁰ No trabalho de Tapadzi & Salvi (1998), só consta um exemplo com essa estrutura.

⁸¹ O exemplo que consta em Brito (2003) é o seguinte: “Se tivesse chovido em Portugal em 1981, não tinha/teria havido seca.”. Como é possível observar, apresenta-se como uma alternância possível entre um ou outro tempo composto, sem acrescentar comentários a respeito de algum tipo de nuance.

Fazendo uma análise da combinação, baseada na nossa amostra⁸², fica evidente um valor epistêmico modalizado no Caso 7, se comparado com a variante com o futuro do pretérito composto na apódose. Já que se trata de eventualidades que admitem uma interpretação como “realizáveis” de fato, embora impossíveis de serem realizadas por se tratar de eventualidades com referência temporal ancorada no passado. Retomando Fiorin (1999), a substituição do futuro do pretérito composto pelo pretérito mais-que-perfeito do indicativo produz o efeito de sentido de “que a consequência é inevitável, se uma dada condição for preenchida”, minimizando o distanciamento entre o mundo alternativo e o mundo real.

Observemos o exemplo 7 da amostra, reproduzido a seguir:

7)

15.05.2006

[31 anos](#)

Já faz uns meses que eu vi uma tirinha na internet e pensei: “Vou guardar”. Tinha só dois quadrinhos. No primeiro, um sujeito pulava da cama de manhã, todo feliz, gritando “It’s my birthday!”. No segundo, a Morte movia mais uma pedrinha em seu ábaco.

Bom, desnecessário dizer que perdi a tirinha, já que precisei descrevê-la. Cá estou, um ano mais velho, e com várias coisas novas acontecendo. Não posso me queixar.

[Marco Aurélio Gois dos Santos](#) | [01:34](#) |

(...)

[Z](#)

[Junior](#) says:

15 de maio de 2006 at 10:07 am

Parabéns cabeça. ***Se tivesse avisado tinha rolado um brinde especial :o)***

<http://www.jesusmechicoteia.com.br/2006/05/15/31-anos/> (acesso 061107)

A eventualidade apresentada na apódose é um fato efetivamente realizável, não fosse pela falta de aviso. É como se se tratasse de uma impossibilidade gerada pelo valor temporal de passado, e não pela eventualidade em si. Neste caso, podemos considerar que a avaliação do enunciador, sua perspectiva, se permeia no emprego de formas do “*indicativo irreal*” (Fiorin: 1999), revelando a “*empatia*” da que fala Martínez (1989).

⁸² Os exemplos com a estrutura *Se* + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo podem ser conferidos nas páginas 175, 176, 177, 178, 179 e 180 do apêndice.

Na amostra, encontramos, ainda, uma outra combinação com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase, desta vez com o imperfeito do indicativo na apódose. Façamos uma comparação dos exemplos 6 e 1 da nossa amostra, reproduzidos a seguir:

6)

[Crimpar ???](#)

Experiência de hoje: tentar montar um cabo de rede crossover sem [Alicate de Crimpar](#). Praticamente impossível, ou como comparou meu amigo Nori “como cortar a melancia sem faca”. Mas sou insistente, peguei o martelo de bater bife, uma chave de fenda - ok, 3 chaves de fenda - e apoiei na mesa o conector e pus a martelar.

Consegui!

Claro, todas as nuances do tipo fiozinho “verde - verde/branco - azul - azul/branco” que servem pra complicar um pouco mais, misturaram-se, o que era pra ser laranja, ficou verde.

Mas conector de cabo de rede (ainda mais esmagado por um martelo de bife) é como chiclete, usou uma vez joga fora. E é claro, eu só tinha dois chicletes, ou no caso, dois conectores. Conclusão, fiquei sem o cabo.

Hmmm, vou considerar a hipótese de gastar R\$ 15 no alicate que eu só vou usar uma vez.

This entry was posted on Tuesday, June 8th, 2004 at 12:51 am and is filed under [Tecnologia](#). You can follow any responses to this entry through the [RSS 2.0](#) feed. Both comments and pings are currently closed.

1. 9

[André Says:](#)

[June 13th, 2004 at 7:28 pm](#)

Ow! Se tivesse avisado eu tinha levado o meu aí na sexta...

<http://www.vardump.com/?p=1317> (acesso 061107)

1)

Tuesday, August 08, 2006

olha o ego, meu sinhô

Gente de ego inflado é tão indelicado. E pensar que eu cheguei a ter dó dessas pessoas, pensar que eu cheguei a querer ser AMIGA deles. Oh meu pai, help me.

Eis que estávamos, eu, Clarissa, meu iPod e nossas raízes criadas fazendo nada na sala quando as Madames Fazem-Tudo resolveram dar uma bronca em todo mundo do interno porque "não estamos nos esforçando pra ficar bom". Até aí tudo bem porque, é, ninguém tá se esforçando mesmo - já ganhamos a feira ano passado e esse ano queremos curtir. Mas sinta o ego inflando das duas:

"A gente ficou até 11 da noite fazendo o roteiro do teatro pra ficar bom e tem gente que nem decorou a fala ainda, pra sexta-feira! Eu fiquei até oooooonze horas da noite na casa da Helena fazendo esse roteiro!"

Meu rabo. Passou o tempo que eu falava "nossa, a Lud trabalha tanto né, coitadinha". Trabalha feito uma escrava porque quer, tem muita gente nesse interno querendo ajudar de verdade e elas em nenhum momento aliviaram o trabalho delas delegando funções pros outros. Se perdeu sua sexta-feira fazendo trabalho até às 11 da noite na casa da Helena, mal pra ti. Se tivesse avisado alguém sobre reunir na casa da Helena, nós íamos pra ajudar. O roteiro ficou muito bom e eu já elogiei muito as duas por ele (e mais todo mundo que ajudou que elas esqueceram de citar), então tá bom já né.

(...)

posted by Nielle at [3:56 PM](#) | [5 Comments](#)

http://themooglenest.blogspot.com/2006_08_01_archive.html (Acesso 061107)

Destacando as seguintes construções:

Ow! Se tivesse avisado eu tinha levado o meu aí na sexta...

(Exemplo 8)

Se tivesse avisado alguém sobre reunir na casa da Helena, nós íamos pra ajudar.

(Exemplo 1)

Tanto na construção do exemplo 8, como na do exemplo 1, encontramos os dois tempos verbais de indicativo, que compartilham o efeito de sentido de “consequência inevitável” (Fiorin: 1999). E, embora seja apontado como comum que o pretérito imperfeito do indicativo e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo estejam substituindo a forma simples (íamos por iríamos) e a forma composta (tinha levado por teríamos levado) do futuro do pretérito, acreditamos que, no entanto, ambas as formas, das apódoses, pelo fato de se tratar de construções contrafactuais de passado (vide a presença do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo nas prótases), estão substituindo uma mesma forma: o futuro do pretérito composto.

Nesse caso, faz-se necessária uma avaliação a respeito da alternância entre o pretérito imperfeito do indicativo e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo na apódose. Ambos os tempos são enuncivos e ordenam-se em função de um momento de referência pretérito (Fiorin: 1999); no entanto, enquanto o pretérito imperfeito do indicativo é

concomitante com o momento de referência pretérito – funcionando como o “presente do passado” (Vilela: 1995)--, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo não o é, é anterior a ele. Tal fato afeta o valor aspectual dos tempos: este, perfectivo; aquele, durativo e/ou inacabado.

Como já vimos, para Martínez (1990)⁸³, a noção aspectual de “duratividade” do pretérito imperfeito do indicativo aproxima o mundo criado linguisticamente ao presente da enunciação, evidenciando assim um efeito de maior confiança na possibilidade de realização, embora se trate de um enunciado contrafactual de passado. O que pode ser reforçado ao pensarmos no pretérito imperfeito do indicativo como efetivamente o “presente do passado”.

Dessa forma, podemos avaliar como de valor epistêmico modalizado ambas as construções, sendo que a construção com o pretérito imperfeito do indicativo na apódose traz consigo um efeito de sentido de maior aproximação entre o mundo alternativo criado linguisticamente e o mundo real, configurando, portanto, um valor epistêmico maior também.

Mais uma vez, é interessante notar que, na sequência das entradas do fórum do exemplo 2 da amostra, reproduzido a seguir, aparecem tanto a estrutura com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase e o pretérito imperfeito do indicativo na apódose, como a estrutura do Caso 5 (considerada a padrão), mas o grau de formalidade do texto como um todo não muda. Por conta disso, podemos afirmar que fica descaracterizada a escolha de uma ou outra variante simplesmente pelo que se poderia considerar registro ora mais informal ora mais formal.

2)

Kamen Rider Black

Jun 13 2007, 11:07 PM

⁸³ Embora Martínez esteja comentando o *pretérito imperfecto del indicativo*, consideramos pertinente aplicar suas conclusões no emprego do pretérito imperfeito do indicativo, pois apresentam características temporais, modais e aspectuais equivalentes.

Se não **tivesse ficado** enfiado num bar de MPB com minha mina certamente **teria ido...** pelo menos ela me deu a Graphic Novel de 300 de presente.. .lo/

(...)

liquid

Jun 16 2007, 04:42 AM

QUOTE(Yashiro Nanakase @ Jun 16 2007, 01:34 AM) [snapback]963243[/snapback]

faze uma pergunta, pq vcs nao tiram pra vim aki.... dai a gente sai junto e eu apresneto minhas amiguinhas q adoram um 3 a 3.. lesbianismo e bunda lêlê ao som de tiesto e ao nivel de um bom e delicioso "Rabo de Galo" (bebida)...?

serio, acho q vcs nao perderiam tempo, e lucrariam mais...

Se depender de mim, seria um prazer. ^^

Tenho uns shows marcados ai no RJ com minha banda. Podemos ver alguma coisa do gênero (ou não).

;*

Bigamo MachoMan From Hell!!!

Jun 16 2007, 09:32 PM

se for daqui a mais de um mês eu vou fácil!!! (nesse exato momento minha conta tá pwnada!:()

NoCode

Jun 16 2007, 09:12 PM

RJ? Eu ia fácil! só pra ver o Cilent e o Crova! ^_^;

mas tenho q ver com calma pq la no trampo o bixo promete pegar... forte!

Bigamo sua puta paga, se tivesse avisado com 1 dia de antecedência eu **ia** no EH fácil, foda que no trampo nem rola de ficar entrando na HNERD pq o povo lá é mala com sites que não são de trampo, saca?

Fui e go EH²

(...)

TioJoao

Jun 16 2007, 09:17 PM


QUOTE(Crova @ Jun 15 2007, 07:48 PM) [snapback]962818[/snapback]

só pra avisar os hangarianos do rio

vai rolar woodstock covers hoje no circo voador

15 reais estudante

eu vou tá lá, se alguém tiver afim de trocar uma idéia e beber uma cerveja ouvindo um rock `n roll rules (só conheço black dog que vai tocar) é só me ligar 92701251 (21)

Se tivesse avisado na quinta eu **teria ido**, tava doido pra ver qualquer coisa no circo voador, inda mais um rock oldschool 

<http://www.hangarnet.com.br/forum/lofiversion/index.php/t45703.html> (acesso 20/02/2009)

Consideramos mais relevante, no caso, avaliar a alternância das variantes pelo efeito de sentido, adicionado ao sentido contrafactual básico, produzido pela construção do mundo alternativo criado a partir delas.

3.2.2.4. Caso 8:

Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo

A estrutura variante com os dois imperfeitos nos revela novamente a alta tendência do emprego do imperfeito do subjuntivo na prótase de construções contrafactuais, seja com referência temporal relacionada ao presente ou ao passado; no Caso 8, combinado com o pretérito imperfeito do indicativo na apódose.

Embora Fiorin (1999) classifique como “indicativo irreal” a combinação de duas formas indicativas numa construção contrafactual, considerando a combinação “se+pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo”, não encontramos na amostra exemplos com o pretérito imperfeito do indicativo na prótase (também não constam nos dados de Moura Neves, 2000), o que é muito frequente em espanhol. E, se bem em Kobashi (2006) observamos exemplos de condicionais em português em que aparece o pretérito imperfeito do indicativo tanto na apódose, como na prótase, elas não apresentam valor contrafactual. De acordo com a classificação proposta por Kobashi, são exemplos de condicionais que “*expressam a idéia de contraposição e/ou concessão*”, podendo ser parafraseadas com a ajuda de “se por um lado... por outro...”.

Vontaldo à combinação do Caso 8, Tapadzi & Salvi (1998) assinalam que “A combinação imperfeito do conjuntivo/imperfeito do indicativo tem o valor da combinação do mais-que-perfeito do conjuntivo/condicional composto, em que exprimem hipóteses sobre o passado”, ou seja, quando se trata de construções contrafactuais⁸⁴.

⁸⁴ Em Tapadzi & Salvi (1998), consta o seguinte exemplo de construção contrafactual com a estrutura do Caso 8: “*fui de avião, mas quando me meti no avião, meu senhor, não calcula...! se eu soube(sse)... quando fui de avião, quando cheguei a, às escadas do avião se me metessem uma seringa eu não **deitava** sangue nenhum (A 221).*”

Levando em conta nossa amostra⁸⁵ e nossas análises feitas até aqui, temos de concordar com o valor básico comum às variantes confrontadas, mas também temos de relativizar tal afirmação, posto que:

- a) temporalmente, nem sempre o pretérito imperfeito do subjuntivo é “equivalente” ao pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo;
- b) antes de traçar uma equivalência entre o pretérito imperfeito do indicativo e o futuro do pretérito composto, temos de traçar as equivalências entre o pretérito imperfeito do indicativo e o futuro do pretérito, e entre o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo e o futuro do pretérito composto; e, ainda, confrontar o pretérito imperfeito do indicativo e o pretérito mais-que-perfeito composto.

Observemos o exemplo 3 da amostra:

3)

Pergunta aberta

[Mostre-me outra »](#)

Certo dia, quando eu estava voltando da igreja.....?

...um rapaz, roqueiro, ao ver que eu estava de bíblia na mão, me parou na rua e me perguntou:

Por que no dia do juízo final, ao invés dos anjos tocarem as trombetas, não tocam uma guitarra??

eu até tocaria junto com eles!!!

ficaria chocante!!! manero... show de bola!!

os anjos iriam se amarrar no meu solo!!

Eu fiquei abismado..... pergunta estranha essa vocês não acham?????

eu nem o respondi!!!

cada coisa....

Graça e pazzz!!!

Respostas

(...)

- *by [Joe](#)*
Membro desde: 12 de Maio de 2007
Total de pontos: 11531 (Nível 6)
Se fosse eu, eu tocava a Bíblia na cabeça do roqueiro.

⁸⁵ Os exemplos com a estrutura *Se* + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo podem ser conferidos nas páginas 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187 e 188 do apêndice.

(...)



- by [Antonio Carlos G de Siqueira](#)
Membro desde: 21 de Outubro de 2007
Total de pontos: 639 (Nível 2)

O respeito as escrituras deve ser mantido.

A bíblia representa a fé de milhões de pessoas ao redor da terra.

Não devemos ser desrespeitosos com outras religiões também.

Historicamente sabemos que não existia guitarras elétricas no tempo de João (que escreveu o apocalipse). Se existisse talvez ele tivesse escrito guitarras.

Assim como não existia o computador, ou se não teriamos "a grande base de dados" em vez de "o livro da vida", entendem?

Na bíblia está escrito que existem dois tipos de livros da vida. Um individual e outro geral onde todos os nomes de quem crê estão sendo escritos. É isso que temos na palavra de Deus e devemos acreditar.

Posso entender isso, olhando os computadores como funcionam, sendo a pasta com os nomes dos arquivos (o geral) e em cada ser humano um arquivo digital (.avi) sendo gravado com a vida de cada um que depois vai ser lido pelo Senhor.

eu acho... viajei?

(...)

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071102111015AA9zK9a> (acceso 051107)

Na construção com a combinação do Caso 8, podemos fazer duas leituras:

a) contrafactualidade construída a partir de uma irrealidade no âmbito do presente:

Se fosse eu, eu **tocava** a Bíblia na cabeça do roqueiro.= Como não sou eu (PRESENTE), não toquei a Bíblia na cabeça do roqueiro.(PASSADO)→ verificável no mundo real

b) contrafactualidade construída a partir de uma irrealidade no âmbito do passado:

Se fosse eu, eu **tocava** a Bíblia na cabeça do roqueiro.= Como não aconteceu comigo (PASSADO), não toquei a Bíblia na cabeça do roqueiro.(PASSADO)→ verificável no mundo real

No primeiro caso, a interpretação da prótase remete a uma qualidade sem delimitação de tempo (o outro não sou eu; eu não sou o outro). No segundo caso, a interpretação da prótase como uma reformulação de “**fosse** comigo” remete a um marco de leitura com referência temporal de passado, “equivalente” ao valor temporal do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.

Sendo assim, nem sempre o pretérito imperfeito do subjuntivo tem valor temporal equivalente ao pretérito mais-que-perfeito nas construções contrafactuais.

Além disso, e retomando análises já feitas a respeito do emprego dos tempos verbais do Caso 8, podemos dizer que:

- A moldura de leitura do mundo alternativo da construção contrafactual em que a prótase é construída com o pretérito imperfeito do subjuntivo, ora pode nos orientar ao presente da enunciação sem delimitação de tempo (a), ora com valor temporal de passado, aceitando a reformulação com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, sem alterar o valor temporal (b). Ambos os casos com o pretérito imperfeito do subjuntivo, no entanto, além de apresentarem o valor de irrealidade, também têm em comum (independentemente de se tratar de uma referência ao presente ou ao passado) o valor optativo, que lhe adiciona um valor epistêmico modalizado, sem deixar de ser contrafactual.

- A ancoragem temporal num tempo enuncivo, que se ordena em função de um momento de referência pretérito (Fiorin: 1999) e que, a diferença do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, é concomitante com o momento de referência pretérito – funcionando como o “presente do passado” (Vilela: 1995). Tal noção de “presentividade”, associada ainda ao valor optativo da prótase, aproxima o mundo criado linguisticamente ao mundo real, evidenciando assim um efeito de maior confiança na possibilidade de realização, embora se trate de um enunciado contrafactual de passado.

Dessa forma, podemos avaliar que a construção com o pretérito imperfeito do indicativo na apódose traz consigo um efeito de sentido de maior aproximação entre o

mundo alternativo criado linguisticamente e o mundo real, configurando, portanto, um valor epistêmico maior também do que a variante analisada no Caso 6.

Ainda no exemplo 3 da amostra, é possível observar o emprego de uma contrafactual com o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase e o mais-que-perfeito do subjuntivo na apódose. Nessa construção, a contrafactualidade é construída a partir de uma irrealidade no âmbito do passado (o pretérito imperfeito do subjuntivo, “existisse”, tem como referência o passado, “não existiam”), com ancoragem temporal perfilada a partir do tempo verbal que, por excelência, evidencia um passado irrealidade, improvável e irrealizável, o que revela um maior distanciamento entre o estado das coisas do mundo da enunciação e o estado das coisas do mundo construído linguisticamente na construção contrafactual, apesar do valor optativo que carrega a prótase com o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Neste ponto, gostaríamos de comparar dois exemplos da amostra, a saber: o exemplo 1, contemplado no Caso 8, e o exemplo 5, contemplado no Caso 6, reproduzidos a seguir:

1)

ASPAS
VÍRUS DA HORA

Silvio Meira

"Amigo na praça, Sircam na caixa", copyright no. <www.no.com.br>, 27/7/01

"Esta não foi uma semana normal de jeito nenhum: além das reclamações que tenho a fazer ao Procom da vida, sobre provedores de soluções que têm me entregue bens e serviços (como atenções e amizades) com defeitos vários e pifando ainda no que deveria ser o prazo de garantia, recebi umas dez cópias, por dia, do Sircam. Que se trata de um novo e arrasador vírus que se espalha para o email de todo mundo que você (ou algum computador da sua rede) tem nas suas listas de email, sem nem mesmo usar sua conta ou o servidor de email da sua empresa. O fi-duma-égua só precisa de uma máquina conectada à rede, pois tem um servidor SMTP (Simple Mail Transfer Protocol) dentro do seu código, e age independentemente do seu 'correio eletrônico'. Uma frase típica, pronunciada por administradores de sistema, durante a semana, era... 'acho que nunca vi um vírus chegar tantas vezes no meu e-mail'... E estou entre os menos afetados, pois um de meus amigos recebeu 78 cópias num único dia!

*Mas, se fosse só isso... **era** bom demais. Recebi também umas 50 mensagens sobre como me livrar de Sircam! Isso, por si só, já era um novo vírus, não tão destrutivo quanto, mas tão perturbador como... Em muitas das listas de que faço parte, administradores de sistemas mandaram mensagens 'oficiais' sobre como os mortais*

comuns poderiam se livrar do novo vírus, usando o software tal e qual; outros, apenas 'entendidos', achavam que tinham se livrado do vírus, e saíam dando bizus errados pras outras 'se livrarem também'. Cenário de Guerra dos Mundos, quase, um inferno tão impressionante que acabou me contaminando. Este artigo é uma consequência direta do Sircam, que não contaminou minha máquina nem usou suas listas de email, mas do qual, como um todo, não consegui escapar.

(...)

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/eno010820012.htm> (acesso 051107)

5)

Primeiro quando a gente tava descendo a escada rolante na estação d etrem o trem chegou daí a gente foi numa correria só rpo trem que acabamos por nem a carimbar nosso cartão pro trem...resultado logo ontem eles tavam fazendo uma blits nos trem checando todo mundo...e quando o cara ele pediu o da gente thomas mostrou nossos cartões, mas não tava carimbado hahahah ele teve que dar uam multa de 500 krones, quase 250 reais, isso porque o cara que pegou a gente era legal e decidiu só multar Thomas, mas relamente essa foi péssima porque a gente tinha comprado o cartão e tava sempre carimbando e eles nunca checavam e quando acontece da gente não carimbar....é a vida né?

Se fosse só isso **tinha sido** bom demais...Depois dessa a gente comprou outro cartão porque o da gente tava quase acabando, um cartão pra 10 viagens no trem ou no ônibus aqui em Copenhagen custa 95 krones, mais ou menos uns 40 reais...deposi saímos da estação e fomos encontrar uma colega da gente...passada uma hora a gente tem que voltar, entramos no ônibus Thomas procura o cartão e nada de achar...descemos do trem e nada...saimos procurando na calçada e nada...acontece que junto que esse cartão pro transporte aqui tava um outro cartão pra 10 viagens de trem de Odense pra Copenhagen que custa 1600 Krones, mais ou menso uns 800 reais e a gente só tinha usado 2 quando foi de Odense pra Copenhagen, entã a genet perdeu as outras 8 viagens no trem...ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh e ainda por cima teve que comprar outro cartão de 90krones pra andar em Copenhagen e pagar 400 krones pra gente poder voltar pra Odense

<http://encantada.blogspot.com/>

Destacando as seguintes construções:

Mas, se fosse só isso... **era** bom demais. (Exemplo 1)

Se fosse só isso **tinha sido** bom demais... (Exemplo 5)

Tanto na construção do exemplo 1, como na do exemplo 5, encontramos o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase, que compartilham o fato de construir a contrafactualidade a partir de uma irrealidade no âmbito no passado, e tempos do indicativo

na apódose, compartilhando o efeito de sentido de “consequência inevitável” (Fiorin: 1999).

Cabe, no entanto, notar que os tempos das apódoses não são os mesmos. No exemplo 1, temos o pretérito imperfeito do indicativo; no exemplo 5, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Levando em conta a distinção feita entre eles ainda no Caso 8, fazendo a leitura integral dos exemplos, podemos afirmar que a presença do pretérito imperfeito do indicativo, no exemplo 1, condiz com a “atualidade” dos sucessos narrados, ainda reforçado pela expressão temporal que abre o exemplo “Esta semana”. No caso do exemplo 5, os sucessos narrados não se apresentam com ressonâncias no âmbito do presente, mas como sucessos acontecidos e finalizados no passado.

3.3. ALGUMAS CONCLUSÕES GERAIS E CONTRASTIVAS

À maneira de recapitulação, elencaremos algumas conclusões a respeito da contrafactualidade em espanhol, da contrafactualidade em português e do contraste entre a expressão da contrafactualidade em espanhol e em português, tomando como base aqueles elencados no final do capítulo 1:

1. a estrutura considerada mais modelar, presente nos instrumentos metalinguísticos para a expressão contrafactual de passado, é a mesma em ambas as línguas, sendo equiparáveis no sentido contrafactual que evidenciam, embora possam ressoar de formas diferenciais nas respectivas comunidades linguísticas;
2. enquanto o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* se confirma como o tempo contrafactual por excelência na prótase em espanhol, o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo alterna com o pretérito imperfeito do subjuntivo em português;
3. enquanto o emprego do *pretérito imperfecto del subjuntivo* em contrafactuais de passado em espanhol está circunscrito a particularidades que permitem sua aparição sem perder sua referência ao presente, o emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo em português se

apresenta tanto tendo a referência temporal no presente, como no passado (neste caso, podendo substituir o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, embora não haja neutralização entre as formas verbais);

4. enquanto em português é possível o emprego de um tempo perfectivo de indicativo na apódose (o pretérito mais-que-perfeito do indicativo) para a expressão da contrafactualidade, não constam exemplos na amostra da possibilidade de uma variante com o *pretérito pluscuamperfecto del indicativo* em apódoses contrafactuais em espanhol, por não terem sido encontrados, embora tenham sido procurados de forma particularizada;

5. enquanto na amostra em português só os tempos pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo se alternam na prótase, em espanhol observamos a alternância entre o *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* (ambas as formas), o *pretérito imperfecto del subjuntivo* (variante “nova”, com a prótase com referência ao presente) e *pretérito imperfecto del indicativo*.

Em função da análise dos exemplos da amostra, podemos afirmar definitivamente que, mesmo tendo recursos linguísticos análogos (tempos e modos verbais), as línguas em estudo não constroem a contrafactualidade da mesma forma. Além disso, podemos confirmar a nossa desconfiança a respeito das neutralizações aparentes e a nossa hipótese de que as variantes encontradas são diferentes formas de expressar a contrafactualidade, sem que sejam equiparáveis totalmente, pois criam efeitos de sentido distintos.

Além disso, pudemos comprovar que tanto “*La relación entre el hecho presentado en la (P) y la conclusión (A) ayuda a construir el sentido de la imposibilidad (o no) de la realización.*” (Kulikowski: 2008), como a articulação de outros elementos linguísticos⁸⁶ configuram a harmonia da construção, garantindo o efeito de sentido contrafactual, que não se limita à correspondência formal de tempos e modos.

⁸⁶ Embora não citemos os elementos não-linguísticos por não terem sido considerados nesta pesquisa, consideramo-los de extrema relevância na construção do efeito de sentido contrafactual de um enunciado.

4. CONCLUSÕES, REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS FINAIS

Finalmente, gostaríamos de retomar nossos questionamentos primeiros: Por que convivem diferentes estruturas para a expressão da contrafactualidade em espanhol e também em português? Há equivalência entre elas? Por que as línguas em estudo, apesar de possuírem recursos linguísticos análogos, apresentam configurações diferenciadas ou que, quando equiparáveis, nem sempre são equivalentes?

Respondendo à primeira questão, consideramos que a convivência no sistema de diferentes estruturas combinatórias para a expressão da contrafactualidade, tanto em espanhol como em português, deve-se a que há nelas um valor básico comum (o valor contrafactual) que, dependendo da combinação e do contexto discursivo, é acrescido de outros valores que afetaram diretamente o distanciamento entre o mundo real e o mundo alternativo criado verbalmente. Portanto as variantes se revelam como associáveis a efeitos de sentido contrafactuais diferenciados, e vemos nesse quesito justamente a razão da coexistência das diferentes estruturas, posto que são variantes não equivalentes nos efeitos de sentido contrafactual aos quais podem ser associadas.

Nesse sentido, e respondendo à segunda questão, podemos depreender que não há equivalência entre elas, a não ser no valor básico de contrafactualidade de passado, quando isso é possível. O complexo de efeitos de sentidos com que mais se associa cada variante reforça a alternância não-denotativa das construções possíveis, para a expressão da contrafactualidade de passado. Isto é: embora todas as variantes converjam num mesmo valor básico, cada variante desencadeia um caminho interpretativo diferente, pela associações a efeitos de sentidos num determinado contexto discursivo. Daí não podermos falar em equivalência entre elas.

Em espanhol e a partir de nossas análises, é possível construir a seguinte gradação epistêmica – valor epistêmico que revela o distanciamento conferido à combinação da variante, em função dos efeitos de sentido outros com os quais se associa no discurso -- de menor a maior grau com as variantes estudadas:

- a) *Si hubiese* + participípio, *hubiese* + participípio \Rightarrow contrafactualidade mais conjetural, apresentada como uma asseverativa negativa forte;
- d) *Si hubiese* + participípio, *habría* + participípio \Rightarrow contrafactualidade impossível, apresentada como uma asseverativa negativa;
- b) *Si hubiese* + participípio, *hubiera* + participípio \Rightarrow contrafactualidade mais conjetural, apresentada como uma asseverativa negativa modalizada;
- e) *Si hubiera* + participípio, *habría* + participípio \Rightarrow contrafactualidade impossível, apresentada como uma asseverativa negativa modalizada;
- c) *Si hubiera* + participípio, *hubiera* + participípio \Rightarrow contrafactualidade mais conjetural, apresentada como uma asseverativa negativa débil;
- d) *Si imperfecto indicativo*, *imperfecto indicativo* \Rightarrow contrafactualidade mais “possível”, apresentada como uma asseverativa negativa débil.

Fazendo a ressalva de que, na comparação acima, não elencamos a estrutura considerada “nova”, porque não apresenta o valor contrafactual básico totalmente equivalente, pois apresenta uma contrafactualidade a partir de uma eventualidade no âmbito do presente, e não de passado.

Já em português e também a partir de nossas análises, é possível construir a seguinte gradação epistêmica de menor a maior grau:

- a) Se pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto
 \Rightarrow contrafactualidade impossível, apresentada como uma asseverativa negativa forte;
- b) Se pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo
 \Rightarrow contrafactualidade impossível, apresentada como uma asseverativa negativa débil;
- c) Se pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo
 \Rightarrow contrafactualidade impossível, apresentada como uma asseverativa negativa mais débil;

d) Se pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo
⇒ contrafactualidade impossível, apresentada como uma asseverativa negativa modalizada e débil;

e) Se pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo
⇒ contrafactualidade “possível”, apresentada como uma asseverativa negativa modalizada e débil.

Fazendo também a ressalva de que, na comparação acima, não elencamos a estrutura estudada que combina o pretérito imperfeito do subjuntivo, na prótase, e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, na apódose, quando a contrafactualidade é construída a partir de uma eventualidade no âmbito do presente, e não de passado.

Num primeiro momento, é importante mencionar que, com a nossa pesquisa, pudemos relativizar o fator “adequação ao registro” para a avaliação das variantes, levando em conta as variantes evidenciadas na amostra e a caracterização dessa amostra, e corroborar que as línguas em estudo, apesar de possuírem recursos linguísticos análogos, apresentam configurações diferenciadas e que, quando equiparáveis, nem sempre são equivalentes.

Num segundo momento e com relação à não-equivalência entre as variantes em espanhol e em português, podemos afirmar que, embora possamos traçar pontos coincidentes no efeito de sentido contrafactual (vide gradações apresentadas acima), tal contraste mereceria uma análise maior, considerando relações e elementos discursivos que não foram trabalhados nesta pesquisa, mas que temos presentes como uma das ramificações que poderá dar continuidade a nosso trabalho com a contrafactualidade.

Um exemplo disso é o caso da estrutura considerada “padrão”, “modelar”, em ambas as línguas. Conforme pudemos observar nas nossas análises, principalmente no capítulo 3, há uma equivalência representativa de efeito de sentido contrafactual entre elas; temos indícios, no entanto, de que o mesmo efeito de sentido não ressoa da mesma forma no discurso das línguas em questão, como se houvesse uma diferenciação na tolerância do

marcado distanciamento entre o mundo real e o mundo alternativo criado verbalmente, ou até mesmo, uma diferenciação na necessidade da marcação (ora maior, ora menor) para a caracterização desse distanciamento. Tais indícios revelam mecanismos enunciativos contrastantes, comparáveis aos apresentados em Fanjul (2002), com relação às tendências da modalização do *continuum* possibilidade/certeza do português brasileiro e do espanhol argentino, posto que foram também estudados “*fenômenos que, de uma maneira ou outra existem nas duas discursividades, embora com uma frequência e uma funcionalidade muito díspar.*” (Fanjul, 2002: 87) e que revelaram o *continuum* possibilidade-realização/propósito-certeza mais indiferenciado na discursividade brasileira e, na discursividade argentina, mais rigidamente marcado.

No entanto e abrindo caminho para uma continuidade de análise discursiva dos fenômenos da expressão da contrafactualidade, pudemos depreender da nossa pesquisa que a não-equivalência entre as variantes em espanhol e em português é uma questão que envolve, por um lado, (im)possibilidades próprias de cada sistema, considerando as especificidades de cada uma das línguas para a construção das variantes e, por outro lado, (im)possibilidades aliadas a determinados efeitos de sentidos com os quais as variantes de cada língua se associam no discurso. Dessa forma, acreditamos que o aprofundamento das relações, tanto na ordem da língua como na ordem do discurso, que resultam nas configurações das variantes estudadas, poderá dar conta de uma comparação entre o possível e o impossível nas línguas para a expressão da contrafactualidade.

O “caos” diferencial é a prova de que, como afirma Fiorin (1999), cada língua organiza seu próprio sistema, projetando um possível cosmos mais abrangente no discurso; o que permitiria perfilar o seu caos “possível”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcos Llorach, E. A.** (2000) *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa.
- Bechara, E.** (1985) *Lições de português pela análise sintática*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda.
- Brito, A. M.** (2003) *Subordinação adverbial*. Capítulo 17. In: Brito, Ana Maria et ali. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Editorial Caminho.
- Campos, H de.** (1991) *Uma poética da radicalidade*. In: ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. 5 ed. São Paulo: Globo.
- Cartagena, N.** (2000) Los tiempos compuestos. Capítulo 45. En I. Bosque & V. Demonte (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 2. Madrid: Espasa.
- Chierchia, G.** (2003) *Semântica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Londrina, PR: EDUEL.
- de Lemos, C.T.G.** (2000) *O erro como desafio empírico a abordagens cognitivistas do uso da linguagem: o caso da aquisição da linguagem*. Texto apresentado no Sétimo Congresso Internacional de Pragmática. Budapest, Hungria, de 9 a 14 de julho de 2000.
- Ducrot, O.** (1972) *Princípios de semântica lingüística (dizer e não dizer)*. São Paulo: Editora Cultrix.
- _____ (1987) *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (2001) *El decir y lo dicho*. Buenos Aires: Edicial.
- Fernández, L. G.** (2000) Los complementos adverbiales temporales. La subordinación temporal. Capítulo 48. En I. Bosque & V. Demonte (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 2. Madrid: Espasa.
- Fanjul, A. P.** (2002) *Português e Espanhol: línguas próximas sob o olhar discursivo*. São Carlos - SP: Claraluz Editora.
- Fiorin, J. L.** (1999) *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2ª ed. São Paulo: Ática.
- Frege, G.** (1998) *Sobre sentido y referencia* In: *Ensayos de semántica y filosofía de la lógica*. Madrid: Editorial Tecnos.
- _____ (2002) *Investigações lógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- García, O. M.** (1976) *Comunicação em prosa moderna. Aprenda a escrever. Aprendendo a pensar*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.

- Gomes Torrego, L.** (1999) *Gramática didáctica del español*. 5ª ed. Madrid: Ediciones SM.
- Guimarães, E.** (2005) *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes
- Gutiérrez A. C.** (2000) *La concordancia de tiempos*. Madrid: Arco Libros.
- _____ (2000) La sintaxis verbal y la sintaxis oracional. La *consecutio temporum*. Capítulo 47. En I. Bosque & V. Demonte (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 2. Madrid: Espasa.
- Kobashi, C. M.** (2006) *As orações condicionais no português popular: ordenação e significados*. Estudos Lingüísticos XXXV, p. 454-463. Disponível em: <http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/1106.pdf>
- Koch, I. G. V.** (1996) *Argumentação e linguagem*. 4ª ed. São Paulo: Cortez.
- Kovacci O.** (1994) *Estudios de Gramática Española*. Buenos Aires: Edicial S.A.
- Kulikowski, M. Z.** (2008). *Construcciones condicionales*, In: CELADA, M. T. & GONZÁLEZ, N. M. (coord. dossier). *Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileño*, *SIGNOS ELE*, diciembre 2008, URL <http://www.salvador.edu.ar/signosele/>, ISSN: 1851-4863.
- Lavandera, B. R.** (1984) *Variación y significado*. Buenos Aires: Librería Hachette S.A.
- Martínez de López, A.** (1989) *Tiempos verbales en el discurso hipotético en el habla de Buenos Aires*. Actas del III Congreso Internacional del Español hablado en América. Valladolid. Junta de Castilla y León. Conserjería de Cultura y Turismo, 1991.
- _____. (1990) *Alternancia y frecuencia de uso en las condicionales contrafactuales de pasado: una interpretación cualitativa*. Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia de América Latina, Vol. III. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1998.
- _____. (1993) *Emisiones contrafactuales e intención comunicativa*. Actas del X Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina. Veracruz, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1996.
- Mendes de Almeida, N.** (1980) *Gramática metódica da língua portuguesa*. 29ª ed. São Paulo: Saraiva.

- Menón, L. M.** (2004) *Estrategias y matices para la expresión de la contrafactualidad en las condicionales con si en español y en portugués*. Monografía de Pós-graduação. PUC, COGEAE, São Paulo.
- Montolío, E.** (2000) Las construcciones condicionales. Capítulo 57. En I. Bosque & V. Demonte (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 3. Madrid: Espasa.
- Moreno Cabrera, J.C.** (2002) *Curso universitario de lingüística general*. Madrid: Síntesis.
- Moura Neves, M. H.** (Org.) (1999) *Gramática do português falado. Volume VII: Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP; Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- _____ (2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- Orlandi, E. P.** (org.) (1993) *Discurso fundador (a formação do país e a construção da identidade nacional)*. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (1998) *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. (2002) *Língua e conhecimento lingüístico*. São Paulo, Cortez.
- Pêcheux, M.** (1998) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Payer, M. O.** (2005) *Língua de imigrantes (italianos) no Brasil. Memória, esquecimento e ensino*. Texto apresentado no IV Encontro Internacional da ABRALIN (Associação Brasileira de Lingüística), Sessão Coordenada: *Línguas materna e estrangeira. Memória, Ensino, Identidade*. Brasília, 17 a 19 de fevereiro de 2005.
- Porto Dapena, J.** (1989) *Tiempos y formas no personales del verbo*. Madrid: Arco Libros.
- Revuz, C.** (1998) *A Língua Estrangeira, entre o Desejo de um Outro Lugar e o Risco do Exílio*. In *Linguagem e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Inês Signorini (org.). Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1988.
- Rojo, G. & Veiga, A.** (2000) El tiempo verbal. Los tiempos simples. Capítulo 44. En I. Bosque & V. Demonte (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 2. Madrid: Espasa.
- Ridruejo, E.** (2000) Modo y modalidad. El modo en las subordinadas substantivas. Capítulo 49. En I. Bosque & V. Demonte (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 2. Madrid: Espasa.

Saldanya, M. P. (2000) *El modo en las subordinadas relativas y adverbiales*. Capítulo 50. In: I. Bosque & V. Demonte (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 2. Madrid: Espasa, 2000.

Salvi, G. & Tapazdi, J. (1998) *A oração condicional no português falado em Portugal e no Brasil*. DELTA, São Paulo, v. 14, n. spe. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1º de outubro de 2008.

Saussure, F. (1975) *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix.

Mazzoleni, M. (1991) *Le frasi ipotetiche*, in *Grande grammatica italiana di consultazione /a cura di Lorenzo Renzi e Giampaolo Salvi/ Volume II, I sintagmi verbale, aggettivale, avverbiale. La subordinazione. Le frasi ipotetiche*, XIII.2.3, Bologna: Il Mulino, pp. 751-817.

Vilela, M. (1995) *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.

_____. & **Koch, I. V.** (2001) *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.

Esclarecimento: Esta dissertação está adaptada à grafia da 5ª edição do VOLP, com as alterações do Acordo Ortográfico de 1990. Na citação de obras datadas e nos textos reproduzidos, foi mantida a grafia original.

APÊNDICE I – AMOSTRA COMPLETA

1. Exemplos em espanhol

a) A estrutura I para a expressão da contrafactualidade

Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, potencial compuesto

1)

La historia está basada en el libro La Isla del Tesoro, pero en el espacio (de ahí que busquen un planeta) y que conste que sólo está basada en él, no pretende ser una adaptación y de hecho, si lo hubiesen sido, posiblemente no habría quedado tan bien.

www.jovianstorm.com/nami/2003_01_01_archivo.php

2)

sábado, febrero 22, 2003

El Futuro ya está Aquí

"Mickey Aventuras está hecho pensando en los niños menores de 7 años que buscan en las bebidas toda la magia y la diversión de sus personajes favoritos, además de su delicioso sabor. El concepto de bebidas Mickey Aventuras se basa en tres beneficios: sabor, magia y nutrición. No existe ninguna otra marca en el mercado que pueda ofrecer la diversión y la magia de Mickey y sus amigos, combinados con el delicioso sabor y con las vitaminas y minerales esenciales para un desarrollo sano."

Yo creo que si hubiese puesto este texto, metido en un relato surrealista-futurístico-apocalíptico, a nadie le habría parecido extraño, me refiero a algún texto por el estilo del de [Guía Rápida de Ayuda](#) (qué cariño le tengo). Algunos pensarán que me estoy volviendo paranoico, que si es ser muy quisquilloso. Hombre, no sé, puede ser, pero mi razonamiento es el siguiente. Yo también fui niño, lo reconozco, y como la mayoría de los niños del planeta también comía Huevos Kinder por el regalo de dentro, de hecho había veces que me cansaba del chocolate. Por otra parte, reconozco también que como tantos, le pedía a mi madre cereales de determinada marca porque traían cierto tipo de regalo (a ver si hay alguien ahí que niega haberlo hecho alguna vez en su vida...), pero es que esta mañana, mientras mi hermano veía la tele y yo disfrutaba viendo publicidad para niños (suele ser la mejor), quedé muy sorprendido con el anuncio del [mencionado producto](#), en el cual casi ni se decía nada de la bebida en sí, simplemente se hablaba de que con él entrarías en el mundo mágico de Mickey y que vivirías emocionantes aventuras. En fin, hay que verlo para hacerse una idea. Y después buscando en Internet, uno se encuentra lo de allá arriba... "ofrecer la diversión y magia de Mickey y sus amigos". Igual soy yo, pero a mí esto me suena a "Coca Cola y Disney crean una nueva bebida para niños con extracto de opio". Nada me sorprende ya..

http://lobotomizacion.blogspot.com/2003_02_16_lobotomizacion_archive.html Acceso 310109

3)

Apple como siempre tarde, aun pienso que habría pasado si Mac se hubiese podido usar en cualquier ordenador y más aun si hubiese sido software libre.

Como sería el mundo ahora??

Enviado por [David Carrero Fernandez-Baillo](#) - 17/02/2003, 8:32:04

<http://diariored.com/blog/000162.html>

4)

*No te lo tomes tan en serio Shuuichi, si hubiese pasado algo mas entr ellos, aniki lo **habría puesto** en su blog, es capaz de cualquier cosa con tal de fastidiarme ¬¬X Y lo de las grabaciones... Jeje*

Digamos que Eiri dice muchas cosas interesantes mientras duerme >)

Un poco mas Obsesionado @ Friday, November 8, 2002 10:57 a.m.

<http://ryuchanisgod.pitas.com/>

5)

8@12@02

Yo lloro. Yo lloro. Tengo que llorar. Sob sob sob sob. Pero no voy a llorar porque no vale la pena llora por alguien que no lloraría por mí. Y si lloro... pegadme. Asesinadme, me lo merezco. Ains...

He estado este puente en Daimiel, me ha encantado ese pueblecillo, es lo mejor. Y la gente es de lo más majo.

*Y entre los clones de Bisbal, Naím 1 (Jose Ángel Thomas), Naím 2 y MI Chechu, Sara y yo nos volvimos locas. No esperéis comprenderme, da igual... solo quiero agradecer a Lourdes este fantástico puente. El mejor. Lo podría haber aprovechado infinitas veces más, aunque cómo voy a saber si **habría sido** mejor **si hubiese dicho** SI? Ahora me parece tan fácil decirlo... pero posiblemente ahora estaría el doble de pillada. Ya me da igual. No pido nada, no tengo ningún derecho. Con Lourdes me basta; eres la mejor, pardala! :P Y espéranos en Daimiel!*

<http://www.iespana.es/maybethereshope/>

6)

Friday, February 23, 2007

MESES DESPUES!!!!

Como los turrone el Almendro, vuelve a casa porrr... finales de febrero. Son las tres y media de la noche y me cuesta pillar el sueño. Demasiadas ideas dando vueltas en mi cabeza como para quedarme dormido. Hoy, mis querid@s niñ@s, toca hablar del destino.

Esa fuerza cósmica que nos hace estar en situaciones que, en circunstancias normales, no habríamos imaginado que llegarían a darse. Hace que conozcas a gente que, de no haberse dado una infinidad de situaciones anteriores a cada cual más curiosa, no habrías llegado a conocer. Aún recuerdo las palabras que, en pleno estado de euforia inducida por las drogas, me soltó el amigo Twiggy. O Hetero, o Project Manager, o como quieran ustedes llamarlo. Dijo algo así como "qué grande es que cuatro personas que no tenemos casi nada en común estemos aquí, ahora, en este sitio y en estas circunstancias". Cuánta razón llevabas, cabronazo. En ese momento éramos un señor de Bilbao que escucha industrial y viste de negro, un fumeta con rastas de Madrid, un informático-dj-varias cosas de Barcelona, y un estudiante de Bellas Artes de Barcelona también. Y pienso que cada uno teníamos nuestra historia para haber llegado al punto donde nuestras cuatro vidas se cruzaron, historia provocada por una situación anterior que a su vez fue provocada por otra situación anterior. En mi caso... Joder, en mi caso fue haber empezado la carrera equivocada y haberla dejado a medias. Hacer la prueba de acceso de Bellas Artes, no pasarla, y como

resultado meterme en un foro de internet a anunciarme como dibujante porque tenía ante mí un año vacío hasta la siguiente prueba de acceso y porque quería demostrarme a mí mismo que valía para dibujar. No sé, pequeños traumas mentales de la situación.

De eso tengo claras dos cosas. Si no hubiera dejado Derecho no habría entrado en ese foro (el difunto foro del jueves, para más señas), y si hubiera entrado en Bellas Artes a la primera tampoco lo habría hecho. Si hubiera acabado Derecho ahora sería un abogado aficionado a la pintura y amargado porque se gana la vida haciendo algo que no le gusta, y no habría conocido a B (como lo llama la Lince). Si no hubiera conocido a B tampoco habría conocido a T (Twiggy, o Hetero como lo llamamos en círculos internos). Si no hubiera conocido a T no habría visto cómo se comía la boca con L (una amiga), y M (fumeta con rastas de Madrid) y yo no le podríamos haber empezado a gritar "HETERO!! HETERO!!" mientras B se descojonaba ahí mismo poniendo un disco de Barry White, mientras V (Violenta para los amigos) dormía en el sofá de la habitación de al lado, y mientras T levantaba la cabeza y nos decía "sois unos hijos de puta".

Siguiendo por ahí, si en vez de entrar en Derecho hubiera entrado en Psicología no habría conocido a la gente de Derecho. Si no hubiera conocido a la gente de Derecho no me habría acordado de llamar a Ana y Mary años después, en pleno viaje de setas. Cuando llamé, me enteré de que esa misma semana se habían ido a vivir a Granada. Esa misma semana. Tenía que ser cosa del destino. El destino es un pez que se muerde la cola, por lo visto. O tiene dos colas y se las muerde a la vez, porque me acordé de llamar cuando estaba en casa de B, mientras estaba en pleno viaje de setas. Setas proporcionadas por una persona a quien no conocería si no hubiera conocido a B antes. Visto así, parece que el destino tiene varias colas que comparten una misma punta.

Pongamos otro ejemplo... Si mi hermana no hubiera ido dos meses al extranjero no habría conocido a su actual pareja, un tío la hostia de entrañable que la quiere un montón. Y el tío es de un pueblo que está a media hora de Barcelona, pero se tuvieron que conocer en Sierra Leona. Mi hermana no habría estado ahí si se hubiera dedicado a otra cosa, y mi cuñado no **habría estado** ahí si **hubiera ido** antes (o más tarde) a conocer a su familia. Y ahí, entre los meses de junio y agosto de 2006, se conocieron. Parece que somos piezas de un juego de ajedrez y que el destino juega una partida con... Pues no sé, supongo que jugará consigo mismo. Y se tiene que divertir de la hostia, porque lleva así millones de años.

Un caso más... La famosa y mítica noche del Liquid. Mes de agosto, cinco personas de esas que no tienen nada en común, en un sitio al aire libre con música, piscina, y felicidad en el ambiente. Un sitio en el que te cobraban un dineral por entrar, pero al que entrábamos por lista porque ahí me encontré trabajando a una señorita con la que fui al colegio. Diez años sin vernos, y de repente ahí está la Mari (no la de antes, otra). La hermana del Pedro. Diez años después me la encuentro de camarera donde menos me la espero. Y "otia qué sorpresa qué haces tú por aquí?" "Pos ya ves, flipando un poco... Y tú qué?" "Aquí currando, qué delgado estás hijoputa" "Ya ves, las malas compañías".

Y ya para concluir... Si no **hubiera dejado** la otra carrera no **habría conocido** a esa panda de maleantes a los que tengo tanto cariño. Si no **hubiera entablado** amistad con B (porque fue el primero de estos a quien conocí) no **habría conocido** a T. Si no **hubiera conocido** a T no **habría conocido** a J. Si no **hubiera conocido** a J no se me **habría puesto** todo a cámara lenta de repente nada más verla. Si no se nos

hubiera puesto todo a cámara lenta a los dos este invierno **habría sido** un invierno aburrido, sin más, un invierno como otro cualquiera. Y sinceramente, en octubre no me podía imaginar que estaba a punto de llegar el mejor invierno de mi vida. Ahora el invierno ya se está acabando, va a llegar la primavera, y lo que hizo que este invierno fuera tan especial se ha acabado. O se ha puesto en pausa. Eso aún no se sabe. El destino nos dirá qué acaba pasando.

En fin, me podría tirar horas escribiendo sobre el tema. La conclusión que saco de todo esto es un "lo que tenga que ser será". Así de simple. Una situación nos lleva a otra, y de ahí a otra más lejana en el tiempo, y hace que conozcamos a gente nueva o que nos reencontremos con gente del pasado. Quizá suene fatalista eso de que todo acaba llegando y que el destino juega un papel muy importante, pero hay veces en que todas las piezas encajan de alguna forma para que se dé una situación insospechada. Claro que cada uno se labra su destino, pero muchas veces los resultados son inesperados. ¿Quién me iba a decir que hace cuatro meses iba a conocer a J y que ahora estaría escribiendo esto como resultado de una conversación trascendental de esas que tenemos de vez en cuando? ¿Quién me iba a decir que hace dos años conocería a T, resultado de haber conocido a B hace tres, resultado de haber dejado una carrera hace cuatro, resultado de haber puesto Derecho como opción en vez de Psicología, resultado de haber estado en un instituto donde ningún profesor dijo que había que inscribirse con antelación en la prueba de acceso de Bellas Artes? Qué coño, que me guste pintar y dibujar lo he sacado de mi madre, y soy resultado de que mis padres se hubieran conocido en 1965 en Hospitalet. Una señora de Sevilla y un señor de Logroño, que se conocen en una ciudad al lado de Barcelona. Eso tiene que ser el destino. Soy, somos, producto del destino.

En fin, lo que deba ser será. Tanto si sale como espero, como si sale mal, como si no sale como espero pero todo cambia y sale bien por otra parte... En cierto modo tranquiliza, aunque cree una ligera sensación de impotencia. Es como poner el piloto automático y seguir con las manos pegadas al volante. Sabes que vas a llegar a algún lugar porque el coche va solo, pero piensas que eres tú quien lo lleva. De vez en cuando puedes dar un volantazo para cambiar de carril, pero la dirección es la misma. Nos podríamos relajar mirando el paisaje, pero entonces todo sería demasiado... Aburrido? Anodino? Joder, esto parece un texto del Bucay. El famoso Bucay, del que nunca habría leído nada si no hubiera tenido que ilustrar uno de sus relatos el año pasado en una asignatura en la que quizá no me habría matriculado si no me hubiera convencido una amiga de Bellas Artes porque le daba pereza estar en una asignatura en la que no conocía a nadie y porque yo me tenía que matricular de una optativa más y no sabía cuál elegir. Narración Gráfica, no está mal. Al menos me sirvió para nombrar al Bucay en este tochazo que estoy escribiendo ahora. Tampoco es que hubiéramos hecho mucho más en esa asignatura, la verdad.

Ahora sí, me despido. No está mal la longitud del texto teniendo en cuenta el tiempo que llevaba sin pasarme por aquí. Pues eso, lo que deba ser será. Lo único que sé con certeza es que dentro de cien años estaréis todos muertos y yo estaré congelado porque tendré el dinero suficiente como para poder permitírmelo. El resto... El tiempo lo dirá. Ahora, mi querido lector, coges esa frase (tan pretenciosa por mi parte, lo admito) y elige: o te pones nervios@ porque sabes que hagas lo que hagas hay cosas que no puedes controlar, o te dejas llevar y dejas que te vayan viniendo las situaciones. O ambas cosas.

En fin. Si hace un año no sabía que ahora iba a estar escribiendo esto ahora mismo tampoco sé ni dónde ni cómo estaré dentro de un año. O dentro de cuatro meses. A saber qué pasa en esta primavera. El tiempo lo dirá.

posted by Serdodebarna @ [3:31 AM](#) 3 comments _

http://lacosamastonta.blogspot.com/2007_02_01_archive.html (acceso 041107)

7)

sábado 3 de febrero de 2007

*Fago. ¿Y si **hubiera sido** al revés?*

*Llevo un par de días preguntándome...¿Y **si hubiera sido** al revés? ¿Qué **habría ocurrido** **si** el presunto asesino **hubiera sido** del PP?*

*Pues echando mano de la hemeroteca no **habría estado** fuera de tono un comentario de los de Pepiño Blanco, o incluso , del mismo Zapatero.*

***Habríamos tenido** que escuchar comentarios del estilo de "la crispación del PP", "la derecha extrema"...*

***Habríamos visto** como el PSOE utilizaba esta tragedia, que no tiene nada que ver con la política, para pinchar al PP. Lo **hubieramos visto** sin duda. Como todas las muertes que ha utilizado el PSOE contra el PP. Ahora en cambio los vemos muy callados, pero eso no me libraré a mí y a muchos... ¿Qué **habría ocurrido**?*

[Lea en EL MUNDO](#)

Publicado por Jabalcuz en [12:51](#)

<http://hartosdezp.blogspot.com/2007/02/fago-y-si-hubiera-sido-al-revs.html> (Acceso 041107)

8)

Todo esto viene a que ayer habríamos matado de desesperación a cualquier cocinero de mala muerte. Fui a casa de mi prima e intentamos hacer crepes XDDDDDD

*Doy gracias porque sólo teníamos que mezclar la harina especial con el agua, porque **si hubieramos tenido** que hacerlo todo a saber lo que **haría salido** XDDDD No voy a dar detalles, pero el resultado fue una sartén requemada, media cocina llena de "crepe líquida" y un plato con un montón de pegotes que se suponía que eran las crepes XDDDDDDDD Eh, las dos últimas casi eran redonditas y planas. Tal vez si hubiera habido más líquido habríamos conseguido algunas bonitas xDDDDDDDD*

Algo bueno tuvo: me di cuenta que la torpeza va en los genes, no soy la única XDDDDDDDDDDDDDDDD

<http://lluvia.blogspot.com/>

9)

El caso es que había pasado un día entero buscando las palabras adecuadas y ensayando conmigo mismo, ¿y sabéis qué ocurre en el momento de la verdad? Pues que sólo me sale un montón de "Tengo que decirte que... Eehh... Pues... Es que yo...", patético, sencillamente penoso. Al final ha sido él el que me ha dicho "¿Qué? ¿Eres gay?" y yo asintiendo como un tonto. En ese momento de tensión rompió mis esquemas con un: "¡Ah!,

vale, ¿era eso?". **Si hubiera sido** un manga, me **habría salido** la típica gota de sudor en la cara. Había estado super preocupado por ese momento durante años, temiendome su reacción y con miedo a que nuestra amistad se rompiera, y al final no ha sido para tanto, la verdad es que no me esperaba que se lo tomara tan bien, me dejó muy sorprendido. Por lo visto no se lo imaginaba, pero a la vez tampoco le sorprendía mucho, yo creo que siempre se lo había olido, lo que pasa es que prefería no pensar en ello. Me preguntó si lo sabían mis padres y desde cuando lo era (Pues desde siempre, ¿A ti que te parece?). Hablamos de más cosas, y por primera vez sentí que no le ocultaba nada, y se me quitó un gran peso de encima. Le conté por encima un poco de las cosas que me habían pasado y que él no sabía (mi lío con Cloud, un día que salí con unos y que acabó como el rosario de la Aurora...). Me dijo que le alegraba que hubiera confiado en él para contárselo y que ahora sentía que me conocía mejor que antes, aunque le daba mal rollo que hubiera elegido el día antes de irse, como si se fuera a morir o algo así :-). Hablamos de más cosas, como de la distinción opción/identidad sexual que explico en la sección "Conóceme"; de que no debe dejarse llevar por los prejuicios ni las historias que ha oído sobre los gays; o de la gente que ya conoce "mi historia". La verdad es que incluso me dijo que le gustaba tener un amigo gay y que sentía curiosidad de cómo es "nuestro" mundo, aunque en eso le pude ayudar poco, ya que mis experiencias son más bien escasas.

http://sailor_e.blogspot.com/2003_02_01_sailor_e_archive.html

10)

[BLOG: Opina sobre el regreso de Soda Stereo](#)

"Vamos a hacer pocos temas. El resto se verá el día 19 (de octubre)", exclamó Cerati ante un nutrido grupo de periodistas y fanáticos que se congregó en la discoteca Museum del barrio porteño de San Telmo.

[El dinero no fue la causa de su regreso](#)

Tras el segundo y último tema recordado, "En la ciudad de la furia", los tres músicos, vestidos con corbata, respondieron a las innumerables preguntas de los reporteros y hasta se animaron a retar a varios de sus fanáticos por el ruido que hacían en el lugar.

Cerati, Bosio y Alberti coincidieron en que su regreso tras diez años de ausencia no obedeció al dinero, sino a que sintieron "que era el momento de volver". "**Si hubiera sido** por motivos económicos **habríamos regresado** antes, porque desde hace varios años que nos vienen ofreciendo mucho dinero", destacó Bosio.

"Es una suma de situaciones, no hay una sola en particular. Creo que era un buen momento para celebrar los diez años", aseguró a su turno Cerati. "Además -continuó el cantante y guitarrista-, me gustaba que mis hijos vieran a Soda Stereo alguna vez", precisó.

[Gira "Me verás volver" es todo un éxito](#)

Originalmente se habían programado dos presentaciones del grupo en el estadio del club River Plate de Buenos Aires, pero la impresionante demanda de los seguidores hizo que los organizadores de los recitales, Triple Producciones y Pop Art, agregaran otros tres conciertos.

Luego de presentarse en Buenos Aires, Soda Stereo tiene previsto ofrecer recitales en Chile, Perú, Estados Unidos, México, Ecuador, Colombia y Panamá. La serie de conciertos terminará antes de fin de año y, posteriormente, los integrantes de la banda retomarán sus carreras individuales.

11)

Cuando fui al Salón del Manga perdí inevitablemente 2 días de clase (habrían sido 3, pero como el avión salía al medio día y con esta manía mía, fui a clase y luego al aeropuerto), por lo que he tenido que pedirles los apuntes a dos personas y cuando he ido a copiarlos no entendía nada (cierto es que de ese tema no entiendo casi nada, pero...). La cuestión es que cada uno tenía su punto de vista respecto a lo que había dicho el profesor y así no había forma de aclararse, así que tuve que tomar la esencia (o sea, lo que se repetía) y completar con lo que me parecía. Sé que si hubiese estado ese día en clase no **habría escrito** mucho más de lo que lo hicieron ellos (o quizás sí), pero tendría una ligera idea de lo que habría dicho el profesor (el de Estructura III).

http://www.jovianstorm.com/nami/2003_01_01_archivo.php

12)

Lunes 15 de mayo de 2006. Núm. 119

Hubiera, palabra Maldita: Armando Rojas

Estimado Alberto: Leí hace poco en un suplemento cultural de un periódico madrileño, que la Escuela de Escritores de España lanzó una convocatoria para elegir la palabra “más bella” de la lengua castellana. No sé de cierto, o al menos en este momento no se me ocurre cuál sea esa palabra. ¡Hay tantas y tan pocas al mismo tiempo!, que la única que se me ocurre es amor. Lo que si sé, es que hay una que debería ser desterrada de nuestro vocabulario cotidiano por nefasta: hubiera. Se trata del imperfecto de subjuntivo del verbo haber. Hubiera es un reclamo airado de la conciencia y a la conciencia.—¡Si me hubieras hecho caso!— ¡Si hubieras ahorrado!—¡Si no te hubieras dedicado a la borrachera!—¡Si no hubiera andado de mujeriego tendría más dinero!—¡Si hubiera estudiado! Si hubiera, hubiera, hubiera... ¿Ya para qué? El hubiera siempre se pronuncia cuando ya ocurrió el desastre. Si, por ejemplo, Madrazo no se hubiera peleado con Elba Esther; si no se hubiera deslindado a tiempo de Montiel; si no les hubiera jugado chueco a los del TUCOM; si no se hubiera obstinado en jugarle las contras a Bours; si no se hubiera empeinado en ser candidato; si no hubiera engordado el caldo a Andrés Manuel con esos spots de televisión donde lo reta, su campaña navegaría como barco con el viento en la popa. Si, por ejemplo, Calderón no hubiera cambiado tanto de estrategia en su campaña, o si no se hubiera obstinado en defender lo indefendible de Fox, ya estaría arriba en las encuestas. Si don Vicente no hubiera querido desaforar a El Peje, éste ahorita anduviera como Marcos en la “otra campaña”: sin pena ni gloria. Si, por otra parte, Andrés Manuel HUBIERA tomado clases de dicción, no estarían diciendo sus adversarios que le falta un grado para ser paisano de Chávez. El hubiera, señor director, NO EXISTE. Al menos si Juan Gabriel no hubiera intentado bailar como Nureyev en el escenario, no se **habría roto** la ma...no. Si Juárez no hubiera muerto todavía viviría. Si mi abuelita no se hubiera puesto patines, aún estaría con nosotros. Si Osama Bin Laden no hubiera mandado tirar las Torres Gemelas, éstas seguirían en pie. Por eso pregunto, ¿ya para qué? Todos sentenciamos con esa palabra, como si fuéramos perfectos. A veces, cuando me quejo de mi situación económica, sale siempre uno que dice “al

menos, si hubieras robado”, haciendo alusión a los cargos públicos que tuve. Pero no robé, y sin embargo no me creen. No importa. El hubiera normalmente sale a relucir cuando uno ya metió la pata.–¡Si hubieras usado condón! También es un regaño.–¡Si te hubieras casado con fulanita, no estarías rayando (con los cuernos) el plafón! –¡Si El Peje no le **hubiera dicho** chachalaca al Presidente y **si hubiera ido** al primer debate, su raiting no **habría bajado** tanto. –Si Madrazo no hubiera sido tan terco con su lista de candidatos, los priistas que sWe fueron a otros partidos todavía continuarán con él. Palabra maldita que siempre nos hace ver nuestros horrores, pero ya cuando no se pueden remediar. Por eso digo que el hubiera no debe existir en nuestro vocabulario. **minavieja@hotmail.com**

http://www.gentesur.com.mx/articulos.php?id_sec=2&id_art=622&id_ejemplar=152 (Acceso 04/11/07)

b) A estrutura II para a expressão da contrafactualidade

<i>Si + pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo</i>
--

1)

Si hubiera sido...

Todos suponemos qué podríamos haber sido en otra vida. Mi idea es compartirlo con quien quiera enterarse, ya que hubiera podido hacer grandes cosas... o cosas muy tristes. La idea es no reducirme a ser solamente uno, sino imaginar ser muchos en uno.

Si hubiera sido...mujer

...sería muy puta.

Si hubiera sido...contador

Me hubiera encantado pertenecer a este blog...

<http://sihubierasido.blogspot.com/2007/09/si-hubiera-sido-mujer.html> (acceso 04/11/07)

2)

viernes, agosto 19, 2005

Si hubiera sido hombre....

Así tituló la revista norteamericana Newsweek la entrevista a Cristina Kirchner, que será publicada en la edición internacional. De todas maneras ya se puede leer [on line](#)

La actual senadora "escapa" a que la califiquen como feminista, pero se declara "femenina" (¿?):

"Creo que si se reconoce al feminismo como una categoría política -explicó Cristina-, estás validando la noción de que el machismo también lo es. Creo que hay que defender los derechos de las mujeres y de las minorías pero no desde el rótulo de feminista"

Me enteré de la nota gracias a que Andrea D'Atri la envió a RIMA-lista. Y también tuvimos que sufrir, ya que ella la vio citada en el Infobae, una bella aclaración de porqué la nota se titula en inglés "Argentina: Were I

a man". Infobae se pierde en vericuetos tratando de traducir literalmente, como si "were" estuviese mal escrito, y se tratara de "where" (donde). Se ve que en Infobae no tienen buenos traductores, o ni siquiera buenos números telefónicos de alguien que sepa un poco más de inglés que quien refrita la nota de la Newsweek.

Pero volvamos a doña Cristina Fernández.

El periodista Joseph Contreras aprovecha el agujero que dejó la bella primera dama, por lo menos para algunos/as, no es mi opinión personal, y la somete a las preguntas que debe someterla después de dejar semejante puerta abierta.

Pero su compromiso con los derechos de las mujeres no se traduce en apoyar la legalización del aborto, Por qué no? (But your commitment to women's rights does not translate into support for legalizing abortion. Why not?)

En 1997, la expulsaron del Bloque de senadores peronistas. ¿Fue su género un factor decisivo en esa medida? (In 1997, you were expelled from the caucus of Peronist senators. Was your gender a factor in that decision?)

Luego de rescatar la figura de Eva Perón. CK. arremete contra el derecho al aborto desde su "lugar de católica, y por tener profundas convicciones". Además piensa que debe debatirse, pero que no está en la agenda ni social ni política argentina.

Y respecto a la segunda, confirma:

*En realidad me expulsaron porque no apoyé una legislación que promovía el peronismo del gobierno del presidente Menem. Pero si **hubiera sido** hombre, no sé si me **hubieran expulsado**. (In reality they threw me out because I didn't support a piece of legislation sponsored by the [Peronist] government [of President Carlos Menem]. But if I had been a man, I don't know whether they would have expelled me.)*

¿Qué piensa la honorable Primera Dama que es el feminismo? Porque dice lo que dice y nadie le puede decir que es una feminista enferma, porque las que no se proclaman feministas, créanme, son las peores!!!!

*Cómo puede, la senadora y además abogada, creer que puede tapar más de un siglo y medio de historia de mujeres activas políticamente, que dieron forma a la participación de las mujeres en distintos ámbitos políticos, sociales, laborales, si no **hubiese sido**, más que por hombres, por tantas mujeres, que eran más o menos femeninas (la verdad es que no le veo el lado "femme" a Cristina, qué quieren que les diga, hace mucho fierro para mi gusto), pero que tenían unos objetivos mucho más amplios que sus carreras políticas, y de adquisición del poder más rancio, y manipulador?*

Me da vergüenza tener a semejante "representante" diciendo tales barbaridades, en el mismo país en donde se firmó, por ejemplo, la declaración de Seneca Falls a mediados del siglo XIX, un texto que sirvió de base para que por ejemplo, surgiera el movimiento sufragista, el que permitió que las mujeres pudiesen emitir sus votos, y ser elegidas para cargos electorales. Y no me refiero al empuje importante que le dio Eva Perón, en nuestro país, que no lo niego, porque sería ciego de mi parte.

Simplemente, me parece que a la señora Fernández de Kirchner, la hubiese pensado un poco más inteligente, un poco menos pendiente de qué dicen de ella, un poco menos aferrada a los elementos conservadores más insensibles, y poco partidarios de defender los derechos de las mujeres y las minorías, como ella manifiesta. En definitiva, es mucho más de lo mismo, aunque haya tratado de parecer otra cosa. Sin dudas, que no se queje cuando le critiquen el peinado o si su pollera está más corta o más larga. No tiene ideas interesantes que comentar, y sí mucha ambición, y de la más deplorable. Y tampoco es tan diferente de Chiche Duhalde.

Si van a votar en la provincia de Buenos Aires en octubre, les pido que por favor, voten a alguna mujer que sea más inteligente, y más cercana a nuestra lucha política, que estas candidatas, "mujeres" hombres con poder, por ahora.

escrito por Irene a las 12:51 AM | *enviar por correo*

<http://cafelang.blogspot.com/2005/08/si-hubiera-sido-hombre.html> (Acceso 04/11/07)

3)

*Por suerte las salidas con X y Z son mas que todo para cagarnos de risa y nada tan en serio, pero mi consejo viene a que si en verdad quieren algo en serio jueguense por una sola mina, aunque cueste o duela, porque sho me puse a pensar, si hubiese estado saliendo posta, la cosa no **hubiese terminado** en risas.*

<http://www.muzzainspiradora.blogspot.com/>

4)

*Los chavalotes de spaceports me han borrado la página por no tener el index en el directorio raíz...eso de avisar está pasado de moda...sospecho que si hubiese tenido pornografía infantil no me **hubiesen dicho** nada, pero eso del index...malo malote, eso no se hace. Ala, la página y los archivos a la mierda. Así que al menos tardaré un diíta en volver a nacer. Con lo guays que me había quedado, cagonlamar...*

http://thefire.f2o.org/archives/cat_amigos.html

5)

Ahora que he vuelto a casa – Capítulo 23

:: [Angela Li Volsi](#) ::

Traducción de Teresa - teresa_0001@hotmail.com

Notaba que el tratamiento biocibernético también había llegado a un punto muerto, tal vez debido a todos los cambios experimentados por mí. Estaba muy inquieta porque tenía plena conciencia de estar viviendo una fase de transición, antes de que la verdadera tarea, que yo no sabía aún cuál era, se manifestase.

Una cosa era cierta: no quería ninguna aproximación con el mundo académico, es más, me sentía como si nunca en la vida hubiese pertenecido a aquel mundo. Evitaba decir a la gente cuál había sido mi profesión,

como si de ella tuviese vergüenza. Mi autoestima nunca había estado tan baja. Más que nunca sentía la necesidad de respuestas sobrenaturales.

Ya estaba bastante claro para mí que no era asistiendo religiosamente a Misa y comulgando sin parar como mis problemas terrenos habrían de resolverse. Mi conexión con el Cristo iba mucho más allá de los límites colocados por la Iglesia Católica. Mis súplicas se dirigían a quien realmente pudiese escucharme e iluminar mi camino. Sabía que, de una manera o de otra, la respuesta no tardaría en llegar. Fue así como un día, en que iba a una clase de gimnasia fuera de mi horario, encontré a una amiga que me enseñó el folleto de un curso en el que ella se acababa de inscribir. Ha sido solamente poner los ojos en aquel papel para sentir el impulso irresistible de ir corriendo a inscribirme también. En realidad no había entendido casi nada de lo que ocurriría, pero algo me decía que era lo que yo estaba esperando.

La propuesta era ir a pasar cuatro días en un lugar alejado de Sao Paulo, en un grupo sólo de mujeres, que sería coordinado por una mujer que había venido de la India especialmente para iniciarnos en los misterios de la “pulsación tibetana”.

Habría una charla, en Sao Paulo, proferida por esa mujer la víspera del curso, para una toma de contacto e instrucciones de orden práctico.

Desde el primer momento en que mis ojos se posaron en su rostro y desde sus primeras palabras, he sentido una paz indescriptible adueñarse de mí. Todo cuanto ella decía sonaba como música en mis oídos y salí de allí feliz y radiante como desde hacía mucho tiempo no me sentía.

Cuando llegamos al lugar donde se daría el curso, todo me pareció perfecto y familiar. Los chalets en medio de la vegetación, la piscina con flores naturales flotando en su agua azul, una calma emanando de todo y de todos. El salón había sido forrado con colchones e impecables sábanas blancas que lo cubrían todo. En el lugar de honor, rodeado de flores, cristales de todos los formatos y colores, inciensos deliciosos y esencias delicadas, el retrato impresionante, vivo, ampliado, de la figura carismática de aquel que es el maestro iluminado de los sannyasines (esta palabra la oía yo por primera vez en mi vida), a quienes él transmitía sus enseñanzas...

La mujer que venía de la India había tenido el privilegio de tenerlo como su maestro aún en vida. Yo había ido a ese encuentro sin saber nada de todo esto, y ha sido mi suerte. **Si hubiese sabido** anticipadamente que habría un altar dedicado a ese maestro y, peor todavía, **si hubiese sabido** de quién se trataba, ciertamente no **hubiese ido**. Mis ideas preconcebidas me **hubiesen impedido** tener una experiencia única sólo porque yo estaba condicionada a juzgar a las personas, a descartar a aquellas que de alguna forma estaban estigmatizadas por la moral vigente. Tirando de la memoria, recordé vagamente haber visto en la televisión y los periódicos, algunos años atrás, aquella figura de hindú, de largos cabellos y barbas proféticas, excéntricamente vestido, que andaba en limusina, rodeado de lindas mujeres, y que estaba siendo perseguido en los Estados Unidos a causa de su conducta considerada inmoral. Ciertamente **hubiera sentido** rechazo, **si hubiese sabido** de antemano de quién se trataba. Además de que, desde hacía mucho tiempo ya había decidido conmigo misma que no daría culto a ningún ser humano, por más iluminado que fuese.

Pero allí estaba yo, formando parte de un grupo que ciertamente no se había juntado por acaso, bebiendo las palabras de aquella mujer fantástica. Lo primero que me había impresionado era la extremada

elasticidad de ella, a sus cincuenta años, pudiendo hacer prácticamente cualquier movimiento de danzarina, siendo que, según ella misma contaba, había estado considerablemente gorda y enferma cuando joven.

Su manera de hablar, clara, precisa, directa, sencilla, suave, con la chispa de humor de quien sabe cautivar a su auditorio durante horas, me hipnotizaba. Parecía tener un conocimiento ilimitado de cualquier problema que afectase a los cuerpos físico, psíquico y espiritual. Su capacidad de percibir absolutamente todo cuanto sucedía a su alrededor, por imperceptible que fuese, debía provenirle de una sabiduría almacenada a través de los siglos.

La propuesta era que nos sometiésemos a un programa bastante intenso que incluía meditaciones, catarsis y, principalmente, sesiones de pulsación tibetana que eran realizadas en duplas. El objetivo era alcanzar capas profundas y olvidadas de aquello que había sido grabado en cada uno de nosotros desde el nacimiento, con la intención de liberar lo que había de negativo y transformar las energías en positivas. (Esto no lo había dicho nadie con estas palabras, soy yo quien está sintetizando así mi manera de vivir la experiencia).

Antes de cualquier abordaje, sin embargo, ella había tenido el cuidado de familiarizarnos unas con otras, enseñándonos técnicas muy suaves de compartir con una compañera elegida las informaciones y sensaciones, que nos transformaban como en un pase de magia en antiguas conocidas.

Las posturas de la pulsación tibetana, para alguien que como yo presenta serias limitaciones físicas, al comienzo equivalían a una sesión de tortura. Se trataba de permanecer, durante cuarenta y cinco minutos, en una determinada posición, actuando sobre un punto específico del cuerpo de la compañera. Todo se desarrollaba en el más absoluto silencio, arrullado por una música especial. Tras ese período de tiempo, la posición se invertía y la compañera “pasiva” se transformaba en “activa”, y viceversa.

Esto significaba permanecer, por ejemplo, con una pierna extendida soportando el peso de la cabeza de la compañera sobre la rodilla, sin moverse. Hubo momentos en que he tenido deseos incluso de llorar, tan penosa estaba siendo la experiencia. Una vez más me veía a vueltas con una tarea superior a mí, que yo misma había ido a buscar. Lloraba de impotencia, a causa de mis limitaciones físicas que me obligaban a un sufrimiento mucho mayor que el que las demás personas tenían que soportar. Aún así, obedecía a las incitaciones de la maestra en el sentido de sobrepasar nuestros límites, para que la transformación fuese más efectiva.

<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/conteudo.asp?id=6078> (acceso 041107)

6)

lunes 22 de octubre de 2007

Te juro que es la última vez que me pasa...

Siempre que me doy cuenta de que algo pasó por última vez, lo primero que se me pasa por la cabeza, es: como hubiese sido, o como me hubiese comportado, como hubiese reaccionado, de haber sabido que esa era, efectivamente, la última vez que eso pasaba.

Digo, jugando como tantas veces con cervezas de por medio, picada con amigos, siempre pasa que se arman esas charlas en las cuales uno arregla el mundo, habla de macro y macroeconomía (sabiendo que después

hay que sacar el celular para dividir entre todos la cuenta), arma cual playmobil a su hombre o mujer ideal, somos jefes de nuestros actuales jefes y les arruinamos su estadía en el trabajo, y de vez en cuando salta alguna conversación del tipo: ¿Si te dieran a elegir no tener un sentido, cual seria? ¿Si pudieses elegir tener un poder cual seria?

Y es ahí donde me paro a pensar, y digo siempre, sin dudas, que me encantaría tener el poder de saber cuando algo va a pasar por ultima vez.

Por poner un ejemplo súper tonto; me hubiese encantado saber que mi ultimo llamado cuando trabajaba tomando llamados en Dell, era el ultimo llamado, me hubiese encantado poder decirle a mi customer que no quería escuchar mas gente pidiendo cartuchos de tinta y pidiendo descuento en el shipping, o gente que se quejaba porque su vaca se volvió azul porque se comió el cartucho que el cartero le dejo en la puerta de su casa del medio del campo... O incluso en otras situaciones...

Por ejemplo; me **hubiese comportado** muy diferente si **hubiese sabido** que los últimos besos, eran eso: últimos besos, supongo que me **hubiese quedado** un rato mas, supongo que no me **hubiese apurado** tanto a tomarme el colectivo, asumiendo que habría mas... supongo que lo **hubiese abrazado** un ratito mas, supongo que le **hubiera pedido** que no se vaya, y de lejos me pongo a pensar en que aunque me hubiese dolido, me hubiera encantado poder extender ese momento...

De golpe, sabiendo que es la ultima vez, no dolería tanto estar pensando que **hubiese pasado**, de haber sabido...

O me divertiría a lo loco, con el pobre desafortunado que sea mi ultimo customer...

Lo dijo PuNchiS en [9:56 PM](#) _

<http://maldicionvaserundiahermoso.blogspot.com/2007/10/siempre-que-me-doy-cuenta-de-que-que.html>

(acceso 041107)

7)

LA NADA DE UN HADA URBANA

y aqui comenzó la Nada ...

10.01.2004

Bonjour...

Continua la ligereza... y se confirma el síndrome de solo poder escribir cuando algo anda mal con mi cabeza o mi entorno...y no entiendo porqué... así que mejor lo contrarresto... digo, ya que estoy tratando de dejar cosas atrás...

- No quiero dejar pasar el hecho de que después de mucho tiempo y después de la última de mis catarsis volví a Real de 14... lo había plasmado en papel pero no en bits... fui con él y sin planes previos... por lo mismo olvidé la posibilidad de que podían ser las fiestas del pueblo, lo que significa que no sería el placentero y solitario lugar que tanto me gusta... si **hubiera ido** sola **se hubiera reventado** el hilo de mi cordura... no me pude quedar en el hotel que tanto me gusta, no pude escuchar el silencio en ningún lugar, no fui al cerro del quemado, no pude buscar aquella mina (que realmente quería encontrar antes de ir), no pude abrazar las paredes de la mina vertical para recordar que tenia un fragmento de mi sangre, no intenté poner en práctica

la manera de subir a las columnas en donde años antes no estoy segura como, había sido gárgola, no recité a Sabines o a Chumacero en voz alta sobre la iglesia del pueblo fantasma... y para ser sincera... no me importó, no necesité nada de esto para tener uno de los viajes más deliciosos que pude haber tenido... desayuné casi todos los días en el cactus, comí de las típicas gorditas, incluso me metí a una fondita a comer chile relleno... compré muchos dulces para traer a mi casa, vi casi completo un partido de los Pumas contra los Tigres en una cantinita (casi siendo la única mujer y siendo la única que apoyaba a los pumas), le mostré a él la mina vertical y el pueblo fantasma... exquisitos despertares rodeada de su piel... y buscar que la respiración de esa piel despierte besando las partes que la aceleran; deliciosos cafés de esos que merecen no ir acompañados de azúcar; plasmé en digital lo que tiempo antes me costaba plasmar en papel... Se que a él no le gusta eso de hacer caminatas largas (y menos si son empinadas) casi no lo cuenta ... pero ahí estaba y eso fue muy chido... casi no dormí la última noche... lo que nunca, salir al amanecer en domingo para cruzar el túnel a pie, ya que por las fiestas no había tráfico vehicular... pero por fortuna encontramos unas carretillas cruzando a la gente... Se que si hubiera **ido** sola **hubiera sido** un viaje totalmente distinto, no puedo afirmar si mejor o peor pero si **hubiera sido** totalmente distinto y los efectos que tuvo ese viaje sobre mi también **hubieran sido** distintos...

- Aun ligera desde mi regreso... y cada vez más, no pregunto ni por que ni cuanto va a durar por que eso lo estropearía y quiero seguir respirando profundamente y sin borrar esta sonrisa que tengo últimamente...

- Casi no he leído en el bus últimamente, por que estoy disfrutando que mis pasos tienen un soundtrack diferente cada día...

- me vuelvo a sentir como un hada: ligera, sutil, sensual, interesante, brillante, llamativa, mágica, atractiva, especial, poderosa, coqueta... suena quizá un tanto extraño y tonto siendo como soy normalmente, pero quizá estoy disfrutándome en todos los aspectos y sin complicaciones y lo proyecto hacia mi entorno...

Si, estoy en una etapa un tanto hedonista y egoísta (por ejemplo no quiero darle reky a nadie más que a mi)... y creo que combinados es mas intenso jajaja...

- ante noche soñé mucho... incluso me soñé desnuda en la calle frente a la gente pero sin el menor pudor, de pronto cerrar los ojos, brillar y comenzar a flotar... soñé que volaba y hacía mucho que no soñaba eso... y siempre es igual cuando empiezo a volar... y parece y se siente tan fácil de repente ir corriendo, respirar, contener el aliento y comenzar a elevarme... Prolóngate placentero sueño, prolóngate bienestar... ángel de la jiribilla realízate... ya cumplí mis 21 días de purificación...

Mañana la fiesta de la RBK a ver como se pone...

PD: T O M /TOY :P

por Urban Fairy a las [2:49 PM](#) _

<http://seranada.blogspot.com/2004/10/bonjour.html> (acceso 041107)

8)

Tuesday, March 05, 2002 10:49 AM

De: [Ál](#)

10)⁸⁷

[Quote from: pirlo89 on October 25, 2007, 06:38:02 pm](#)

jejeej con mucho gusto 😊

Y fijate q si me entere, pero muy tarde 😊, era que inauguraron la tienda Adidas de Unicentro y todo un sabado estuvo exhibida la copa alla.. incluso hablando con uno de los que trabajaban ahi me dijo que la famosa "sorpresa" era Kaka firmando autografos, pero Dunga no lo permitió de ultimo momento... fue el fin de semana que Brasil estuvo aca.

- Si hubiera ido Kaka, me hubiera pegado un tiro fresca.... 😬😬😬

- jajajaj entonces gracias a Dunga todavia vives 😂

Pero igual, si hubiera ido Kaka, habrias tenido q ir a pasar la noche en la puerta de unicentro porq el mar de gente (no solo los aficionados al futbol sino tambien LAS aficionadas a Kaka 🤔) hubiera sido descomunal!!

ummmm.. estoy pensando q tal vez me responderas algo como "me habria ido sin problema 1 semana antes a hacer fila" jajajajajaja. Am I right???

<http://ligasvirtuales.com/SMF/index.php?action=recent;start=20> (accesado 041107)

11)

¿Qué hubiera pasado si hubiera sido al revés?

El bueno de Ash me chiva que un jubilado le abre la cabeza a otro al grito de "rojos de mierda". (leer)

En realidad, es una noticia puramente anecdótica. Lo que cualquier persona razonable sabe desde hace tiempo, exaltados y descerebrados los hay en todos los bandos.

Pero, por un instante, imagináros que la noticia hubiera sido la contraria. Imaginaros que un "rojo" le hubiera partido la cabeza a un señor que reparte panfletos del PP. En vez de ser una noticia de pequeña importancia, sería portada de Libertad Digital, aparecería en Telemadrid y tendríamos que soportar "sesudos" artículos sobre el guerracivilismo de las izquierdas, sobre como las izquierdas siempre son violentas y una cosa así, JAMÁS, JAMÁS hubiera podido suceder en el otro lado ¿no es verdad? 😊

La culpa de todo habría sido, por supuesto, del Grupo PRISA y de todos los demás medios de comunicación malvados y psocialistas que tienen preferencias por el PSOE en vez de mentir descaradamente y manipular todo lo que caiga en sus manos con tal de atacar al gobierno. Con justicia o sin ella.

Y hablando de medios de comunicación. cnn nos mostró en Actualidad este video sobre Telemadrid:

⁸⁷ Os exemplos 10, 11 e 12 apresentam a alternância entre *potencial compuesto* e *pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo* (-ra).

Nuevamente, la manipulación de los canales públicos es tan antigua como la televisión. Y todos los gobiernos lo hacen, aunque hay que reconocer que los niveles de TeleMadrid son difíciles de alcanzar.

En cualquier caso ¿qué **hubiera pasado** *si* esto mismo **hubiera sucedido** en una televisión controlada por el PSOE? ¿no estaríamos escuchando una y otra vez como son cosas propias de las antidemocráticas izquierdas, censoras por naturaleza, y que la única democracia posible consiste en ser de derechas?

[30/03/07](#) - Publicado por [Tiberio](#) | [Política](#) | | [4 Comentarios](#)

<http://libertinajed.wordpress.com/2007/03/30/%C2%BFque-hubiera-pasado-si-hubiera-sido-al-reves/>

(Accesado 04/11/07)

12)⁸⁸

Si hubiera sido en Cuba

...A veces, mientras oigo los informativos, me pregunto qué hubiera pasado de haber sido en La Habana dónde...

Koldo. La Jiribilla

A veces, con el periódico del día en las manos, me pregunto qué se **hubiera escrito**, qué **habría pasado**, *si hubiera sido* en una prisión cubana en la que 135 presos mueren achicharrados mientras uno de los guardianes, con la llave en la mano, alega: "ahí no hay ningún familiar mío".

A veces, mientras reviso la actualidad diaria, me pregunto qué hubiera pasado de haber sido miembros del Ejército cubano los autores de la emboscada y el ametrallamiento de una periodista italiana en Cuba, qué hubiera pasado, qué se hubiera escrito, de haber sido soldados cubanos los que dieran muerte a un agente italiano.

Me pregunto qué estaríamos diciendo de ser en Cuba donde, en los últimos tres años, los policías fusilaran a 500 alegados delincuentes, en los pretendidos intercambios de disparos.

Qué pasaría de haber sido el ejército cubano quien secuestrara, asesinara y descuartizara a un grupo de pobladores, incluyendo niños, como el infame crimen cometido en estos días por las tropas de Uribe en Colombia.

A veces, mientras oigo los informativos, me pregunto qué hubiera pasado de haber sido en La Habana donde las discotecas organizan a la franca, impunemente, concursos tan execrables como el ocurrido en estos días en la discoteca dominicana Le Blanc Dance and Lounge, en el que dos jóvenes murieron tratando de ganarse los diez mil pesos de pago a quien bebiera más tequila.

Me pregunto qué se estaría diciendo si en un centro de recogida de menores del Estado cubano, fuesen violadas más de veinte niñas durante los últimos dos años. Me pregunto qué estarían comentando algunos locales hacedores de opinión si los "disidentes" cubanos estuvieran presos en las condiciones en que están los secuestrados en Guantánamo por el gobierno estadounidense.

Me pregunto qué estaríamos hablando de haber sido el trato del ejército cubano a los "disidentes" de la Isla, semejante al observado con los presos en poder de las tropas invasoras en Iraq.

⁸⁸ No exemplo, há a construção contrafactual de infinitivo compuesto, pretérito pluscuamperfecto del subjuntivo, mas não será comentada.

Me pregunto qué estaríamos diciendo de Cuba si el Congreso de ese país respaldara a sus miembros en el tráfico de chinos o de ilegales, qué estaríamos hablando ante la diaria aparición en La Habana de cadáveres, especialmente de mujeres, a veces descuartizados.

Me pregunto... si hubiera sido en Cuba.

<http://www.tiempodecuba.34sp.com/modules.php?name=News&file=article&sid=439> (acceso 04/11/07)

c) A estrutura identificada como coloquial para a expressão da contrafactualidade

Si + pretérito imperfecto del indicativo, pretérito imperfecto del indicativo

1)

alexnob

21-07-2006, 09:56 AM

doktor encontro a su exx doktor encontro a su exx.....

*Che vortex, tenes bastante razon con lo que pusiste, sin ir muy lejos, ayer me saludo un compañero de la facu que es odiado por todos, incluso por mi, porque es un sorete que nunca te pasa 1 trabajo, ni te presta 1 apunte, pero cuando el lo necesita te chupa el orto para que se lo des...me puse "feliz dia del amigo ale" por msn....yo le puse "ah si, gracias =mente"....mas falso imposible, pero si no lo **saludaba quedaba** como un sorete....en fin.....ayer la pase lindo, comi un asado con los amigos de la secundaria, salude a algunos de la facu, y no sali :P*

<http://www.area51experience.com.ar/foro/archive/index.php/t-1053987.html> (acceso 041107)

2)

Talleres deberá esperar

Si ganaba se salvaba del descenso; igualó 2 a 2 con Huracán.

CORDOBA.- Toda la expectación giraba alrededor de una y sólo una premisa: que Talleres ganara para salvarse del descenso. Así lo entendieron los cordobeses, al menos. Pero no contaron con que el orgullo del herido Huracán podía dilatarles la fiesta. Talleres jugaba contra un equipo descendido y esperaba la victoria para festejar, a tres fechas del final, su permanencia en primera.

Pero empató 2 a 2 con Huracán. Si bien la iniciativa le correspondió al local, y también las primeras acciones de riesgo fueron suyas (con un mano a mano que desperdició Astudillo), Huracán supo hacer muy bien su juego: esperó y contraatacó, con el tridente Peralta-Casas-Toedtli. Entre ellos complicaron sobremanera a la defensa de Talleres (sobre todo, a Páez), que nunca supo encontrarle la vuelta a los avances del conjunto que dirige Babington.

Fue Huracán el que se puso en ventaja, con un gol de Casas. El delantero definió cruzado ante una gran cesión de Peralta, justo cuando salía a achicar Cuenca, y puso el 1 a 0.

Pero después levantó el elenco cordobés y, conducido por Garay, llegó al empate. Fue Oliva, al comienzo del segundo tiempo, el que igualó, también con una definición cruzada ante la salida del arquero.

Desde entonces, el encuentro se volvió atrapante, con mucha emoción y con un esquema claro: Talleres en el ataque y Huracán tratando de salir de contra.

Así, el que volvió a marcar fue Huracán, con un golazo de Peralta, tras una doble pared entre él y Casas. Y Talleres se desesperó, se desordenó. Se fue encima de Huracán con fuerza, pero siguió dependiendo de Garay y de Oliva, que al final se llevó por delante a todos y definió de volea ante la salida de Ríos para señalar el 2 a 2 definitivo.

Talleres empató, pero sigue con muchas posibilidades de salvarse. Sólo que deberá esperar un poco más.

Enrique Vivanco - Fuente: La Nacion

<http://www.ayudatareas.com.ar/noticias/16/archivo-o2798.shtml> (Acceso 051107)

3) ⁸⁹

"Si ganaba, no corro en Ferrari"

Barrichello, tras el triunfo de Schumy

*ROMA (ANSA).- El brasileño Rubens Barrichello confesó que si el domingo último **hubiese pasado** a su compañero Michael Schumacher en el final del Gran Premio de Canadá **habría puesto fin** a su carrera en Ferrari.*

*"Podría haber atacado al final del GP, pero no estoy loco, si lo **hubiese hecho** mi carrera en Ferrari **habría terminado** el domingo, y por eso es mejor que todo haya sucedido así", dijo Barrichello antes de dejar Montreal.*

*Según Barrichello, si **hubiese superado** a Schumacher -quien en la parte final de la carrera tenía problemas en una toma de aire- "no **habría podido** subir al podio con una sonrisa en los labios, después de todo lo que me había aconsejado el equipo", en obvia alusión a las instrucciones vía radio que había recibido de no superar bajo ningún concepto al piloto alemán.*

"Debo ser sincero y reconocer que ni por un solo instante pensé en ir a darle fastidio a Michael y eventualmente sobre el instinto prevalecieron de inmediato la razón y el respeto a lo que me había pedido en forma expresa por el equipo, en el fondo, aun llegando segundo, fue muy hermoso poder llegar casi juntos bajo la bandera a cuadros, lo que es una señal de fuerza de nuestras máquinas", agregó Barrichello.

⁸⁹ Neste exemplo, o pretérito imperfecto del indicativo na prótase combina-se com o presente del indicativo na apódose. Variante que é comentada na análise do Caso 3.

En tanto, el presidente de Ferrari, Luca di Montezemolo, aprobó la decisión de hacer ganar a Michael Schumacher, en Canadá, y no a Barrichello.

"Las jerarquías sirven para proteger y ganar puntos. Barrichello hizo una carrera maravillosa. Todo tiene su tiempo", comentó Montezemolo en una entrevista realizada con la cadena televisiva Tg1.

Por su parte, el presidente de Ferrari prefirió hablar sobre el "nuevo" Schumacher, distinto de aquel del año último, ya que dijo estar mucho más tranquilo y más sereno cuando sube al podio cada vez que consigue una victoria.

Luca di Montezemolo aseguró que el piloto alemán ahora "cuenta con una mejor máquina con respecto a la del año último", y que por ese motivo les lleva 22 puntos de ventaja a los pilotos del equipo rival, McLaren.

Schumacher, tras su quinta victoria de la temporada, tiene 56 puntos, seguido por David Coulthard (McLaren), con 34. Hoy comenzarán las pruebas en Magny-Cours, con miras al GP de Francia, el 2 del mes próximo.

Fuente: La Nacion

<http://www.ayudatareas.com.ar/noticias/3/archivo-b4585.shtml> (Acceso 041107)

d) A estrutura "nova" para a expressão da contrafactualidade

Si + pretérito imperfecto del subjuntivo, potencial compuesto

1)

Tenma: "Aunque tuviera instrumentos no podría operar aquí. Debe verle un médico enseguida."

terrorista1: "Si pudiese hacerlo ya lo **habría hecho**. ¡Cúrale de una vez!"

Tenma: "¿Cuánto hace que le han disparado?"

terrorista1: "¡¡Te hedicho que no te metieras donde no te llaman!! ¡¡Cúralo ya!!"

Tenma: "¿Hace cosa de cuatro horas? ¡¡Vosotros sois los del ataque terrorista de esta mañana!!"

<http://jyaaku.dreamers.com/1htmls/monster.htm>

2)

¿En qué época histórica le **habría gustado** vivir si pudiese elegir?

— En la época que estoy viviendo, en el día a día del siglo 2001. Ahora bien, me gustaría que existiera el Tunel del Tiempo y hacer cortas estancias en el Egipto de Ejnaton..para luego volker rápidamente a mi época

<http://www.el-mundo.es/encuentros/invitados/2001/06/246/>

3)

*Si **podiese** cambiar de aquel día cualquiera de esas cosas, todo **habría sido** distinto. Pero por suerte, el tiempo es lineal y sigue hacia adelante. Y esta vez voy con la lección aprendida.*

<http://usuarios.iponet.es/dardo/revista/tren.txt>

4)

*Fabián Casas, de 36 años, es redactor de El Gráfico. La principal revista de deportes del país también padece la crisis. El ejercicio ha pasado a ser una parte esencial de la vida de Casas. Este periodista, soltero, afirma estar sometido a una presión constante y experimentar una sensación creciente de vacío: “Si no **produjera** músculos, ya me **habría vuelto loco**.”*

http://www.unesco.org/courier/2001_07/sp/doss23.htm

5)

*Los enamoramientos tardaban en pasarse en esa época, en que todo era lento. Días larguísimos, dientes que tardaban siglos en salir. Mi padrino me daba dinero por los dientes de leche. Si **fuese** tiburón me **habría vuelto rico**.*

<http://www.elpais.es/suplementos/babelia/20010518/32.html>

6)

Nos gustaría que a través de esta u otras páginas, pudiéramos crear un colectivo de amantes de los fósiles. Además de enriquecer los museos con nuestras aportaciones, también fomentaremos la sensibilidad y amor a nuestro planeta y, como no, la cultura de nuevas generaciones.

Y espero que también sirva para corregir la miopía de algunos políticos o dirigentes que hacen que nuestra afición parezca algo sucio y punible.

*Por el amor de Dios!. Si no **fuera** por aficionados como nosotros no **habría** ni un solo museo de Paleontología, no se **escribirían** libros sobre el tema, nadie **habría ido** hablar del Jurásico, por ejemplo.*

<http://usuarios.lycos.es/lawebdelosfosiles/asociaciones.html>

7)⁹⁰

*Florentino: «Si no **fuera** el culpable no **hubiera demitado**»*

JULIÁN ÁVILA

28-2-2006 08:14:53

MADRID. Pasadas las nueve de la noche Florentino Pérez apareció en la sala de prensa del Santiago Bernabéu acompañado por los miembros de la Junta Directiva. Traje gris, corbata oscura y un rictus mortecino. Sólo faltaba el nuevo presidente. Tomó la palabra y leyó el manifiesto que justificaba la dimisión.

«He convocado a la Junta Directiva porque creemos que el Real Madrid necesita un cambio. Tras analizar la situación es el momento oportuno para que deje la presidencia del Real Madrid y he presentado mi dimisión porque estoy convencido de que puede ser el revulsivo que necesita el club».

«Es una decisión meditada, un ejercicio de coherencia porque en estos años de presidente hay momentos en los que un club como el Real Madrid necesita un impulso de renovación y debo aplicármelo a mí mismo. Los socios me encomendaron encauzar el destino y rumbo de una institución que vivía momentos difíciles, han sido seis años duros y apasionantes y esta junta directiva ha colocado al Real Madrid en el liderazgo y a los socios para decidir el futuro de la institución, son los únicos propietarios».

«Mi decisión ayuda al Real Madrid, va a impulsar al club en lo que resta de temporada y en la próxima. La estabilidad debe formar parte del código de comportamiento y de acuerdo con los estatutos del club la junta directiva ha nombrado nuevo presidente a Fernando Martín Álvarez. Le deseo toda la suerte para afrontar este nuevo desafío. Es un hombre capaz».

Señaló con el dedo al vestuario

«Ser presidente del Real Madrid me ha permitido vivir los años más intensos de mi vida, quiero transmitir mi gratitud a todos los estamentos del club. Soy madridista desde pequeño y esta decisión es un gesto de lealtad a los socios. Gracias, hasta siempre y buena suerte», finalizó.

A continuación llegó la parte más jugosa. El cuerpo a cuerpo del ya ex presidente con los periodistas.

Inevitablemente se pusieron sobre la mesa los últimos acontecimientos protagonizados por los jugadores. Y Florentino cargó con dureza contra el vestuario.

«Algunos jugadores están confundidos. Y no he sabido desconfundirlos. No me han gustado las actuaciones de los últimos días. No es normal lo que pasó en Mallorca. En lo que dijo Sergio Ramos tenía razón y no me gusto verle solo celebrando el gol. No vamos por el buen camino y quizás sin mi presencia haya un revulsivo», señaló.

En la siguiente pregunta en la misma dirección hurgó en la herida abierta: «Esta plantilla está hecha de grandes jugadores. Soy el máximo responsable. Les he maleducado y algunos se han confundido. Los padres, por darle, lo mejor a los niños logran que se confundan. No sólo ellos tienen la culpa. No he echado en ningún momento la culpa a los jugadores porque si no fuese el culpable no **hubiera dimitido**. Me llevo bien con todos los jugadores, son buena gente. Y son nuestro mejor activo. Seguro que he cometido errores. Es bueno el cambio porque lo único importante es el Real Madrid», prosiguió.

«¿A qué se debe esta confusión? Ha podido venir porque en los últimos años hemos jugado un fútbol espectacular y nos han adulado en todo el mundo. Y es normal que alguno se confunda ante tanto halago o que piense que tiene el puesto asegurado en el equipo. Me hubiese gustado educarles en el trabajo, en el sacrificio. A los jugadores quiero abrirles los ojos con mi salida».

Sin vuelta, pero sigue de socio

También abordó otros detalles y desveló que había tomado la decisión después del desastre de Mallorca:

⁹⁰ Nos ejemplos 11 e 12, observamos una variante para o tempo da apódoxe: no lugar do *potencial compuesto*, o *pluscuamperfecto del subjuntivo*.

«No creo que haya crisis y pienso que el club necesita una revolución. No estamos en la mejor situación. Después de haber cambiado a varios entrenadores lo único positivo era cambiar al presidente. La normalidad institucional consiste en que la Junta nombre a un nuevo presidente hasta 2008. Fernando Martín es muy listo y sabe lo que tiene que hacer. La vida es larga. No volveré, pero seguiré siendo socio». Sacó pecho al repasar varios logros: «El modelo es el adecuado. Estamos muy satisfechos de lo que hemos hecho y dónde hemos puesto a este club en los diferentes ámbitos. Tengo una salida bastante buena. Es un acto de lealtad y de responsabilidad». Y a las diez de la noche se marchó en medio de una cerrada ovación de su Junta.

http://www.abc.es/hemeroteca/historico-28-02-2006/Home/florentino-si-no-fuera-el-culpable-no-hubiera-dimitido_142543049902.html (acceso 071107)

8)

pfernan

16-jul-2007, 23:42

Es un problema común en los turbodiesel. Eso es porque entra aceite a través de la admisión/turbo y el aceite actúa de combustible. Revisa el turbo, que no tenga fugas de aceite, mira el nivel de aceite, que no esté demasiado alto.

¡Suerte!

Martínez, un mecánico con mucha experiencia me contaba sus vivencias peculiares y, entre ellas, la de un gran monocilíndrico diésel que prestaba servicio en una cantera y fue llevado a reparar a un taller de Pravia.

El motor tenía una pesada base de fundición, que se atornillaba al suelo. En el taller estaba simplemente posado, pero creyeron no habría riesgo en hacerlo funcionar en vacío. Lo arrancaron para observarlo, pero sus vibraciones lo hicieron desplazarse por el taller, lo intentaron detener mediante el pare, pero la holgura entre cilindro y pistón permitían pasar suficiente cantidad de aceite desde el cárter a la cámara de combustión para que siguiera girando aun con el suministro de gasóleo cortado. Nadie sabía que hacer, el motor enfiló la entrada de la nave saliendo a la plaza anexa, donde terminó cayendo al suelo y dejando de girar.

*Afortunadamente en aquella época había muy pocos vehículos. **Si fuese hoy se hubiese llevado** por delante algún que otro coche antes de parar.*

<http://www.bmwfaq.com/archive/index.php/t-238551.html> (acceso 071107)

9)

*Estoy tan quemado por el sol que **si fuera** un poco más miedoso **habría ido** al médico esta mañana. Ha sido una mala noche, el más mínimo roce con las sábanas me dolía. Me lo merezco, por idiota. Siempre pasa lo mismo, siempre acabo quemándome. Nunca aprenderé.*

<http://egosum.blogspot.com/>

10)

*Harry Potter y la cámara secreta: si **tuviera** unos ocho años **habría disfrutado** como un bestia!!, pero la verdad es que ya se ha desenganchado de mí ese niño, quizá conservo dentro otro niño, pero no el que disfruta con universos tan limitados como el de Harry Potter, aunque la verdad es que me ha gustado más que la primera (que me dormí). Me angustió de verdad la persecución de la serpiente golda !!!.*

<http://www.pacoperez.com/weblog/dic02.htm>

11)

Dios, como odio cuando me empiezo a sentir así... siento que soy simplemente un observador de todo, incapaz de hacer algo por sí mismo...me siento tan inútil...

¿Por qué? Simplemente porque me da miedo todo. Si, me da miedo que pensará la gente, cómo reaccionará...no puedo permitirme nada que me guste...no sé nada en lo que a relacionarme a los demás respecta...supongo que los ejemplos de sociedad que tengo en la familia tampoco ayudan demasiado, creo...

*¿Por qué no cambiar? Si **fuera** tan fácil, no **estaría** en internet, no **estaría** escribiendo esto, no **habría conocido** a muchas personas y no **habría perdido** muchas amistades por el miedo que significa cambiar algo tan establecido como el miedo...*

http://shigeru.pitas.com/30_09_2002.html

12)

*Y así lo fue. debido a varios factores que ya se han hablado, y (no es seguro pero ya creo que hay algo mas) los que quedan por hablar, la cosa se fue al carajo. Lo bueno, el que todo haya pasado tan deprisa, si **hubiese tardado** mas lo **hubiese pasado** mal, pero no me dio tiempo a asentarme. El como me siento ahora, pues sinceramente, decepcionado, pero... he pasado por cosas mucho peores, si esto me **rallase** mis últimos meses no me **habrían servido** para nada así que no me rallare. Akane, me encantara seguir de amigos, y tener largas conversaciones sobre lo que se antoje, ¿hubiese funcionado? no lo sabremos nunca...*

<http://insider.bubblegum.net/Post%20abril.htm>

13)

*Lástima no tener nadie con quien hacer apuestas. Claro que un día de estos podría empezar a tomarme un poco el pelo y darme el pronóstico equivocado. Si hago eso tengo que ser moderado y medir las consecuencias, no sea cosa de que me vaya a navegar creyendo que va a ser un día espléndido y me sorprenda una tormenta que me haga terminar en el fondo del mar. **Si** eso **sucediera**, el pronóstico malintencionado **habría sido** suministrado por un yo que nunca tendría la posibilidad de existir, por culpa de su propia imbecilidad.*

http://www.ogeid.com/blog/archivos/2003_03.html

2. Exemplos em português

a) A estrutura mais reconhecida nos instrumentos normativos para a expressão da contrafactualidade

Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto
--

1)

*Quanto: Uma fortuna. 8 reais o ingresso durante a semana, 10 de sexta a domingo. Quartas é dia promocional, você paga “apenas” 7 reais. Sem desconto para estudante. Quem tem um descontão são os clientes Unibanco, não é meu caso, não vou mais lá. Aliás, nem **teria ido** se **tivesse sabido** o preço com antecedência. Mas eu já estava lá mesmo, e louca para ver o filme, então fui. Valeu a pena.*

http://acavernadaogra.blogspot.com/2003_02_01_acavernadaogra_archive.html

2)

*“Se eu não **tivesse batido** na mesa o Itamaraty **teria feito** a gente retroceder na eliminação, em zerar um imposto de importação de marcapasso.*

www.ibest.estadao.com.br/ext/eleicoes2002/intserra/int10.htm

3)

*Se **tivesse ido** p/EdFAs direto, **teria estudando** c/elas e **estaria** formada...*

http://falange.weblogger.terra.com.br/200206_falange_arquivo.htm

4)

*Juro que se **tivesse sabido** antes **teria ido** te ver.*

nothingatallbia.weblogger.terra.com.br/200302_nothingatallbia_arquivo.htm

5)

*Tipo... Ontem teve uma festa sem graça na escola... ><' Mas a Nana tirou taro pra mim! ^^ Nossa... Deu cada coisa surpreendente!! XDD E tbm umas q deixaram chocada... --' Mas tudo bem!! Isso melhorou meu humor!!! XDD E na festa tocou uma banda do Jd Sao Paulo! Foi legal... Mas Acho q eu **teria ganhado** mais se **tivesse ficado** aki no comp... --'*

http://sa_chan.blogspot.com/2002_11_01_sa_chan_archive.html

b) A estrutura alternativa da variante anterior (a).

Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito composto

1)

*“Mas, se **pudesse**, **teria registrado** as imagens dos malabaristas e dos palhaços.”*

<http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/10/11/cid021.html>

2)

PAINEL DO LEITOR

Gastos

*"Li anteontem, na Folha, as tentativas de explicação dos integrantes do governo federal sobre as verbas federais de ajuda de custo, todas sem necessidade ('Painel do Leitor', pág. A3). A Folha está, mais uma vez, e parabéns por tocar num assunto tão delicado. Na concepção de André Singer, Frei Betto, Marcos Di Flora e Telma Feher, o que é legal não é imoral e, se a lei já existia, vamos apenas cumprir. Os valores mencionados são uma agressão ao sofrido povo brasileiro. Essa indecência tem que acabar. Se quiséssemos continuar como antes, não **teríamos eleito** Lula presidente."*

Paulo Roberto Machado (Campinas, SP)

Folha online, OPINIÃO, p. A3, 12/05/2003

c) A estrutura variante sem registro nos instrumentos normativos

Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo

1)

De: José Carlos <josecs@n...>

Data: Qui Jan 30, 2003 7:03 pm

Assunto: Seguros

Olá,

*Chamo-me José Carlos, o ano passado tive um grande acidente, estive em coma muito tempo....Sempre pensei que um acidente dáva para morrer, não pensava que fosse possivel ficar vivo.... Falo muito mal, ou não falo, ando muito mal... Se fosse hoje **tinha feito** um seguro maior. Estou inteiramente dependente e chato....Tonho a melhor opinião da FPVL e de quem trabalha por amor à camiseta...*

Z.C

<http://br.groups.yahoo.com/group/parapenteportugal/message/5704>

2)

*terça-feira - fiz a última prova (filosofia) do bimestre, e de tarde eu fui no dentista. descobri q minha dentista já foi 2 vezes pra Alemanha e q tudo q ela sabe falar em alemão é Guten Tag (q decepção, se fosse eu já **tinha aprendido** mto mais).*

http://www.talitasjc.blogspot.com.br/2002_10_01_archive.html

3)

*Os quatro anos seguintes, na minha opinião, foram quatro anos em que, se o presidente FHC **tivesse** noção que ia ser do jeito que foi, ele não **tinha aceitado** a tese da reeleição.*

<http://busca.estadao.com.br/ext/eleicoes2002/intlula/int7.htm>

4)

*Nessa hora eu entendi por que minha imagem favorita no filme é a aparição de uma placa escrito “Centro de Inteligência George Bush”. Como as palavras Bush e inteligência cabem na mesma placa? Ah, mas é o Bush pai. E ele era inteligente? Se fosse, **tinha feito** vasectomia antes de casar.*

http://www.lost.art.br/lola_recruit.htm

5)

Primeiro quando a gente tava descendo a escada rolante na estação d etrem o trem chegou daí a gente foi numa correria só rpo trem que acabamos por nem a carimbar nosso cartão pro trem...resultado logo ontem eles tavam fazendo uma blits nos trem checando todo mundo...e quando o cara ele pediu o da gente thomas mostrou nossos cartões, mas não tava carimbado hahahah ele teve que dar uam multa de 500 kronas, quase 250 reais, isso porque o cara que pegou a gente era legal e decidiu só multar Thomas, mas relamente essa foi péssima porque a gente tinha comprado o cartão e tava sempre carimbando e eles nunca checavam e quando acontece da gente não carimbar...é a vida né?

*Se fosse só isso **tinha sido** bom demais...Depois dessa a gente comprou outro cartão porque o da gente tava quase acabando, um cartão pra 10 viagens no trem ou no ônibus aqui em Copenhagen custa 95 kronas, mais ou menos uns 40 reais...deposi saímos da estação e fomos encontrar uma colega da gente...passada uma hora a gente tem que voltar, entramos no ônibus Thomas procura o cartão e nada de achar...descemos do trem e nada...saímos procurando na calçada e nada...acontece que junto que esse cartão pro transporte aqui tava um outro cartão pra 10 viagens de trem de Odense pra Copenhagen que custa 1600 Kronas, mais ou menos uns 800 reais e a gente só tinha usado 2 quando foi de Odense pra Copenhagen, então a genet perdeu as outras 8 viagens no trem...ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh e ainda por cima teve que comprar outro cartão de 90kronas pra andar em Copenhagen e pagar 400 kronas pra gente poder voltar pra Odense*

<http://encantada.blogspot.com/>

6)

Eu to muito feliz!!!! =D

Eu nao tinha passado no técnico e nem tava botando fé na segunda chamada porque tinham sobrado só 6 vagas (eu precisava q sobrassem 16!!). Mesmo assim, fui la hoje, porque tinham chamado do 41° ao 80° (eu

11)

terça-feira - fiz a última prova (filosofia) do bimestre, e de tarde eu fui no dentista. descobri q minha dentista já foi 2 vezes pra Alemanha e q tudo q ela sabe falar em alemão é Guten Tag (q decepção, se fosse eu já **tinha aprendido** mto mais).

http://www.talitasjc.blogspot.com.br/2002_10_01_archive.html

12)

A segunda vez é sempre melhor

Pela segunda vez na minha vida, saí para dançar...

A Titiane, cunhada ao quadrado, canta na Ilha dos Pescadores, nos shows de abertura e fechamento e a família inteira foi assistir.

Muitoooooooooooooooooooooooooooo

bommmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmm!

*Já estava louca para ir ,mas se soubesse que ela canta tão bem, já **tinha ido** antes! kikikikikikiki Ela tem a voz grave, como a Ivete Sangalo e é mutcho lindia (né por que é minha cunhada torta não, viu....ela é poderosa meissssssss)*

Comecei bem travadinha na cadeira, como cabe a uma muié que não sabe dançar. Dois dedos de cerveja e alguns copos de coca-cola depois (coca-cola me deixa rindo à toa...vai entender) , já lá pelas 3 da manhã, eu já estava pagando mico espremida ao lado da mesa, entre meu sogro e uma pilastra....kikikikikiki

http://sussurros.blogspot.com/2002_04_28_sussurros_archive.html

13)

Vamos por partes. Sexta eu fui pra monitoria, de noite eu fiquei em casa com o Bit. Sábado nós tivemos dois aniversários pra ir. Era pra ser um de dia e um de noite, acabou que o que era pra ser de dia foi até de noite. E eu comi muito, nos dois. Hoje é dia de estudar, e o Bit foi pra Goiânia pra ir ao médico.

*Estou sem nada pra contar.. meu final de semana foi legal. E o melhor: foi tudo de graça, pq se não **fosse** eu não **tinha ido**...*

- Daniella, [7:12 PM](#)

<http://danilarcher.blogspot.com/>

14)

*Ontem fui com meu irmão ao shopping para assistir "Não é mais um besteirol americano". Se soubesse não **tinha ido**. Filme mais sem graça. Piadas-nada-a-ver, cenas que não têm um fim. Copiam várias coisas de vários outros filmes de comédias. Bom, um lixo. Não recomendo.*

http://richardbit.blogspot.com/2002_05_01_richardbit_archive.html

d) A estrutura variante com o mais-que-perfeito do indicativo

Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo

1)

se tivesse me ouvido nesta E50 você só **tinha tido** lucro, não? ALEMATOS (25/04/07 13:38)

www.investshop.com.br/com/frm/lista_msg.asp?topico=4&p=1277 (Acesso 061107)

2)

 **Jose Cuervo**

ASSOCIADO

Mensagens: 306

Florianópolis - SC / Maringá - PR

22/03/2007, 10:21 Post

SHIT!


Eu quero dizer, WOW!!!

Eu não ganho nem pipoca de brinde da Igreja cara!

Dessa vez eu TIVE q subornar muita gente pra conseguir esses números no quarto sorteio viu...

Mas foi mais pra acabar com o transtorno de ter q ficar conferindo toda semana esse tópico...



Se tivesse me ouvido antes... **tinham** me **dado** o premio e essa novela ja **tinha acabado** faz tempo viu... (e eu **tinha economizado** uma grana com a folha de pagamento da loteria federal... )



Abraços!

Patric

<http://www.clubecalibra.com.br/forum/index.php?showtopic=9753&st=15&start=15> (Acesso 061107)

3)

Enviada: Ter Jun 05, 2007 12:49 am Assunto:

hehehehe agora consegui ver po! desculpa cara mas nao sabia dessa de mil letras

se tivesse avisado tinha diminuido..rsrsrsrs

mas nao achei nenhum exagero nao!!! o negocio ficou da hora msm!!!

vc citou ele no outro top e eu fiquei curioso,quando vi a materia gostei

msm ja pude conhecer bem o trabalho do Vasco e achei da hora tbm...

lembrando q hoje eh dificil achar um professor, uma gaita, como outras coisas tbm relacionadas a gaita

imagine no tempo deles entao..adimiro muito esses caras da antiga,esses dias vi uma materia sobre o edu da

gaita que achei otima tbm...e nao sabia nada a respeito dele e com a materia ja vi bastante sobre ele tbm

q eh mais da antiga ainda mais essa eh outra historia...

mas vou botar o link pra quem quizer ver tbm!!!

<http://www.saibamusica.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=108>

tntbendtnt@hotmail.com



http://www.forum.clickgratis.com.br/rodrigobrasilei/t-230_s-15.html (acesso 061107)

4)

[Relatório de batalha](#)

Cheguei ontem ao Santos Dumont, no Rio, às oito da noite, para pegar a ponte das 21h25, da TAM, para a qual eu tinha reserva.

Só então fiquei sabendo do toró de São Paulo que fechou Congonhas e atrasou todos os vôos.

Nada me restava senão me dirigir ao balcão da lanchonete e pedir um milk-shake de chocolate (que no Santos Dumont é líquido e sem xarope, hmmm, djilícia) e um misto-quente (sempre mais gostoso no Rio do que em São Paulo, onde o presunto é praticamente “frito” na chapa, eca). Atenção: foto antiga; dessa vez eu estava sem câmera.

Às 10 e meia da noite chamaram meu nome (e o de mais cinco passageiros) para comparecer ao balcão do check-in da TAM. Pensei que ia ficar no Rio. Não: tínhamos sido repescados do vôo das 21h25 para o das 20h15. Que já ia sair. Oba.

Já ia sair?

À meia noite e cinco nosso avião decolou.

À uma da manhã o comandante anunciou no alto-falante que, apesar de terem prometido que Congonhas permaneceria aberto até a 1h30, o aeroporto tinha acabado de fechar. Íamos então para Cumbica.

Aterrissamos em Cumbica à 1h20.

Às 2h, quando meu táxi estava chegando perto da Angélica, notei que Santa Cecília estava um breu só.

O apagão não tinha sido só aéreo.

Às 2h05, subi 11 andares a pé e no escuro.

Quem mandou não aproveitar pra dormir uma noite no Rio? Bem-feito. Agora vê se aprende!

Majô Says:

[Março 15th, 2007 at 2:03 pm](#)

tô com pena de vc, Riq, e VIVA O TREM, né ? !!!!

*se tivesse avisado, a galera aqui **tinha recebido** vc com o maior prazer prum chopp amigo hihi*

<http://viajenaviagem.wordpress.com/2007/03/15/relatorio-de-batalha/> (acesso 061107)

5)

22-09-2006, 14:23

[Priscill@](#)

Membro

Data de Registro: Feb 2003

Mensagens: 2.163

Citação:

Postado originalmente por **lookaway**
primeira semana de outubro to por ai 🚗

Se tivesse avisado, tínhamos mudado a data do encontro .. RÁ ..

Ah, mas eu esqueci q vc não se simpatiza comigo 😞

;*

Depois do concurso da Miss Boteco,

fiquei conhecida como \" Pedaçuda \".

Nem gosto 🤖🤖

<http://forum.hardmob.com.br/showthread.php?t=262634&page=4> (acesso 061107)

6)

Crimpar !?!

Experiência de hoje: tentar montar um cabo de rede crossover sem Alicate de Crimpar. Praticamente impossível, ou como comparou meu amigo Nori “como cortar a melancia sem faca”. Mas sou insistente, peguei o martelo de bater bife, uma chave de fenda - ok, 3 chaves de fenda - e apoiei na mesa o conector e pus a martelar.

Consegui!

Claro, todas as nuances do tipo fiozinho “verde - verde/branco - azul - azul/branco” que servem pra complicar um pouco mais, misturaram-se, o que era pra ser laranja, ficou verde.

Mas conector de cabo de rede (ainda mais esmagado por um martelo de bife) é como chiclete, usou uma vez joga fora. E é claro, eu só tinha dois chicletes, ou no caso, dois conectores. Conclusão, fiquei sem o cabo.

Hmmm, vou considerar a hipótese de gastar R\$ 15 no alicate que eu só vou usar uma vez.

This entry was posted on Tuesday, June 8th, 2004 at 12:51 am and is filed under Tecnologia. You can follow any responses to this entry through the RSS 2.0 feed. Both comments and pings are currently closed.

2. 9

André Says:

June 13th, 2004 at 7:28 pm

Ow! Se tivesse avisado eu tinha levado o meu aí na sexta...

<http://www.vardump.com/?p=1317> (acesso 061107)

7)

15.05.2006

31 anos

Já faz uns meses que eu vi uma tirinha na internet e pensei: “Vou guardar”. Tinha só dois quadrinhos. No primeiro, um sujeito pulava da cama de manhã, todo feliz, gritando “It’s my birthday!”. No segundo, a Morte movia mais uma pedrinha em seu ábaco.

Bom, desnecessário dizer que perdi a tirinha, já que precisei descrevê-la. Cá estou, um ano mais velho, e com várias coisas novas acontecendo. Não posso me queixar.

[Marco Aurélio Gois dos Santos](#) | [01:34](#) |

1

[Silvia Cássivi](#) says:

15 de maio de 2006 at 2:04 am

PARABÉNS!!!!

Também gosto de tirinhas, sempre dizendo muito em poucas palavras...

2

[Ará](#) says:

15 de maio de 2006 at 2:57 am

\0/, parabenza, saúde, paz, amor, felicidade, sabedoria, realizações, paciência, compreensão, tudo o que você faz por merecer e é lógico, dinheiro, afinal ninguém é de ferro. Beijo, Balzaquiano.

3

[Cabelo](#) says:

15 de maio de 2006 at 6:25 am

Parabéns. Agora, onde está Elias?

4

[Michelle](#) says:

15 de maio de 2006 at 8:25 am

Feliz Aniversário! Que seja um dia cheio de bênçãos!

Adoro seu blog, seu estilo e da forma simples como “traduz” a Bíblia. Muitas histórias que não tenho saco de ler nela aprendido aqui contigo 😊 Obrigada!

5

[Léo](#) says:

15 de maio de 2006 at 9:04 am

Parabéns pelo aniversário, e que tenhas muitos e muitos anos de felicidade e talento!

Abraço!

6

[Elner Ribeiro](#) says:

15 de maio de 2006 at 9:19 am

[PBF Archive](#). Tirinha [“Today is my birthday”](#).

7

[Junior](#) says:

15 de maio de 2006 at 10:07 am

Parabéns cabeça. Se tivesse avisado tinha rolado um brinde especial :o)

<http://www.jesusmechicoteia.com.br/2006/05/15/31-anos/> (acesso 061107)

8)

15-10-2004, 01:22:37

se tivesse me ouvido junto com o neo c tinha pegado kotor...

o jogo humilha muito cara ehehee

15-10-2004, 01:45:37

Po,nem foi isso nao cara,o KOTOR eu ja pegei ja.Chegei até o finalzinho so que parei pq tava rolando muito lento aquela fase da praia quando a Ebon Hawk cai.Aí por isso parei de jogar o KOTOR.Mas quando lançar o 2 eu vo estar lá pode ter certeza.

Acho que meu negocio agora vai ser tentar investir ou no Sacred ou no Ragnarok.

Só preciso saber essa parada da mensalidade.

No superdownloads tem o ragnarok full pra download.

Mas diz que expira em 15 dias.Ele realmente expira ou eu so n vo poder mais jogar em server normal?

<http://forum.gamesbrasil.com.br/archive/index.php/t-26157.html> (Acesso 061107)

e) A estrutura variante com os dois imperfeitos

Se + pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo

1)

ASPAS

VÍRUS DA HORA

Silvio Meira

"Amigo na praça, Sircam na caixa", copyright no. <www.no.com.br>, 27/7/01

"Esta não foi uma semana normal de jeito nenhum: além das reclamações que tenho a fazer ao Procom da vida, sobre provedores de soluções que têm me entregue bens e serviços (como atenções e amizades) com defeitos vários e pifando ainda no que deveria ser o prazo de garantia, recebi umas dez cópias, por dia, do Sircam. Que se trata de um novo e arrasador vírus que se espalha para o email de todo mundo que você (ou algum computador da sua rede) tem nas suas listas de email, sem nem mesmo usar sua conta ou o servidor de email da sua empresa. O fi-duma-égua só precisa de uma máquina conectada à rede, pois tem um servidor SMTP (Simple Mail Transfer Protocol) dentro do seu código, e age independentemente do seu 'correio eletrônico'. Uma frase típica, pronunciada por administradores de sistema, durante a semana, era... 'acho que nunca vi um vírus chegar tantas vezes no meu e-mail'... E estou entre os menos afetados, pois um de meus amigos recebeu 78 cópias num único dia!

Mas, se fosse só isso... **era** bom demais. Recebi também umas 50 mensagens sobre como me livrar de Sircam! Isso, por si só, já era um novo vírus, não tão destrutivo quanto, mas tão perturbador como... Em muitas das listas de que faço parte, administradores de sistemas mandaram mensagens 'oficiais' sobre como os mortais comuns poderiam se livrar do novo vírus, usando o software tal e qual; outros, apenas 'entendidos', achavam que tinham se livrado do vírus, e saíam dando bizus errados pras outras 'se livrarem também'. Cenário de Guerra dos Mundos, quase, um inferno tão impressionante que acabou me contaminando. Este artigo é uma conseqüência direta do Sircam, que não contaminou minha máquina nem usou suas listas de email, mas do qual, como um todo, não consegui escapar.

Pouca gente escapou: se você tem amigo na praça, se alguém inseriu você numa lista de endereços, o vírus provavelmente chegou à caixa postal. Se você está contaminado ou não, depende de que arquivos você abriu recentemente. O bicho pegou, no Brasil, muitas centenas ou talvez milhares de empresas, dezenas ou centenas de milhares de pessoas (não há dados confiáveis, mas o vírus atingiu, sem necessariamente contaminar, 5% dos PCs), todas as partes do governo e, claro, a Microsoft. De outra forma: em mais de uma lista, havia gente acusando a Microsoft de ser a culpada pela bagaceira, pois o vírus se espalha enviando uma cópia de si próprio para endereços que constam da lista do Outlook, ou, segundo alguns, o Outlouco, o software de mail da Microsoft que, como tantos outros produtos da empresa, é quase um padrão mundial. Mas vamos deixar isso pra lá que a Microsoft não é exatamente o problema, pelo menos não neste caso.

O Sircam é um vírus bem pensado e implementado: ao invés de enviar algum tipo de besteira como a 'Branca de Neve Pornô' que ainda está circulando na rede, ele manda arquivos que o usuário 'infectado' tem nos seus discos ou em qualquer máquina da mesma rede que tenha discos compartilhados ou que possam ser lidos de alguma forma. Pode ser sua declaração de renda, um arquivo de pautas musicais, o extrato de sua conta bancária, em suma, algo que está numa máquina perto de você, e que pode realmente causar dano quando enviado às suas relações. Um conhecido recebeu o conteúdo da agenda de uma amiga, onde havia linhas como '20h: jantar com fulano!...' Outro teve uma preciosa planilha de custos espalhada pela rede... E as mensagens são enviadas 'por você', para alguém que você tem na sua lista de endereços. Sinal de que, depois de 'brincadeiras' como 'I love you', os diletantes que se dedicam a estragar o dia (e parte da vida) dos outros, detonando seus computadores, estão realmente querendo causar prejuízo.

De uma forma mais ampla, que tipo de risco os vírus, em geral, oferecem? Pra começar, se você não souber e quiser entender o que são vírus e seus principais tipos, sugiro Fighting Computer Viruses <<http://www.sciam.com/1197issue/1197kephart.html>>, na Scientific American <<http://www.sciam.com/>>; uma explicação diagramática de como os ditos entram no seu e no meu computador (parte do mesmo artigo) está aqui <<http://www.sciam.com/1197issue/1197kephartbox1.html>>.

Se você já sabia como os vírus funcionam ou acabou de aprender, está também na hora de saber que, infelizmente, não só o céu é o limite para as desgraças que os vírus digitais podem nos impingir, mas isso é apenas o começo da história. Está demonstrado que é possível escrever vírus que não podem ser detectados, automaticamente, por outros programas; para uma prova matemática, leia An Undetectable Computer Virus, de David Chess e Steve White, que é o terceiro texto desta série <<http://www.research.ibm.com/antivirus/SciPapers.htm>>. Logo, vamos continuar dependendo, para sempre,

de uma primeira identificação humana, não-algorítmica, de um vírus, para então produzir seu identificador e uma possível vacina. O que manterá aberto e em expansão o mercado de trabalho dos especialistas em vírus. Criptografia parece que não vai ajudar muito a resolver o problema de contaminação de arquivos, mas assinaturas digitais podem resolver parte do problema -pelo menos até que apareçam vírus capazes de usar, também, as chaves dos usuários que tenham seus computadores infectados para se espalhar pela rede. O que pode ser, aliás, muito mais danoso para as partes afetadas. Mas isso é futurologia. Assumindo que a gente vá continuar sendo invadido por coisas como Sircam, quais são os limites para o que um vírus pode fazer?

Um vírus é um programa de computador, que pode fazer tudo (e só) o que um programa pode. Quanto mais abertamente o fizer, quanto mais gente afetar e mais rapidamente, mais facilmente será detectado e controlado. Mas um vírus que seja desenvolvido para permanecer escondido e que não infecte muita gente, pelo menos não muito rapidamente, pode fazer miséria. Um dos limites mais interessantes -e mais perigosos- é alguém aparecer com um vírus capaz de gravar tudo o que você (ou algum outro usuário) está fazendo na sua máquina e enviar para algum lugar. O que é possível fazer em qualquer sistema operacional, Microsoft ou não. Por razões completamente opostas, de segurança e supervisão (ou espionagem, como preferirem), a empresa keylogger.com <<http://www.keylogger.com/>> vende um programa pra fazer justamente isso. A propaganda, na primeira página do site, é deliciosa: 'Você quer saber o que suas crianças estão fazendo no computador? Seu/sua esposa/a está lhe traindo? Você precisa monitorar a atividade de seus empregados na Internet?' Nada mais Big Brother, não? O programa, me asseguram engenheiros de segurança, é trivial, poderia ter sido escrito por qualquer um/a que passou em uma boa disciplina de sistemas operacionais, ou por um/a curioso/a que entenda profundamente os meandros das relações entre os dispositivos, interfaces e objetos de entrada e saída (teclado, mouse, tela, janelas, caracteres...) de um computador qualquer.

Pense, então, para nosso terror, que algum garoto (nunca vi um hacker de nenhum dos outros sexos) mais dedicado escreve esta coisa, talvez à la Sircam, ma non troppo. Ela chega no meu micro disfarçada de algum arquivo que você até pode ter, realmente, me mandado. E se esconde em algum diretório escuso o suficiente para passar dias ou semanas despercebida, bastando para isso não fazer muita zoeira como a maioria dos vírus faz. O papel do 'nosso' vírus, recém-descrito, é simples: capturar letras, palavras ou qualquer coisa que eu toque, no micro, e associar à janela para a qual está sendo enviado, a que horas (e possivelmente, que resultado deu). Ah, sim... e, vez por outra, mandar o que descobriu para algum lugar da rede, também da forma mais escondida possível.

O leitor já entendeu que este novo brinquedo pode, simples e puramente, associar o endereço da página do seu banco à informação que foi teclada para ganhar acesso à sua conta e enviá-la pela rede! Muito legal... aliás, muito ilegal: que parte do código penal se aplica, aqui? E por que e como alguém faria isso e por que não seria detectado? Isso seria feito para obter informação possivelmente confidencial e potencialmente comprometedor sobre pessoas e instituições, claro. Coisas como banco, conta, senha; nome de usuário e senha em máquinas institucionais que o leitor usa, fora de sua empresa, e seria enviado para endereços de redirecionamento de e-mail, de forma a não ser detectado. Tal software não precisa nem ser criado como um vírus propriamente dito: ele poderia ser instalado manualmente, em cybercafés e pontos de acesso público à rede: mesmo que fosse detectado em poucas horas, o estrago estaria feito. Ou seja, a coisa não seria

espalhada na escala de Sircam, para não ser detectada quase que imediatamente: logo, não haveria vacina por um bom tempo...

Instalar tais vírus em locais de acesso público à rede pode ser muito fácil, dependendo do local: não conheço um engenheiro de segurança que se sinta à vontade para usar sua conta bancária em tais locais. Acabei pegando o medo... e só o faço da minha máquina. Como se não bastasse, tais programas podem ser tornados completamente invisíveis para quase todos os usuários: em Linux, é trivial fazer um driver (uma parte essencial do sistema operacional que é usada para tratar as informações de um dispositivo) rodar de forma completamente invisível (em modo stealth) até para os administradores de sistema. Em relação aos usuários comuns, é ainda mais simples, pois ao invés de um tal driver (que pode ser meio difícil de instalar), pode-se usar um processo normal do sistema operacional, pois os usuários normais (como nós, leitor) só vêem, no mais das vezes, seu processos... Em Windows, é mais difícil instalar um 'coiso' que pareça com estes dois, mas dá pra fazer e há lugares na rede que ensinam como.

Em suma, o inferno está aqui, às margens do Ipiranga, para ficar, e não se espere placidez, mas uma guerra implacável, sem trégua ou quartel. Há cada vez mais máquinas, cada vez mais conectadas, sendo usadas por um público cada vez menos apto a entender os detalhes de seu funcionamento -coisa que, aliás, ninguém tem obrigação de aprender, mesmo. Assim, os incidentes devem se tornar cada vez mais sérios e abranger um número cada vez maior de máquinas e usuários. Uma das poucas regras que funciona para diminuir os riscos é simples mas não é fácil de ser seguida: não abra arquivos, de nenhum tipo, que lhe cheguem juntamente com mensagens, vindas seja lá de quem for. Peça para mandarem uma cópia em HTML dentro da mensagem, por exemplo. Ou use um anti-vírus atualizado... que, mesmo assim, pode estar algumas horas ou dias atrasado em relação a um vírus que já está rodando escondido no seu computador, mandando cópia de todos os seus e-mails para... sabe-se lá quem?!?

[**Silvio Meira** é professor da UFPE e um dos pioneiros da Internet brasileira]

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/eno010820012.htm> (acesso 051107)

2)

Terça-feira, Novembro 16, 2004 [0 comentários](#)

Praticamente o fim do ano letivo. adeus colégio! mas não pra mim. Por que? Recuperação. De que? Matemática (f*ck!)
É justamente nessa época que seus pais jogam na sua cara "Tá vendo , se estudasse passava! mas fica nessa internet vagabundando! por isso nao passa!" tá tá... faz sentido.. mas olha: Eu passo em tudo, sem estudar, chega matemática eu me fudi pq a professor sacaneou pro meu lado... mas td bem, deu pra recuperar... Agora uma coisa dessa época de fim de ano é seus pais te obrigarem a estudar. Aliás isso acontece o ano todo, eu acho. Mas do que adianta? Pais impondo que a gente estude, só piora a situação (não, isso não é desculpa de aluno relaxado!). Cara..o seguinte é que o a gente quando estuda por livre e espontânea vontade (coisa rara hj em dia...) a gente aprende.

Agora quando os pais impoem, obrigam a gente a estudar e tal... o resultado pode ser bom, mas na maioria das vezes nao adianta em nada. Eu vejo assim: estudar tem q ser algo prazeroso, e não algo imposto pelos seus pais, de maneira muito ruim as vezes... Eu estudo quando vejo que é necessário (tem horas q é necessario estudar mesmo) ou então pra recuperar algum assunto perdido. E acho que cortar o que a gente mais gosta também nao adianta muito. Pq eu posso muito bem fingir que estou estudando... eh soh pegar um caderno e distrair, ao invés de ler. Sei lá... pareceu mais um discurso de aluno relaxado que quer por a culpa da recuperação em alguém, mas tenho certeza que existem pessoas com a mesma visão do assunto que eu... Mas é a vida...

http://mentedesconexa.blogspot.com/2004_11_01_archive.html (Acceso 051107)

3)⁹¹

Pergunta aberta

[Mostre-me outra »](#)

Certo dia,quando eu estava voltando da igreja.....?

...um rapaz,roqueiro, ao ver que eu estava de bíblia na mão, me parou na rua e me perguntou:

Por que no dia do juizo final,ao invés dos anjos tocarem as trombetas,não tocam uma guitarra??

eu até tocaria junto com eles!!!

ficaria chocante!!!manero...show de bola!!

os anjos iriam se amarrar no meu solo!!

Eu fique abismado.....pergunta estranha essa vocês não acham?????

eu nem o respondi!!!

cada coisa....

Graça e pazzz!!!!

Respostas



- by [Pepe Pernambucano](#)
Membro desde: 29 de Outubro de 2006

Total de pontos: 4590 (Nível 4)

É! Cada coisa!

E tem gente que ainda ganha pontos fazendo uma pergunta dessas!



- by [walderez s](#)
Membro desde: 29 de Setembro de 2007

⁹¹ Nesta seqüência de comentários, é possível observar o emprego de uma contrafactual com o imperfeito do subjuntivo na prótase e o imperfeito do indicativo na apódose e uma outra com o imperfeito do subjuntivo na prótase e o mais-que-perfeito do subjuntivo na apódose.

Total de pontos: 2453 (Nível 3)

Acho certo, porquê não modernizar um pouco? O som da guitarra é tão bonito!



- by ["o ateu"](#)
Membro desde: 10 de Outubro de 2007

Total de pontos: 686 (Nível 2)

maneiro....

dava pra fazer a banda apocalipse...

eu na bateria essa cara na guitarra....

ia ficar muito louco....



- by [Controlador de Tráfego](#)
Membro desde: 31 de Agosto de 2007

Total de pontos: 481 (Nível 2)

Uma mente iluminada cruzou teu caminho e tu não entendestes nada...



- by [Nadia M](#)
Membro desde: 16 de Agosto de 2006

Total de pontos: 2900 (Nível 4)

Bom...se fosse uma moça....até poderia ser uma "conversa", para te conhecer....mas..... não gostei.

Esse tipo de "solo" eu não gosto.

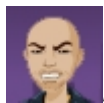
Nádia M.



- by [Klaudio](#)
Membro desde: 23 de Julho de 2007

Total de pontos: 319 (Nível 2)

Eu so acredito que é vai ser trombeta por que esta na biblia mas se nao estivesse seria massa guitarra.



- by [Cludio J](#)
Membro desde: 10 de Agosto de 2006

Total de pontos: 364 (Nível 2)

Não achei estranho não.

Afinal, o Céu de um pode ser o Inferno de outro. Foi criada pela cultura judaico-criatã que só pode ter um Céu e um Inferno, daquele jeito! Ora, e se a perspectiva de ficar zanznado por aí tocando harpa não for a de uma pessoa o que ela faz?

E, será que se a Bíblia fosse escrita hoje trombetas seriam tocadas? Por que não guitarras (não vale por que Deus quis)?

Pense nisso! Afinal, o White Metal tá! (Aeterna é um bom exemplo)

Não se feche no seu mundo e não se esqueça que muita coisa da Bíblia é imagem literária, logo pode ser substituída sem problemas.

Abrs!!!

- *by [Joe](#)*
Membro desde: 12 de Maio de 2007
Total de pontos: 11531 (Nível 6)
Se fosse eu, eu tocava a Bíblia na cabeça do roqueiro.
- *by [IIININII\(\)](#)*
Membro desde: 17 de Maio de 2007
Total de pontos: 3601 (Nível 4)
Seria interessante, também me amarraria, já que gosto de gothic rock. Mas é cômico, se não fosse surpreendente.
Muita paz para você!
Juninho
-  *by [AML57](#)*
Membro desde: 04 de Julho de 2007
Total de pontos: 576 (Nível 2)
E qual seria o problema? O pior foi o orgulho de quem estava em frente ao rapaz da guitarra que nem sequer teve a humildade de responder a sua própria opinião! E se o verdadeiro Messias já estivesse presente entre os homens e que fosse exatamente este rapaz da guitarra, tu, como farias para identificá-lo? Fechastes uma porta à ti mesmo pelo teu próprio orgulho!
Boa sorte para a próxima vez!
-  *by [GRACI](#)*
Membro desde: 20 de Dezembro de 2006
Total de pontos: 216 (Nível 1)
que bom!é sinal que ele quer fazer parte daquele lindo coral que averá lá no céu,não acha?
-  *by [Antonio Carlos G de Siqueira](#)*
Membro desde: 21 de Outubro de 2007

Total de pontos: 639 (Nível 2)

O respeito as escrituras deve ser mantido.

A bíblia representa a fé de milhões de pessoas ao redor da terra.

Não devemos ser desrespeitosos com outras religiões também.

*Historicamente sabemos que não existia guitarras elétricas no tempo de João (que escreveu o apocalipse). Se existisse talvez ele **tivesse escrito** guitarras.*

Assim como não existia o computador, ou se não teríamos "a grande base de dados" em vez de "o livro da vida", entendem?

Na bíblia está escrito que existem dois tipos de livros da vida. Um individual e outro geral onde todos os nomes de quem crê estão sendo escritos. É isso que temos na palavra de Deus e devemos acreditar.

Posso entender isso, olhando os computadores como funcionam, sendo a pasta com os nomes dos arquivos (o geral) e em cada ser humano um arquivo digital (.avi) sendo gravado com a vida de cada um que depois vai ser lido pelo Senhor.

eu acho... viajei?



- by [floresta](#)

Membro desde: 18 de Julho de 2007

Total de pontos: 967 (Nível 2)

E o teu orgulhosinho como de alguém que já está salvo e pertinho de Deus, deixa sem resposta uma pessoa muito mais inteligente do que você. Qual o problema das guitarras?? com o violão? ou outro instrumento musical? Se liga rapaz!! Não fiques cego e surdo com a Bíblia na mão gritando Aleluia!! Aleluia!!

Cada coisa



- by [Edi Shrek](#)

Membro desde: 02 de Setembro de 2007

Total de pontos: 994 (Nível 2)

Era New Jesus.



- by [JR](#)

Membro desde: 23 de Outubro de 2006

Total de pontos: 939 (Nível 2)

Eu diria:

" Amigo, trombeta era usada para anunciar algo interessante ou alertar o povo sobre algo

grandioso que estava por vir , como um alarme militar por exemplo.A guitarra ta totalmente fora desse contexto , nao acha? "

- *by [PAULO-AR...](#)
Membro desde: 25 de Setembro de 2007
Total de pontos: 889 (Nível 2)
não sei se foi alguma ironia dele, porém graças a DEUS que não é como certos roqueiros que pegam pesados,como alguns que violentam porque são evangélicos, é como minha irmã também roqueira,ela disse que só se converte se existir alguém que toque mais bateria que o grande ídolo dela.....
as vezes eles falam muita bobagem sem ter noção,mas muitos deles são pessoas que querem ter atenção,nós devemos chegar a ele,como,é um desafio!
BOM FINAL DE SEMANA VARÃO!!!!!!!!!!*



- *by [zezeinha da bahia](#)
Membro desde: 01 de Janeiro de 2007
Total de pontos: 4256 (Nível 4)
Ele estava tentando s justificar da sua maneira,mais a justificação vem de Deus,e ã de homens.*

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071102111015AA9zK9a> (acceso 051107)

f) A estrutura variante com o imperfeito do indicativo na apódose

Se + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo
--

1)

Tuesday, August 08, 2006

olha o ego, meu sinhô

Gente de ego inflado é tão indelicado. E pensar que eu cheguei a ter dó dessas pessoas, pensar que eu cheguei a querer ser AMIGA deles. Oh meu pai, help me.

Eis que estávamos, eu, Clarissa, meu iPod e nossas raízes criadas fazendo nada na sala quando as Madames Fazem-Tudo resolveram dar uma bronca em todo mundo do interno porque "não estamos nos esforçando pra ficar bom". Até aí tudo bem porque, é, ninguém tá se esforçando mesmo - já ganhamos a feira ano passado e esse ano queremos curtir. Mas sinta o ego inflando das duas:

"A gente ficou até 11 da noite fazendo o roteiro do teatro pra ficar bom e tem gente que nem decorou a fala ainda, pra sexta-feira! Eu fiquei até oooooonze horas da noite na casa da Helena fazendo esse roteiro!"
Meu rabo. Passou o tempo que eu falava "nossa, a Lud trabalha tanto né, coitadinha". Trabalha feito uma escrava porque quer, tem muita gente nesse interno querendo ajudar de verdade e elas em nenhum momento aliviaram o trabalho delas delegando funções pros outros. Se perdeu sua sexta-feira fazendo trabalho até às 11 da noite na casa da Helena, mal pra ti. Se tivesse avisado alguém sobre reunir na casa da Helena, nós **íamos** pra ajudar. O roteiro ficou muito bom e eu já elogiei muito as duas por ele (e mais todo mundo que ajudou que elas esqueceram de citar), então tá bom já né.
E eu vou mudar de restaurante pra almoçar. Não dá pra almoçar no meu restaurante de 'almoço ali faz dois anos' com um ex namorado psicopata me seguindo. E que tem um ego inflado maior que o Everest.

[Well I knew that snake was my own sweet dad
from a worn out picture that my mother'd had
and I knew that scar on his cheek and his evil eye
He was big and bent and grey and old
and I looked at him and my blood ran cold
and I said, my name is sue, how do you do?
Now you're gonna die]


.Johnny Cash - *Boy Named Sue*

- sabia que elefantes dormem em média 2 horas por dia? :D GUILHERME É UM ELEFANTE!

posted by Nielle at [3:56 PM](#) | [5 Comments](#)

http://themooglenest.blogspot.com/2006_08_01_archive.html (Acesso 061107)

2)

 Ontem, 17:57

[snowbird](#) 

Membro Junior

Gelo

Registrado em: Jul 2005

Localização: Rio de Janeiro

Mensagens: 23

Leticia,

desses lugares que voce falou, na epoca que voce vai o unico recomendavel seria Banff. Na verdade procure sunshine village, que tem em historico muito solido de snowfall. Banff/Lake louise neva pouco, eh mais snowmaking mesmo. o fresh pow est'a em sunshine Village.

dois comentarios:

- nao faz sentido sair do brasil pra ir pra East Coast, pois eh so gelo e neve artificial. ate porque os precos Canada east x canada west nao vao ser tao diferentes saindo do BRasil.

- Europa na primeira semana de janeiro eh muito cedo, arrisca nao ter nada mesmo, como no ano passado. Eu diria, Europa nem pensar, eh uma aposta muito arriscada pro inicio de janeiro.

Este ano estava em st moritz no carnaval, se tivesse ido em janeiro soh **ia ver** vaquinhas pastando...

Em suma, early season (inicio de Janeiro), quer se dar bem mesmo vah pra Whistler. 7th heaven em blackcomb tipicamente abre no Natal, ou um pouco antes, se a temporada comecar bem.

<http://www.snowbrasil.com/forum/showthread.php?t=1812> (acesso 061107)

3)

clarex said on 10/16/07 8:47 PM ...

não sei o que houve, mas.. força pra ele então né =)

poo eu tava siiim, se tivesse avisado a gente se **encontrava** ne!
fez o que aqui? beijoss

<http://www.fotolog.com/rickspics/> (Acesso 061107)

4)

NoCode

Jun 16 2007, 09:12 PM

RJ? Eu ia fácil! só pra ver o Cilent e o Crova! ^_^;

mas tenho q ver com calma pq la no trampo o bixo promete pegar... forte!

Bigamo sua puta paga, se tivesse avisado com 1 dia de antecedência eu **ia** no EH fácil, foda que no trampo nem rola de ficar entrando na HNERD pq o povo lá é mala com sites que não são de trampo, saca?

Fui e go EH²

TioJoao

Jun 16 2007, 09:17 PM

QUOTE(Crova @ Jun 15 2007, 07:48 PM) [snapback]962818[/snapback]

só pra avisar os hangarianos do rio

vai rolar woodstock covers hoje no circo voador

15 reais estudante

eu vou tá lá, se alguém tiver afim de trocar uma idéia e beber uma cerveja ouvindo um rock `n roll rules (só conheço black dog que vai tocar) é só me ligar 92701251 (21)

Se tivesse avisado na quinta eu **teria ido**, tava doido pra ver qualquer coisa no circo voador, inda mais um rock oldschool 🍷

<http://www.hangarnet.com.br/forum/lofiversion/index.php/t45703.html> (acesso 061107)

APÊNDICE II – Questionários aplicados em 2003

1. Questionário aplicado a falantes de língua espanhola

Nombre:

Nacionalidad:

Lea los siguientes enunciados e indique:

- si existe alguna diferencia de significado entre ellos;
- cuáles serían las circunstancias anteriores que propiciaron la producción de los enunciados;
- qué estructura usa con más frecuencia;
- en caso de identificar estructuras equivalentes, cuál usaría y por qué;
- si hay alguna estructura que no usaría o le parece rara y por qué.

1.

- a) Estoy tan quemado por el sol que si **fuera** un poco más miedoso **habría ido** al médico esta mañana.
 - b) Estoy tan quemado por el sol que si **hubiese/ra sido** un poco más miedoso **habría ido** al médico esta mañana.
 - c) Estoy tan quemado por el sol que si **hubiese/ra sido** un poco más miedoso **había ido** al médico esta mañana.
-

2.

- a) Si eso **sucediera**, el pronóstico malintencionado **habría sido** suministrado por un yo que nunca tendría la posibilidad de existir, por culpa de su propia imbecilidad.
- b) Si eso **hubiese/ra sucedido**, el pronóstico malintencionado **habría sido** suministrado por un yo que nunca tendría la posibilidad de existir, por culpa de su propia imbecilidad.
- c) Si eso **hubiese/ra sucedido**, el pronóstico malintencionado **había sido** suministrado por un yo que nunca tendría la posibilidad de existir, por culpa de su propia imbecilidad.

2. Questionário aplicado a falantes brasileiros de língua portuguesa.

Nome:

Leia os seguintes enunciados e indique

- se há alguma diferença de significado entre eles;
- quais seriam as circunstâncias anteriores que propiciaram a produção dos enunciados;
- que estrutura você usa com mais frequência;
- no caso de identificar estruturas equivalentes, qual delas você usaria e por quê.
- se há alguma estrutura que você não usa/usaria ou lhe parece estranha e por quê.

1.

- a) ... se o presidente FHC **tivesse** noção que ia ser do jeito que foi, ele não **tinha aceitado** a tese da reeleição.
 - b) ... se o presidente FHC **tivesse** noção que ia ser do jeito que foi, ele não **teria aceitado** a tese da reeleição.
 - c) ... se o presidente FHC **tivesse tido** noção que ia ser do jeito que foi, ele não **tinha aceitado** a tese da reeleição.
 - d) ... se o presidente FHC **tivesse tido** noção que ia ser do jeito que foi, ele não **teria aceitado** a tese da reeleição.
-

2.

- a) A minha irma falou q **se fosse** com ela **tinha ido** até o 55, hehe!!
- b) A minha irma falou q **se fosse** com ela **teria ido** até o 55, hehe!!
- c) A minha irma falou q **se tivesse sido** com ela **tinha ido** até o 55, hehe!!
- d) A minha irma falou q **se tivesse sido** com ela **teria ido** até o 55, hehe!!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)